



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

CIDADE DENTRO DA CIDADE

Revitalização de um quarteirão como forma de devolver a cidade à comunidade

Pierre Emmanuel Inácio Abel

(Licenciado em Estudos Arquitectónicos)

Mestrado Integrado em Arquitectura com especialização
em Arquitectura

Orientador Científico:

Professor Doutor **Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias**

**Dissertação/Projecto para obtenção de Grau de Mestre em
Arquitectura**

Documento Provisório

Projecto Final de Mestrado

Lisboa, 8 de Fevereiro de 2013

Título da Dissertação: Cidade dentro da cidade:
Revitalização de um quarteirão como forma de devolver a
cidade à população

Nome do aluno: Pierre Emmanuel Inácio Abel

Orientador: Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

Mestrado: Mestrado Integrado em Arquitectura

Data: 8 de Fevereiro de 2013

I. RESUMO

O presente relatório final de Mestrado aborda a temática da revitalização do centro histórico da cidade como forma de o devolver à população enquanto espaço de habitar. São aprofundados os fenómenos que causaram e continuam a causar a perda de identidade dos centros históricos e, com base na investigação efectuada, são deduzidas estratégias de intervenção urbana e arquitectónica capazes de dar resposta à problemática exposta e congruentes com o *zeitgeist* contemporâneo. Estas estratégias têm como objectivo a criação de um ambiente urbano propiciador do tipo de relações sociais e de identificação com o espaço construído envolvente associáveis às vivências típicas das zonas tradicionais de Lisboa.

Assim, a relação do construído com o espaço público e as suas implicações ao nível das dinâmicas sociais e da experiência fenomenológica do indivíduo assume um grande grau de importância como temática de estudo da presente dissertação. Procura-se, portanto, uma complementaridade entre aspectos de intervenção mais pragmáticos – como a introdução de usos misto - com abordagens mais abstractas relacionadas com a experiência estética e a sua influência como propiciadora de um processo de revitalização urbana.

O projecto final de mestrado incide sobre uma intervenção de densificação do interior do quarteirão adjacente ao Hospital de Desterro, composta por um complexo habitacional misto complementado com unidades de lazer, trabalho e comércio, incorporando a reabilitação e renovação de edifícios pré-existentes. O projecto encontra-se ligado à temática estudada, visando materializar as estratégias aferidas ao longo da investigação.

Palavras-chave: revitalização urbana; densificação; requalificação do espaço público; socialização e vivência

I. ABSTRACT

This final master's report approaches the thematic of revitalization of the city's historic center as way of its restitution to the general population as place of dwelling. It studies the phenomena for causing the progressive loss of identity of the historic centers and, based on the conducted research, deduces intervention strategies - both urban and architectonic in nature - capable of answering the exposed problematic conditions and consistent with the contemporary *zeitgeist*. This strategies aim the creation of an urban environment in which the kind of social relations and one's identification with the built space associated with the typical experience of traditional Lisbon's neighborhoods is possible.

Thus, the relations between the built mass and the public exterior space and its implications regarding social dynamics and one's phenomenological experience acquire a large degree of importance as a theme of study in this dissertation. It aims to establish a complementarity between more pragmatic intervention aspects – such as the introduction of mixed uses – and more abstract approaches, related with the aesthetic experience and its influence as a mean of favoring a process of urban revitalization.

The master's final project focuses in a densification intervention of the interior of *Hospital do Desterro's* urban block, consisting of a mixed habitation complex complemented with commercial, leisure and business uses, incorporating the rehabilitation and renovation of pre-existing buildings. The project is connected to the development of the researched theme, aiming to materialize the deduced strategies acquired as a result of the research conducted.

Keywords: urban revitalization; densification; public space requalification; socialization and living experience.

II. AGRADECIMENTOS

Aos meus colegas de faculdade e amigos, que me ajudaram e apoiaram ao longo de todo o meu percurso académico e, em especial, aos que me acompanharam na fase final deste percurso: Tiago Galego, Cristiano Rodrigues, Maria Inês, João Miguel Silva, Miguel Guimarães, Luís Barge, Michael, Marco Serra, André Bengochea, João Samina e Eduardo Arnaut.

Ao Professor Hugo Farias, pela orientação e pela disponibilidade e simpatia com que sempre me recebeu.

Aos meus amigos fora da faculdade, pelo suporte e motivação.

A todos os professores que me formaram, tanto na Faculdade de Arquitectura, como no meu percurso anterior.

E principalmente à minha mãe, que me proporcionou a educação que quis e me suportou incansavelmente e heroicamente ao longo dos anos.

III. ÍNDICE GERAL

I. RESUMO	II
I. ABSTRACT	III
II. AGRADECIMENTOS	V
III. ÍNDICE GERAL	VII
IV. ÍNDICE DE FIGURAS.....	XI
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 EVOLUÇÃO DA CIDADE.....	5
2.1 CIDADE ANTIGA / CIDADE CLÁSSICA	6
2.2 A CIDADE MUÇULMANA	8
2.3 A CIDADE MEDIEVAL	9
2.4 A CIDADE RENASCENTISTA	10
2.5 A CIDADE BARROCA	11
2.6 A CIDADE INDUSTRIAL	12
2.7 A CIDADE MODERNA	14
2.8 A CIDADE ACTUAL	15
2.9 OBSERVAÇÕES	16
3 A CIDADE ACTUAL	17
3.1 A EXPLOÇÃO DEMOGRÁFICA	18
3.2 ECONOMIA E POLÍTICA – ESPECULAÇÃO E MERCADO DA HABITAÇÃO	20
3.3 O AUTOMÓVEL NA CIDADE	21
3.4 O PROCESSO DE SUBURBANIZAÇÃO	24
3.5 O DESPOVOAMENTO DOS CENTROS HISTÓRICOS	26
3.7 A CIDADE NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO	31
3.8 OBSERVAÇÕES	35
4 ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO.....	37
4.1 DENSIFICAÇÃO DO TECIDO URBANO	38

4.1.1 POSSÍVEIS DESVANTAGENS DO PROCESSO DE DENSIFICAÇÃO.	40
4.1.2 EVITAR A SOBREDENSIDADE	41
4.2 INTRODUÇÃO DE USOS MISTOS	43
4.3 RENOVAÇÃO E REABILITAÇÃO DOS EDIFÍCIOS EXISTENTES	45
4.4 APROXIMAÇÃO A UM MODELO DE CIDADE TRADICIONAL	48
4.5 ESPAÇO PÚBLICO COMO POTENCIADOR DE REVITALIZAÇÃO E QUALIFICADOR DO URBANO	53
4.6 OBSERVAÇÕES / CONCLUSÕES	56
5 CASOS DE ESTUDO.....	57
5.1 EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO NA RUE DE SUISSE	59
5.2 FÜNF HÖFE (FIVE COURTYARDS), PASSAGEM COMERCIAL	60
5.3 EDÍFICIO DE APARTAMENTOS ADJACENTE A UMA EMPENA	61
5.4 HABITAÇÃO SOCIAL NA RUE DE MEAUX	62
6 CIDADE DENTRO DA CIDADE : REVITALIZAÇÃO DO QUARTEIRÃO ADJACENTE AO HOSPITAL DO DESTERRO	63
6.1 ÁREA DE INTERVENÇÃO	65
6.2 ESTRATÉGIAS GERAIS DE INTERVENÇÃO	66
6.2.1 RENOVAÇÃO DO PARQUE URBANO	66
6.2.2 FRAGMENTAÇÃO DO QUARTEIRÃO	67
6.3 DENSIFICAÇÃO	68
6.4 APROXIMAÇÃO A UM MODELO DE CIDADE TRADICIONAL	69
6.5 – ESPAÇO PÚBLICO COMO QUALIFICADOR DO URBANO E POTENCIALIZADOR DE REVITALIZAÇÃO	72
6.5.2 TIPOS DE ESPAÇO PÚBLICO PROPOSTO	73
6.5.2.1 Rua / Percursos.....	73
6.5.2.2 Praceta	75
6.5.3.3 Cluster	76
6.6 PROGRAMA – INTRODUÇÃO DE UM PROGRAMA DE USOS MISTOS	79
6.6.1 HABITAÇÃO.....	79
6.6.1.1 HABITAÇÃO CONVENCIONAL	79

6.6.1.2 HABITAÇÃO TEMPORÁRIA	80
6.6.1.3 HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	80
6.6.1.4 HABITAÇÃO EXPERIMENTAL	81
6.6.2 TRABALHO.....	81
6.6.3.1 ESCOLA SUPERIOR DE ARTES	82
6.6.3.2 MEDIATECA.....	82
6.6.3.3 ATELIERS PÚBLICOS	83
6.6.3.4 ESPAÇO DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS.....	83
6.6.4 COMÉRCIO E SERVIÇOS	83
6.7 REABILITAÇÃO E RENOVAÇÃO DOS EDIFÍCIOS EXISTENTES	85
7 CONCLUSÃO.....	89
8 BIBLIOGRAFIA	94
9 ANEXOS	99

IV. Índice de Figuras

- Figura 1. Plano de Mileto (429 AC) Plano de Mileto (429 AC)
(fonte: LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. P.142) 6
- Figura 2. Timgod – Plano de assentamento romano escavado pela Direction des Antiquités (Governo da Argélia) Timgad – Plano de assentamento romano escavado pela Direction des Antiquités (Governo da Argélia) (fonte: LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. P.145) 6
- Figura 3. Plano de Fustat (Cairo)– Esboço de Goitia (fonte: GOITIA, Fernando Chueca. *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1982, p.62) 8
- Figura 4. Plano de Lugignano (Itália). Cidade medieval radiocêntrica – esboço de Goitia (fonte: GOITIA, Fernando Chueca. *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1982, p.91) 9
- Figura 5. Plano de Palmanova (fonte: GOITIA, Fernando Chueca. *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1982, p.106) 10
- Figura 6. Praça de S. Pedro (Roma) – Esboço de Goitia (fonte: GOITIA, Fernando Chueca. *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1982 p.138) 11
- Figura 7. Área Periférica de Londres, loteada segundo as regras das bye laws (fonte: LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. P.205) 12
- Figura 8. Evolução das formas urbanas tradicionais até às modernas, segundo Antoine Prieur (fonte: LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da

- cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. P.339) 14
- Figura 9. Intersecção viária em Chicago (EUA) ilustrando a interrupção da malha urbana provocada pelas grandes vias de circulação (fonte: CARMONA, Matthew, Steve Tiesdell, Taner OC, e Tim HEATH. Public places- urban spaces. London: Taylor & Francis LTD, 2010 p.181) 21
- Figura 10. Le Corbusier – La Ville Contemporaine (fonte: LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. P.353) 28
- Figura 11. Le Corbusier – La Ville Radieuse (1930). Dois painéis ilustrando o confronto entre as formas urbanas tradicionais e as novas propostas. (fonte: LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. P.357) 29
- Figura 12. Exemplo de urbanismo operacional. Cidade nova de Champigny sur Marne, região de Paris (fonte: LAMAS, José Manuel Ressano Garcia (1993). Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. P.30) 30
- Figura 13. Confronto entre espaços positivos e espaços negativos Confronto entre espaços positivos e espaços negativos (fonte: CARMONA, Matthew, Steve Tiesdell, Taner OC, e Tim HEATH. Public places- urban spaces. London: Taylor & Francis LTD, 2010 p.75) 49
- Figura 14. Visão serial - Sucessão de pontos de vistas ao longo de um percurso pedestre. Esboços de Cullen (fonte: CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 1984. P.19) 50

- Figura 15. Banco do Parq Guëll em Barcelona – Antonio Gaudí.
(fonte: <http://www.xn--esarteespaol-jhb.es/contenido.php?recordID=62>) 55
- Figura 16. Edifício de habitação em Paris – Herzog & de Meuron. Fachada adjacente à Rue de Suisse (fonte: Revista El Croquis, n.º 109/110, Herzog & de Meuron 1998-2002, Madrid, Editorial El Croquis, 2002. P.102) 59
- Figura 17. Edifício de habitação em Paris – Herzog & de Meuron. Planta do piso térreo (fonte: Revista El Croquis, n.º 109/110, Herzog & de Meuron 1998-2002, Madrid, Editorial El Croquis, 2002. P.102) 59
- Figura 18. Edifício de habitação em Paris – Herzog & de Meuron. Corte longitudinal (fonte: Revista El Croquis, n.º 109/110, Herzog & de Meuron 1998-2002, Madrid, Editorial El Croquis, 2002. P.102) 59
- Figura 19. Fünf Höffe –Herzog & de Meuron. Vista de um dos pátios. (fonte: Revista El Croquis, n.º 109/110, Herzog & de Meuron 1998-2002, Madrid, Editorial El Croquis, 2002. P.138) 60
- Figura 20. Fünf Höffe – Herzog & de Meuron Esquemas organizativos (fonte: Revista El Croquis, n.º 109/110, Herzog & de Meuron 1998-2002, Madrid, Editorial El Croquis, 2002. P.138) 60
- Figura 21. Fünf Höffe – Herzog & de Meuron. Fachada exterior (fonte: Revista El Croquis, n.º 109/110, Herzog & de Meuron 1998-2002, Madrid, Editorial El Croquis, 2002. P.38) 60
- Figura 22. Edifício de habitação em Basileia – Herzog & de Meuron. Implantação no interior de um quarteirão (fonte: Revista El Croquis, nº60+84, Herzog & de Meuron 1981-2000, Madrid, Editorial El Croquis, 2001.) 61
- Figura 23. . Edifício de habitação em Basileia – Herzog & de Meuron. Vista da entrada e empena adjacente.

(fonte: http://www.pritzkerprize.com/sites/default/files/2001-w-02lg_0.jpg)	61
Figura 24. Edifício de habitação social na Rue de Meaux – Renzo Piano. Fachada voltada para o exterior do quarteirão (fonte: http://housingprototypes.org/project?File_No=FRA006)	62
Figura 26. Edifício de habitação social na Rue de Meaux – Renzo Piano. Corte transversal. (fonte: http://housingprototypes.org/project?File_No=FRA006)	62
Figura 27. Área de Intervenção	65
Figura 28. Edifícios removidos.	66
Figura 29. Proposta – Vista de topo	67
Figura 30. Vazios	72
Figura 31. Percursos deambulatórios	74
Figura 32. Percorso directo	74
Figura 33. Pracetas e pátios	75
Figura 34. Clusters	76
Figura 35. Habitação	79
Figura 36. Habitação convencional	80
Figura 37. Habitação temporária – Residência de estudantes.	80
Figura 38. Habitação Unifamiliar	81
Figura 39. Habitação Experimental	81
Figura 40. Escritórios	81
Figura 41. Equipamento público	82
Figura 42. Comércio e Serviços	83
Figura 43. Distribuição de usos	84
Figura 44. Vista da construção adjacente ao Hospital do Desterro e da sua cobertura junto à entrada da Rua Nova do Desterro	85
Figura 45. Vista da construção no interior do quarteirão e das fachadas traseiras dos edifícios adjacentes à Rua Capitão Renato Baptista	85

Figura 46. Vista da Rua capitão Renato Baptista, com a área de intervenção à esquerda	85
Figura 47. Proposta – Em cima: fogo-tipo, abrangendo o edifício pré-existente e o novo volume no interior do quarteirão.	86
Figura 48. Organização pré-existente.	86

1 | INTRODUÇÃO

A presente dissertação está ligada à proposta de projecto para a revitalização do quarteirão adjacente ao Hospital do Desterro. Tem como idealização inicial e ponto de partida, a criação de um ambiente arquitectónico que recupere vivências e sentido de comunidade e apropriação do espaço associados na mente colectiva a zonas tradicionais de Lisboa - numa das quais a área de intervenção se insere – mas que se têm vindo a desintegrar progressivamente. Este é um fenómeno de origens complexas mas que se manifesta na perda de vitalidade funcional da cidade, que deixa progressivamente de ser um local de habitar sendo substituída por um *“lugar do consumo e da burocracia onde já quase se não habita.”*¹ Da mesma forma, assiste-se a uma crescente falta de qualidade do viver público e de apropriação social e cultural do espaço.² Com efeito, verifica-se o efeito de progressiva transformação dos centros históricos de Lisboa, ora em espaços degradados, devido à não renovação do parque habitacional, ora em espaços nobres mas inacessíveis como habitat, tornando-se apenas em lugares de visita. É numa perspectiva de inversão desta tendência que se baseia a investigação efectuada.

Esta problemática começou a ser discutida inicialmente por autores como Jane Jacobs³ que se opõe ao urbanismo operacional que se impunha na maior parte das cidades americanas, enaltecendo as virtudes dos bairros antigos e a

¹ PEREIRA, Maria da Luz Valente. Reabilitar o Urbano ou como restituir a cidade à estima pública. 1987: LNEC, Lisboa. pg5

² *idem*

³ JACOBS, J. (1961). *The death and life of great american cities*. New York: Random House

sua capacidade de gerar ambientes urbanos cheios de vitalidade.

Tendo em conta estes factores, o trabalho pretende aferir quais as condições necessárias - funcionais, organizativas e fenomenológicas - para a criação de um espaço urbano capaz de estabelecer relações de comunidade e de identificação do espaço habitado com os seus utilizadores. Pretende-se, de igual modo, perceber de que forma essas condições podem ser expressas através do desenho e configuração do espaço, da materialidade e disposição de focos funcionais. Através desta aferição, o trabalho tem como objectivo a aplicação concreta destas estratégias na criação de um ambiente urbano de densidade alta, que proporcione relações de proximidade entre usos, de identificação dos moradores com o espaço e de atractividade funcional e fenomenológica capaz de actuar a uma escala mais alargada que o quarteirão, atraindo utilizadores da zona envolvente e da cidade.

Propõe-se então analisar primeiramente quais os mecanismos que propiciam essa desintegração. Através dessa investigação pretende-se aferir quais as estratégias que podem actuar como força contrária a esse processo, e, finalmente, de que forma se podem aplicar essas estratégias no caso concreto da área de intervenção em estudo.

Assim, a dissertação teórica subdivide-se em seis capítulos nos quais se insere a presente introdução e que corresponde ao primeiro capítulo. No segundo capítulo far-se-á uma abordagem à evolução da cidade ao longo da história, mais focada nos aspectos de organização espacial e de vivência pública, com o objectivo de perceber de que forma esta sucessão de formas de pensar a cidade e a sua aplicação influenciaram a cidade de hoje.

No terceiro capítulo pretende-se analisar mais a fundo os fenómenos que influenciaram a evolução da cidade mais recentemente e que, por isso, se reflectem de forma mais importante na organização e características da cidade actual. Neste capítulo, e através da análise dos diversos factores, pretende-se identificar mais precisamente a problemática em estudo.

No quarto capítulo, é feita uma exposição de estratégias gerais de intervenção com vista a responder à problemática apresentada e com vista a ir de encontro aos objectivos da dissertação. Estas estratégias visam responder ao problema como um todo, no entanto, em consideração as condicionantes particulares da área de intervenção em estudo. Este estudo é feito com o apoio da investigação do trabalho desenvolvido por autores que abordaram anteriormente as problemáticas apresentadas. Pretende-se que, simetricamente à apresentação da problemática, estas estratégias abranjam aspectos de carácter geral e particular. Investiga-se de que forma a vitalização de um conjunto urbano pode ser conseguido através de estratégias de escala urbana até à escala da apropriação do espaço por parte do Homem.

No quinto capítulo, é feita uma exposição de casos de estudo que, pelas suas características, se identificam com as premissas defendidas ao longo da presente dissertação e com a proposta de projecto final de mestrado.

No último capítulo, pretende-se demonstrar de que forma as estratégias de intervenção apresentadas anteriormente são implementadas concretamente no projecto e é feita uma descrição dos espaços propostos.

Devido a incidir numa temática de forte componente social e, conseqüentemente, afectada por factores de vários e

escala de actuação, far-se-á uma abordagem desde o geral – contexto histórico e sócio-cultural e respectivas consequências à escala da cidade – até ao particular, patente na forma como esse contexto afecta de forma mais localizada o indivíduo e a sua experiência, tanto da cidade como um todo como da envolvente arquitectónica imediata.

O projecto final de mestrado, como o nome sugere, propõe a criação de um ambiente arquitectónico multifuncional – uma pequena cidade – inserida num vazio urbano inutilizado, inserindo-se numa estratégia de crescimento da cidade “para dentro”, e tem em vista a aplicação concreta das estratégias e conclusões aferidas no decorrer da investigação de forma a concretizar as premissas iniciais a que a presente dissertação se propõe. A abordagem ao projecto é focada nas premissas iniciais do projecto de revitalização de uma vizinhança urbana no qual tem grande preponderância o espaço público, mas que se reflecte também no espaço privado e particularmente, na casa. Assim, centra-se num complexo arquitectónico multifuncional mas de uso primariamente habitacional associado a um espaço público e, a uma escala mais aproximada, numa das habitações propostas, como forma de aplicar de forma mais localizada as estratégias aferidas no processo de investigação e caracterizar a linguagem arquitectónica de todo o conjunto, adoptada como resposta às premissas expostas.

2 | EVOLUÇÃO DA CIDADE

De forma a melhor perceber a cidade de hoje e o porquê das qualidades e defeitos, importa olhar para o passado e analisar quais os processos que a transformaram ao longo do tempo. As cidades podem-se equiparar, de certa forma, a organismos vivos: crescem (ou definham) e modificam-se ao longo do tempo e em função da evolução dos elementos que a constituem e definem, sejam estes as pessoas, a cultura, ou a construção física.

A cidade de hoje é, portanto, o resultado das transformações que sofreu ao longo de todo o seu tempo de vida, conforme as circunstâncias socioculturais do Homem que a habitou. Sendo o caso de estudo desta tese situado na cidade Lisboa, de história muito extensa, é especialmente pertinente analisar a sua transformação.



Figura 1. Plano de Mileto (429 AC)



Figura 2. Timgod – Plano de assentamento romano escavado pela Direction des Antiquités (Governo da Argélia)

2.1 | CIDADE ANTIGA / CIDADE CLÁSSICA

“No alvorecer da História, a cidade é já uma forma amadurecida.”⁴. Para determinar as origens da cidade é necessário estudar as ruínas dos primeiros aglomerados populacionais pré-históricos. No entanto, é a partir do surgimento das civilizações sumérias e do vale do Indo e da invenção da escrita que começamos a conseguir obter informação mais concreta sobre o que era a cidade antiga.

Devido ao relativo isolamento cultural das civilizações existentes neste período, as cidades apresentavam diferenças de cultura para cultura, mas no geral podem ser caracterizadas pela sua forte riqueza de carácter monumental, e pelo facto de, mais que cidades como parte de uma nação, assumiam-se como cidades-nação, onde vivia a maior parte da população.

A cidade egípcia apresentava um traçado geométrico rigoroso e de inspiração astronómica. Os seus templos e palácios monumentais assumiam-se como demonstração do poder quase divino do domínio faraónico. A cidade grega clássica, por influência de Hipódamo de Mileto apresentava um traçado cartesiano rigoroso, cuja monotonia era interrompida pelo centro cívico – ágora – onde se desenrolava toda a vida pública e social da cidade. Este possuía geralmente, especialmente no caso das ágoras mais antigas, uma forma amorfa e irregular⁵, gerada mais pelo sentido estético que pela racionalidade que definia o resto da cidade.

A cidade típica da civilização romana era definida também por um traçado cartesiano rígido, orientado segundo dois grandes eixos referentes aos ventos dominantes, mas no

⁴ MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. S. Paulo: Martins Fontes, 1982. P.9

⁵ MUMFORD, Lewis. *Op.cit.*

qual, ao contrário da Grécia, o sentido prático impunha-se ao plano estético e espiritual⁶. Este traçado era mais verificável nas cidades coloniais, com topografias menos acidentadas. Nas cidades em que não era possível cumprir com rigor o traçado cartesiano, eram erigidos complexos edificados de grande imponência que constituíam a parte mais majestosa da cidade.

⁶ GOITIA, Fernando Chueca. *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1982. p.66

2.2 | A CIDADE MUÇULMANA

Na obra *Breve História do Urbanismo*, Goitia define a cidade muçulmana como “... uma cidade secreta, indiferenciada, sem rosto, misteriosa e recôndita, profundamente religiosa, símbolo da igualdade dos crentes perante o Deus supremo.”⁷ Esta diferença em relação às culturas europeias manifesta-se tanto nos edifícios como nos espaços públicos. As ruas eram frequentemente tortuosas, irregulares, compostas por fachadas nuas, onde muitas vezes existia apenas a porta de entrada. As manifestações de riqueza existiam apenas no pátio interior das habitações, local de socialização muçulmano por excelência. O muçulmano encontrava assim, nesta ausência de perspectiva prolongada uma forma de preservar o seu intimismo mesmo no espaço público. Em contraste, os mercados eram locais cheios de vida, onde se amontoavam pessoas de várias culturas.



Figura 3. Plano de Fustat (Cairo) – Esboço de Goitia

⁷ GOITIA, *Op. Cit.* p.75

2.3 | A CIDADE MEDIEVAL

Com o início do desenvolvimento do comércio, a cidade medieval começa a atrair cada vez mais habitantes do meio rural que aí têm a oportunidade de se libertar da servidão do meio rural dominado pelo sistema feudal. Muitas vezes situadas em locais de difícil acesso, topografia acidentada e cercada por muralhas por necessidades de defesa, a cidade crescia de forma orgânica e natural, em torno da catedral ou templo central que dominava a cidade. Este crescimento aparentemente desordenado e limitado pelas muralhas delimitantes da cidade levou, por um lado, a uma grande densificação da cidade, que provocava uma deficiência de salubridade e más condições de higiene. Por outro lado, a morfologia irregular do tecido urbano permitiu, que cada rua e cada praça tivesse o seu carácter inconfundível. Embora este tipo de disseminação urbana orgânica tenha sido classificado de “caos” por racionalistas como Descartes, alguns autores exultam as qualidades da cidade medieval e do seu urbanismo espontâneo e quase intuitivo. Lewis Mumford, em a *Cidade na História* argumenta que *“Apesar de toda a sua variedade, compõem um padrão universal; e seus próprios afastamentos e irregularidades, em geral, não são apenas válidos, porém, muitas vezes, subtis na sua mistura de necessidade prática e visão estética.”*⁸

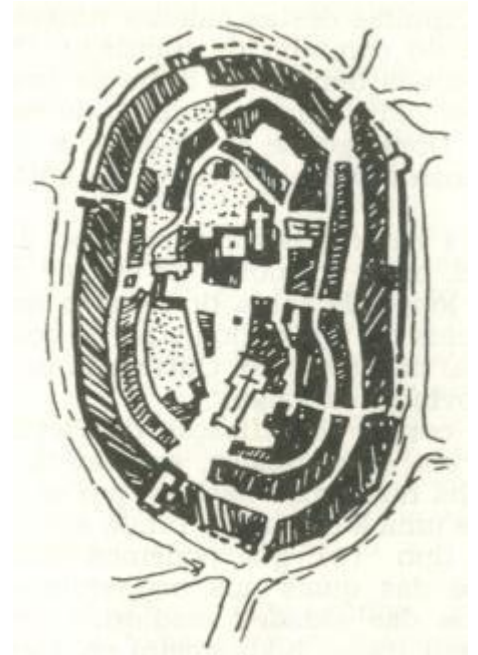


Figura 4. Plano de Lugignano (Itália). Cidade medieval radiocêntrica – esboço de Goitia

⁸ MUMFORD, Lewis. *Op.cit.* p.329



Figura 5. Plano de Palmanova

2.4 | A CIDADE RENASCENTISTA

Com o surgimento do movimento intelectual renascentista, que revisita os ideais da arquitectura e urbanistas da antiguidade clássica, há uma tentativa de reformular a cidade no sentido destes ideais. No entanto, se é verdade que, durante este período, a arquitectura conhece um grande desenvolvimento, apoiada nos ensinamentos de Vitruvius, o mesmo não se poderá dizer do urbanismo, cujas contribuições Goitia apelida de “*insignificantes*”⁹, quando comparadas com a arquitectura do mesmo período.

Com efeito, a planta da cidade ideal renascentista, mais teórica que real, deveria ser circular ou inscrita num círculo com muitas faces por razões militares. As intervenções renascentistas mais aceites na cidade acabam por ser a criação de novas praças que enquadravam os monumentos mais destacados e abertura de algumas ruas novas, ladeados de edifícios solenes e uniformes.¹⁰ Estas contribuições criaram espaços de grande riqueza arquitectónica e monumental, em especial nas cidades italianas deste período, e que se assumiram também como centros cívicos da cidade.

No entanto, é curioso verificar que, enquanto eram idealizadas cidades utópicas extremamente geometrizadas, a vida pública da sociedade continuava a decorrer nas zonas de tecido urbano irregular da época medieval.

⁹ GOITIA, *Op Cit.* p.101

¹⁰ GOITIA, *Op.Cit.* p.108

2.5 | A CIDADE BARROCA

O urbanismo da época barroca vai levar ainda mais longe os cenários imponentes introduzidos durante o Renascimento. Existe uma grande valorização da perspectiva e do ordenamento da cidade enquanto panorama, princípios que tornam a avenida no *“símbolo mais importante e o facto capital no que diz respeito à capital barroca.”*¹¹ A utilização destes impressionantes cenários perspécticos, patente nas avenidas de então, servia tanto como demonstração do poder humano e do poder real, tendo também em mente as necessidades militares, como meio de suportar o tráfego crescente de veículos de roda na cidade. Esta preocupação com o tráfego como principal estruturante do desenho urbano levou Mumford a considerar que *“o espaço vital, no plano barroco, era tratado como uma sobra, depois de a própria avenida determinar a forma do lote da moradia e a profundidade do quarteirão.”*¹² Da mesma forma, as contribuições barrocas para o urbanismo, embora introduzindo panoramas e ambientes de grande imponência e elegância na cidade, pecaram em não levar em consideração qualquer modo de existência que não o da corte, tendo sido tomadas poucas disposições em relação ao núcleo cívico.¹³



Figura 6. Praça de S. Pedro (Roma) – Esboço de Goitia

¹¹ MUMFORD. *Op. Cit.* p.399

¹² MUMFORD. *Op. Cit.* P.424

¹³ MUMFORD. *Op. Cit.* P.427

2.6 | A CIDADE INDUSTRIAL

A última grande transformação ocorrida na cidade resultou do período da Revolução Industrial, que foi acompanhada por uma revolução na agricultura e nos valores culturais e económicos no séc. XVIII. Estas transformações, que se traduziam principalmente num grande aumento da população, melhoria dos meios de transporte e de produção e na introdução das políticas de *laissez faire* e do utilitarismo, levaram ao surgimento da cidade industrial, também apelidada de cidade paleotécnica.

Morfologicamente voltou-se ao desenho urbano de quadrícula, desta vez sem a criação de centros cívicos e sem hierarquia de ruas, de forma a maximizar o valor dos terrenos, numa perspectiva exclusivamente utilitarista. A política de *laissez faire*, que na idade média, impulsionada pelo indivíduo e comunidade, tinha resultado num crescimento orgânico do tecido urbano, manifestou-se num crescimento mecânico e racionalizado impulsionado pela existência de companhias com o poder de actuar a larga escala. Assim a cidade paleotécnica crescia.

O aumento exponencial da indústria resultou também no surgimento dos bairros operários – ou *slums* – situados nas imediações das grandes indústrias, onde inúmeros operários vivam com ínfimas condições de vida, assemelhando-se a armazéns de trabalhadores, onde estes eram depositados durante a noite para voltarem a ser utilizados no dia seguinte. Consequentemente, começou-se a verificar um descontentamento progressivo por parte da população, o que levou a que começassem a ser substituídos por soluções mais benignas, como é o caso das cidades-jardim idealizadas por Ebenezer Howard, que iniciaram o processo de suburbanização.

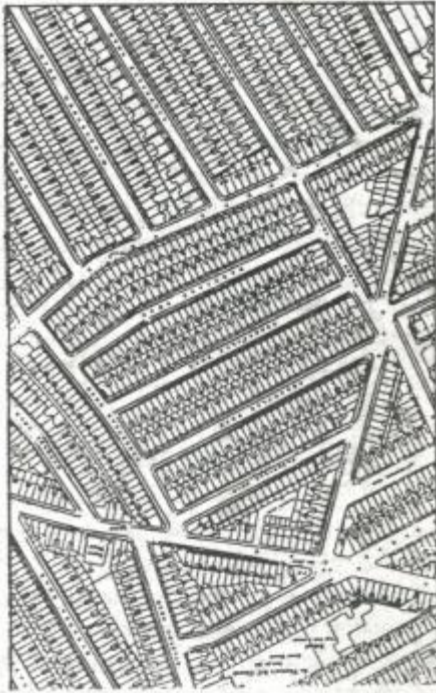


Figura 7. Área Periférica de Londres, loteada segundo as regras das bye laws

É de notar também a apropriação de lugares de prestígio (frequentemente junto a cursos de água) por parte da indústria e junto a grandes cidades já desenvolvidas, pois era nessas que se encontrava a massa de trabalhadores tão necessária para a indústria. Foi, portanto, um período que afectou em grande medida a cidade actual. Hoje, ao olhar para trás, é possível verificar que as condicionantes que levaram a esse desenvolvimento tiveram um impacto negativo na maioria das grandes cidades.

2.7 | A CIDADE MODERNA

Após o período da revolução industrial, que já tinha resultado em grandes alterações na estrutura formal da cidade, o período moderno produziu uma “ruptura radical na estrutura, na forma, na organização distributiva e nos conteúdos e propósitos da urbanística da cidade.”¹⁴ Lamas define o conceito de “cidade moderna” como o “resultado das experimentações e formulações teóricas que, na primeira metade do século XX, irão repudiar a cidade tradicional e substituí-la por um novo modelo.”¹⁵ Estas experimentações manifestaram-se, a nível urbanístico, no abandono de elementos tipológicos tradicionais, como a rua, o quarteirão ou a praça em detrimento da torre, da banda ou do bloco.¹⁶ Tal como a arquitectura deste período, o urbanismo foi fortemente influenciado pelo Movimento Moderno, factor que irá assumir grande preponderância na morfologia e organização da cidade de hoje em dia e que, portanto, será tratado mais aprofundadamente no capítulo seguinte.

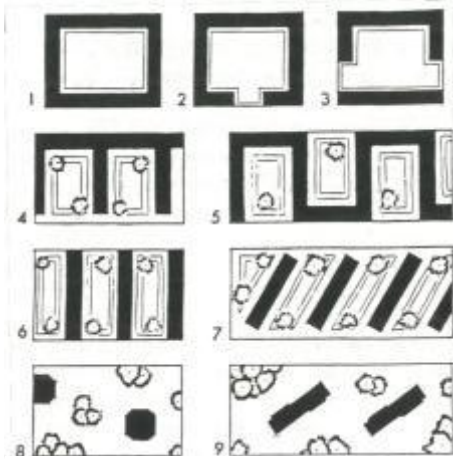


Figura 8. Evolução das formas urbanas tradicionais até às modernas, segundo Antoine Prieur

¹⁴ LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. P.297

¹⁵ *idem*

¹⁶ LAMAS. *Op. Cit.* P.298

2.8 | A CIDADE ACTUAL

A constituição da cidade actual, além de resultar da conjugação das várias transformações ocorridas ao longo do tempo e já analisadas, assistiu ao surgimento de um novo conjunto de factores, de ordem económica, política, social e cultural que influenciaram a sua estrutura, e que se verificaram a partir do século XX. Entre estes factores, destacam-se a explosão demográfica ocorrida neste século, o aparecimento do automóvel e a progressiva importância que este assumiu no desenho da cidade, e a movimentação centrífuga das populações do centro para o exterior da cidade e conseqüente processo de suburbanização. Uma vez que são estas condicionantes que mais influenciaram o estado da cidade actual e tendo em conta a sua importância para o contexto do tema em estudo, estas serão analisadas mais detalhadamente ao longo desta dissertação.

2.9 | OBSERVAÇÕES

O estado actual de uma cidade que, como no caso de Lisboa, atravessou várias épocas, resulta da conjugação das várias transformações sofridas ao longo das várias épocas. Como consequência podemos encontrar os sinais da história em toda a cidade, manifestados de diferentes formas. É fácil constatar que, ao longo de toda a história, e apenas com algumas excepções, houve uma tentativa por parte do Homem em ordenar e racionalizar a sua cidade, frequentemente traduzida na geometrização da cidade. Este fenómeno ocorreu por motivos diferentes, inerentes cada um deles à cultura e às necessidades de cada época. No entanto, é interessante verificar que alguns dos locais de maior atractividade da cidade actual continuam a ser os núcleos de génese medieval, bem como praças e edifícios monumentais das épocas renascentistas e barrocas, devido à imponência e qualidade arquitectónica dos seus elementos. É seguro dizer, no entanto, que os núcleos medievais possuem um carácter mais humano e atractivo derivado mais do conjunto urbano do que da singularidade arquitectónica dos seus elementos. No caso de Lisboa, pelo menos, são as ambiências destes locais que nos vêm à mente quando pensamos em Lisboa como conceito.

3 | A CIDADE ACTUAL

Como foi referido anteriormente, a cidade actual, como entidade complexa, resulta das mudanças introduzidas ao longo do tempo, mudanças que reflectem a cultura própria de cada época bem como as várias condicionantes de cariz político, económico e social. No entanto, importa analisar com mais profundidade os factores mais recentes a definiram, e cujos efeitos adquirem maior impacto actualmente, tanto pela sua proximidade temporal como pelo facto de alguns destes ainda influenciarem directamente o desenho da cidade nos dias de hoje.

Estes factores, embora relacionados e interligados entre si, podem ser categorizados como económicos, sociais, culturais, políticos e demográficos. Se alguns deles são consequência directa e apresentam uma continuidade em relação ao período da revolução industrial, outros manifestam-se mais independentemente.

3.1 | A EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA

As inovações tecnológicas introduzidas durante o período da Revolução Industrial deram origem a um grande aumento da produção de bens, em especial bens alimentares, o que, associado aos avanços na medicina, propiciou um grande aumento da população. Ao mesmo tempo, assistiu-se a um movimento em massa das populações rurais para os centros urbanos. Estes dois factores conjugados conduziram a um crescimento exponencial dos centros urbanos, a um ritmo que tornou as entidades responsáveis pelo planeamento da cidade incapazes de reagir eficientemente. Goitia, na obra *Breve História do Urbanismo*, apelida este período como uma fase de “*transformação incongruente*”¹⁷, que se manifestou inicialmente pelo aparecimento de *ghettos* populados por imigrantes nas zonas mais abandonadas da cidade. Obviamente, uma vez que a maioria das pessoas que se movimentavam do meio rural para a cidade não tinham possibilidades financeiras para obter habitação no centro da cidade, a expansão da cidade é feita para os arredores da cidade, dando origem às cidades-dormitório, zonas quase exclusivamente residenciais e cujos habitantes, geralmente, tinham o seu emprego no centro da cidade.

Paralelamente, enquanto cada vez mais edifícios habitacionais de classe média e elevada dos centros urbanos são convertidos em escritórios, assiste-se a um movimento da maioria da população do centro da cidade para as periferias¹⁸, ocupando e expandindo as cidades-dormitórios. Este fenómeno provoca, por um lado, a desertificação do centro urbano da cidade nos períodos nocturnos e conseqüente sentimento de insegurança por parte dos moradores. Por outro lado, os locais de trabalho e lazer

¹⁷ GOITIA. *Op.cit.* p.184

¹⁸ GOITIA. *Op.cit.* p.188

continuam a concentrar-se no centro, levando a que haja uma forte densidade populacional nos períodos laborais decorrente do população que aí se desloca durante o dia. Uma vez que grande parte desta população que aí se desloca todos os dias provém das periferias da cidade, o resultado é um congestionamento excessivo das ruas, mais pronunciado nos núcleos de estrutura mais tradicional, cujas vias não foram desenhadas para esse tipo de tráfego.¹⁹

¹⁹ GOITIA. *Op.cit.* p.188

3.2 | ECONOMIA E POLÍTICA – ESPECULAÇÃO E MERCADO DA HABITAÇÃO

Ao longo do século XX, os factores económicos que ajudaram a moldar a cidade a uma escala mais geral continuaram a existir. A acção de agentes especuladores e o desejo de maximizar o valor dos terrenos continuou a ter forte influência na forma como a cidade cresceu e se desenvolveu. Adicionalmente, e tendo mais em foco o caso dos centros históricos da cidade, o congelamento das rendas e os altos níveis de inflação registados no decorrer dos últimos anos conduziram à debilitação do mercado de arrendamento urbano ao reduzir a capacidade financeira dos proprietários, o que contribuiu para o crescente abandono e envelhecimento de edifícios antigos no centro da cidade²⁰. Estes, privados de manutenção e reabilitação tornaram-se pouco atractivos para a população, quer por estarem degradados, quer por não responderem aos critérios de habitabilidade contemporânea.²¹

Assim, a combinação de políticas de planeamento urbano e de arrendamento imobiliário com a acção de agentes económicos promoveu o desenvolvimento da cidade em extensão, criando novas centralidades em zonas periféricas da cidade. Ao mesmo tempo, não criou condições para preservar as zonas antigas da cidade, contribuindo para a sua desertificação habitacional.

²⁰ A entrada em vigor da Nova Lei de Arrendamento em 2012 veio actuar como agente redutor deste problema.

²¹ BAPTISTA, António J. Mendes, e Maria Albina MARTINHO. Programas Urban e Reabilitação Urbana. Porto: Direcção Geral do Desenvolvimento Regional, 1996. P.65

3.3 | O AUTOMÓVEL NA CIDADE

Um dos grandes avanços tecnológicos a surgir após a revolução industrial, o motor de combustão, veio proporcionar um enorme progresso nos meios de transporte. Como consequência, as distâncias tornaram-se progressivamente menos importantes à medida que os meios de transporte se tornaram mais rápidos. O aparecimento do automóvel e a sua difusão generalizada – nos países ocidentais tornou-se um bem acessível a quase toda a população – possibilitou, e até incentivou, a expansão da cidade para as periferias. Numa época de exaltação da tecnologia, o automóvel tornou-se num dos símbolos do progresso, permitindo a qualquer cidadão movimentar-se rapidamente pela cidade e contribuindo grandemente para o desenho desta. Esta linha de pensamento, que se veio manifestar nos ideais modernistas quanto ao urbanismo, foi uma das bases de suporte para a redistribuição de usos funcionais na cidade. Se na época barroca, o desenho da cidade era definida por grandes eixos viários para a circulação de veículos, no século XX, as vias de comunicação assumem uma importância ainda maior, na medida em que funcionam como as artérias que possibilitam a rápida ligação entre a casa e o trabalho, ou a casa e os espaços de lazer. O motor a combustão tornou possível, portanto, definir a cidade racionalmente como um sistema organizado de várias funções conectadas entre si pelo automóvel.

No entanto, e voltando ao conceito de *transformação incongruente* enunciado por Goitia, o crescimento da cidade, tanto dimensional como demográfico, aconteceu a um nível demasiado acelerado para absorver de forma eficaz o crescente tráfego automóvel na cidade. As vias de circulação idealizadas para fazer a circulação entre as periferias onde se habitava e o centro da cidade onde se trabalhava, rapidamente começaram a mostrar-se insuficientes para escoar o tráfego



Figura 9. Intersecção viária em Chicago (EUA) ilustrando a interrupção da malha urbana provocada pelas grandes vias de circulação

cada vez maior. Hoje em dia, os problemas de trânsito são parte rotineira do dia-a-dia dos grandes centros urbanos. Como forma de resolver estes problemas, constroem-se mais estradas ou alargam-se as já existentes, dando origem, em muitos casos, a emaranhados de estradas e vias de comunicação, que rompem o tecido urbano da cidade, dividindo-a em ilhas urbanas, cujos limites são muitas vezes impermeáveis ao tráfego pedestre²². Contribui para este problema o ciclo vicioso relativo à ineficiência dos sistemas de transporte colectivo, que, pela sua ineficiência, encorajam a população a optar por transporte próprio, o que provoca um aumento dos problemas trânsito e conseqüentemente faz com que o transporte colectivo seja ainda menos ineficiente.

Associado ao aumento do trânsito, surgem naturalmente, além dos problemas de ruído, poluição e gastos energéticos, questões relacionadas com a falta de lugares de estacionamento. No caso de Lisboa isto é bem perceptível quando observamos que grande parte das ruas se encontra totalmente “forradas” por carros e vemos alguns largos e praças de partes mais antigas da cidade utilizados como parques de estacionamento. O carro tornou-se um elemento quase omnipresente na experiência que temos da cidade, embora já estejam a ser tomadas medidas, progressivamente, para o impedir, com o fechamento de algumas zonas da cidade à circulação automóvel.

Nos núcleos urbanos mais antigos, cujas ruas não foram preparadas para a circulação automóvel, o problema do excesso de carros é ainda mais deteriorante da qualidade do espaço público.

²² BAPTISTA, A. J. M, e MARTINHO M.A. Op. Cit. P.70

Tendo começado como meio de conectar rápida e eficazmente as várias funções da cidade, o automóvel, associado ao zonamento por usos da cidade, acabou por provocar um efeito contrário, assumindo um forte impacto na qualidade de vida dos cidadãos. Hoje em dia, é comum um trabalhador despende diariamente duas ou três horas apenas nas deslocações casa-trabalho e trabalho-casa. Além de que, ao longo de muito tempo, esse tempo despendido vai corresponder a uma boa parte da vida de cada indivíduo, há que ter em conta o aspecto vivencial negativo e *stress* que essas deslocações provocam.

É possível verificar, portanto, que a importância do automóvel nos mecanismos geradores da cidade e os problemas que as infraestruturas necessárias para o suportar provocam na cidade contribuem largamente para uma diminuição da qualidade de vida dos moradores, tanto sob a forma de factores fisiológicos e de conforto ambiental como da experiência arquitectónica do indivíduo na cidade.

3.4 | O PROCESSO DE SUBURBANIZAÇÃO

O processo de suburbanização, iniciado na época industrial com a criação dos *slums* de trabalhadores, continua a verificar-se ao longo do século XX, como consequência principal de uma série de factores económico, sociais e culturais. É o resultado natural do desejo de tratar a cidade como uma combinação de funções separadas, alimentado pela cultura de exaltação do progresso tecnológico verificado nesta época, bem como do grande aumento de população nos centros urbanos.

A fixação da população nas zonas periféricas da cidade tem dois conjuntos de causas principais: as causas económicas e demográficas, que englobam os aspectos de crescimento demográfico dos centros urbanos conjugados com as condições de mercado de habitação na cidade; e as culturais e políticas, que se manifestam na importância que o automóvel assume na cidade e nas estratégias de planeamento urbano adoptadas. Essas estratégias, por sua vez, foram motivadas tanto por opções de origem política e económica, como culturais, materializando os ideais de planeamento da cidade do Movimento Moderno.

À medida que a população se foi fixando nos centros urbanos, maioritariamente vinda do meio rural, a grande maioria adquiriu habitação nas zonas mais exteriores da cidade, cujo preço era mais acessível. O centro da cidade foi sendo progressivamente terciarizado, tornando-se principalmente num local de trabalho, comércio e lazer. Os edifícios de habitação situados nas zonas mais antigas da cidade apresentavam poucas condições de habitabilidade e grande parte deles foram abandonados e deixados em contínuo estado de degradação. Aqueles em que isto não se verificava, e se encontravam em bom estado, não eram

economicamente acessíveis à maioria da população, tanto pela sua posição central na cidade, como pela sua relativa escassez.

Por outro lado, as estratégias de planeamento urbano reforçavam este fenómeno de suburbanização, ao prever bairros de habitação de baixo custo nos arredores das cidades, muitas vezes pobres em comércio, lazer e serviço público, que se conectavam à cidade através das vias rápidas e transporte público.

Assim, tornou-se comum em muitas metrópoles, a existência de várias localidades-satélite, quase exclusivamente habitacionais, situadas nas periferias das grandes metrópoles, local de emprego da maioria dos seus habitantes. Esta situação, nalguns casos, deu origem ao aparecimento de *ghettos*, uma vez que muito destes bairros são principalmente procurados por população de menor rendimento económico. Adicionalmente, à medida que muitos dos edifícios dos centros históricos foram sendo abandonados devido à sua desactualização em relação às formas de vida actuais e à má conservação dos espaços públicos, grande parte da população que residia no centro movimentou-se para as periferias.²³

²³ BAPTISTA, António J. Mendes, e Maria Albina MARTINHO. Op.cit., 1996. P.85

3.5 | O DESPOVOAMENTO DOS CENTROS HISTÓRICOS

A conjugação de vários factores que actuaram sobre o desenvolvimento da cidade ao longo do século XX, em especial a polarização em torno do automóvel, o rápido crescimento demográfico dos centros urbanos e as estratégias utilitaristas de zonamento funcional da cidade conduziram a um movimento da população do centro da cidade para os subúrbios, enquanto que cada vez mais edifícios antigos foram sendo utilizados como escritórios ou outros locais de trabalho e comércio. Poderá parecer contraintuitivo o facto de, com o aumento da população, existirem cada vez mais edifícios habitacionais inabitados nos centros históricos das cidades. No entanto, isto deve-se à progressiva desadequação das tipologias dos fogos de prédios antigos quanto aos padrões de vida actuais. O mesmo sucede com os espaços e serviços públicos que muitas vezes se encontram degradados e não correspondem às exigências da população.

Associado com o facto de a maioria das habitações destes núcleos residenciais estarem arrendadas, muitas vezes com rendas fixadas muito baixas, o que se verifica é que os proprietários não têm meios para renovar os edifícios, chegando a haver casos em que estes chegam ao ponto de se encontrar em risco de ruir. Por arrasto, a população destes conjuntos habitacionais é maioritariamente constituída por proprietários e inquilinos cada vez mais idosos e, muitas vezes, isolados.²⁴

Este despovoamento dos núcleos históricos, leva a uma série de consequências que vão por sua vez comprometer a atractividade destes locais para novos moradores. A desertificação dos espaços públicos durante a noite aumenta o

²⁴ BAPTISTA, A. J. M.; MARTINHO, M. A.. *Op. Cit.*, p.85

sentimento de insegurança nos espaços públicos, que por sua vez diminui a atractividade destes locais para novos moradores, tornando-se num ciclo vicioso. Da mesma forma, esta baixa densidade populacional fora dos horários laborais – ou durante todo o dia, nos casos em que não existe uma forte componente de trabalho e/ou turismo – prejudica o comércio local que é obrigado a encerrar portas mais cedo.²⁵

Num contexto de aumento demográfico, o abandono dos centros históricos urbanos apresenta-se como um factor de desperdício do solo urbano e de potenciais locais atractivos para a habitação, em especial pela sua localização privilegiada e importância para a identidade das cidades.

²⁵ JACOBS, Jane. The death and life of great american cities. New York: Random House, 1961. P.167

3.6 | O MOVIMENTO MODERNO

O surgimento do Movimento Moderno na primeira metade do século XX, que se manifestou principalmente na arquitectura, nas artes e no design, veio influenciar de forma significativa a imagem da cidade, assumindo-se como o movimento cultural que intelectualizou as várias condicionantes da época.

Como factor comum a todas as formas de arte sob a influência deste movimento existia a necessidade de romper com o passado, procurando, no caso da arquitectura e urbanismo, novas formas de projectar o espaço e a cidade, e que respondessem às condicionantes sociais e tecnológicas da época.²⁶

Assim, a cidade foi idealizada de um ponto de vista funcionalista e racionalista, que permitia dividir funcionalmente a cidade em três zonas: habitação, lazer e trabalho. Estas partes seriam conectadas entre si através de uma quarta função: a circulação. Ideologicamente, esta divisão faria sentido, uma vez que, com a disponibilidade do automóvel, a circulação entre as várias partes da cidade se faria rapidamente. Esta racionalidade rigorosa, quando aplicada à arquitectura, e devido à procura de insolação e ventilação ideais para os edifícios, levou ao abandono das tipologias tradicionais como a praça e o quarteirão em favor da torre, da banda ou do bloco isolado no espaço, por vezes rodeados por espaços verdes, tipologias que se tornaram muito comuns nas cidades-dormitório. Esta disposição tratava os espaços públicos como espaços negativos, em contraste com os espaços positivos tradicionais, bem definidos pelos edifícios circundantes.

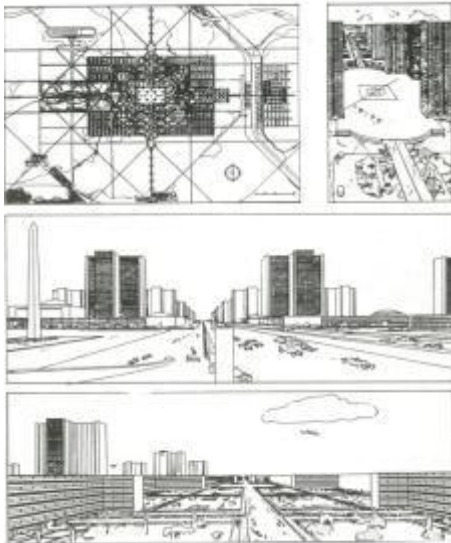


Figura 10. Le Corbusier – *La Ville Contemporaine*

²⁶ LAMAS. *Op.Cit.* "Configuração e morfologia da cidade moderna"

O Movimento Moderno como forma de pensar a cidade, assumiu o seu expoente máximo através da Carta de Atenas, redigida no 3º CIAM em 1933 e publicado por Le Corbusier, que se assumiu como o principal proponente desta escola de pensamento através das suas propostas urbanas, das quais se destaca a *Ville Radieuse* que propunha arrasar o centro histórico de Paris para a construção torres de habitação rodeadas por espaços verdes e circundadas pelas outras funções da cidade.

Seguindo as premissas do urbanismo modernista a “...cidade como problema é decomposta por zonas de maneira que funcione como uma máquina produtiva, dividida em partes monofuncionais conectadas pelas linhas de circulação²⁷”. Esta forma demasiado racionalista de pensar traduzida num zonamento rigoroso das funções levou, por um lado, à monotonia nas zonas residenciais, sobretudo nos períodos diurnos e, por outro, à desertificação nas zonas centrais da cidade, bem como às dificuldades crescentes nos movimentos pendulares entre as diversas funções.²⁸

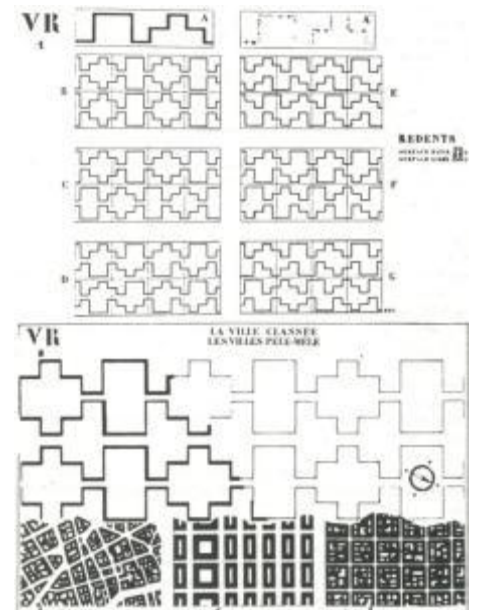


Figura 11. Le Corbusier – La Ville Radieuse (1930). Dois panéis ilustrando o confronto entre as formas urbanas tradicionais e as novas propostas.

²⁷ MONTANER, Josep Maria. *A Modernidade Superada*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001. P.72

²⁸ LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. P.345



Figura 12. Exemplo de urbanismo operacional. Cidade nova de Champigny sur Marne, região de Paris

A partir dos anos 60 começam a surgir críticas a esta forma de pensar a cidade, em especial, à segregação dos usos e à excessiva abstração do seu planeamento, e consequente falhanço a “*responder às necessidades materiais e emocionais do ser humano, desenterrando a validade dos espaços da cidade tradicional.*”²⁹ Esta contestação tem início no último CIAM através das intervenções de Alison e Peter Smithson e é apoiada por outros autores como Francastel que contrapõe a vitalidade de zonas urbanas de génese mais informal com a monotonia e falta de calor humano dos bairros projectados operacionalmente³⁰. Esta dimensão excessivamente racionalista é criticada por Josep Maria Montaner em *A Modernidade Superada*, que, citando Theodor W. Adorno a classifica como “*mecanismos empobrecedores das complexidades e qualidades da realidade*”³¹. Estas críticas levaram ao surgimento do “Novo Urbanismo” que propõe uma maior abertura aos contributos da história no desenho dos espaços e à mistura de usos funcionais no meio urbano.

Retrospectivamente, é possível concluir que a influência dos ideais modernistas na disposição e no desenho dos espaços da cidade não teve bons resultados. Por um lado, isto deveu-se ao ignorar a dimensão emocional do homem, criando espaços públicos demasiado indefinidos e sem identidade. Por outro lado, devido a factores de ordem mais técnica, como o crescimento explosivo da população e consequente congestionamento das vias de circulação da cidade, que tornaram inviáveis as estratégias de separação dos usos o que teve efeitos negativos tanto na experiência sensorial na cidade, bem como na qualidade de vida dos seus moradores.

²⁹ LAMAS, *Op. Cit.*. P.392

³⁰ *idem*

³¹ LAMAS, *Op.cit.* p 72

3.7 | A CIDADE NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Em conjunto com os factores de maior escala que influenciaram o espaço e a cidade de hoje, é importante analisar os aspectos mais localizados na família e no indivíduo actual e de que forma é que estes se podem reflectir na arquitectura e no desenho urbano.

A globalização, embora seja primariamente um fenómeno actuante a larga escala que afecta os grandes sistemas políticos e económicos mundiais, também tem forte impacto na vida pessoal de cada indivíduo. A razão é que os mecanismos geradores do fenómeno de globalização – especialmente o aumento exponencial das tecnologias de informação e comunicação – afectam directamente a forma como as pessoas se relacionam entre si, como trabalham e como vivem. A este propósito Anthony Giddens argumenta que *“A globalização não é apenas mais uma coisa que “anda por aí”, remota e afastada do indivíduo. É também um fenómeno “interior”, que influencia aspectos íntimos e pessoais das nossas vida.”*³²

Importa, portanto, analisar quais os efeitos que a crescente acessibilidade e desenvolvimento dos meios de comunicação provoca na família (e no habitar), no trabalho e no lazer. Graças à disseminação da Internet e da televisão bem como da interconexão, em qualquer parte do mundo, pode-se assistir a um filme americano ou saber quais os pontos de interesse de cidades como Paris ou Barcelona. Este fenómeno possibilita uma crescente familiaridade entre culturas e uma certa apropriação da cultura ocidental (que é produtora de uma maior quantidade de media, ou pelo menos tem sido até recentemente) por parte de outras culturas.

³² GIDDENS, Anthony. *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Editorial Presença, 2005, p.23

Mesmo nos países ocidentais, a consciência adquirida pelo conhecimento de outras formas de viver, de outras religiões, pode causar um progressivo deteriorar das tradições locais no sentido de uma evolução cultural global.

No contexto mais específico da constituição da família, um factor predominante é o caso relativamente recente dos casamentos por ligação emocional. Durante a maior parte da história e até há algumas décadas (no caso de Portugal), a norma era o casamento assumir um papel de contrato entre famílias, que trouxesse benefícios a ambos³³, e isto verificava-se em todos os estratos sociais, apesar de ser mais predominante nas famílias de classe mais alta. Ao não ser considerado um arranjo em que o amor fosse essencial, e devido a condicionantes culturais da época, nomeadamente a desigualdade entre homem e mulher e a maior influência da religião, o casamento era uma unidade sólida, havendo raríssimos casos de divórcio. Da mesma forma, os filhos eram vistos como um benefício económico, situação que já não se verifica nos dias de hoje. Com a mudança deste paradigma, o que se verifica hoje em dia, a norma, nos países ocidentais, é o casamento por ligação emocional. Consequentemente, e também devido a uma maior aceitação do divórcio, tornou-se muito mais volátil, o número de divórcios disparou, continuando a aumentar. Da mesma forma, ter filhos deixou de ser um benefício económico, passando a ser um cargo adicional para o casal, e uma decisão induzida por necessidades psicológicas e emocionais³⁴, o que levou a uma diminuição do número de filhos por família.

Consequências directas disto são o grande aumento de famílias monoparentais, o menor número de filhos por casal,

³³ GIDDENS. Op. Cit., p.59

³⁴ GIDDENS. Op. Cit., p.64

maior número de casais sem filhos e de pessoas a viver sozinhas. Obviamente que uma mudança na constituição da família terá que ter repercussões nas necessidades de habitação, tornando inadequadas tipologias habitacionais pensadas para uma época em que a composição familiar dominante era diferente da de hoje em dia.

Na área do trabalho, as facilidades de telecomunicação vieram diminuir drasticamente a importância das distâncias físicas. Em grande parte dos empregos de carácter intelectual, torna-se cada vez mais possível trabalhar a partir de casa, participar em reuniões por videoconferência, etc. diminuindo progressivamente a importância de um local de trabalho físico. Isto poderá ter influência também nas necessidades habitacionais de hoje em dia, em que a existência de espaços domésticos de trabalho serão uma mais-valia para a habitação.

Poder-se-á argumentar que, com a facilidade crescente de comunicação através do espaço virtual, as pessoas cada vez mais podem estar segregadas ao longo do espaço físico e separadas por grandes distâncias e ao mesmo tempo conseguem trabalhar, fazer compras e até manter contactos sociais através dos vários meios de comunicação. Embora isto seja verdade, este isolamento também provoca uma crescente diminuição do contacto social físico entre pessoas, condição que, pela sua importância ao longo da história do ser humano poderá trazer consequências negativas a cada indivíduo.

A globalização é, portanto, uma consequência natural da evolução da civilização, pelo que, sejamos favoráveis ou não aos seus efeitos na vida de cada um, seria ingénuo tentar combatê-la. Na perspectiva do urbanismo e da arquitectura pode-se, no entanto, acomodar as diversas mudanças que provoca no modo de vida das pessoas, mitigando os efeitos

negativos e aproveitando da melhor forma os aspectos neutros positivos.

3.8 | OBSERVAÇÕES

Neste capítulo abordou-se toda a problemática resultante do conjunto de circunstâncias que moldaram a cidade e as necessidades da população mais recentemente, e portanto, de forma mais decisiva. Pode-se considerar o processo de desagregação da cidade como um factor transversal a todos os subcapítulos discutidos, sendo portanto um dos problemas principais a responder.

Importa também referir em particular o caso do Desterro e de que forma este se relaciona com as temáticas apresentadas. Inserindo-se numa cultura a par do processo de globalização, as condicionantes apresentadas aplicam-se-lhe, uma vez que se aplicam ao evoluir da população portuguesa. Lisboa, embora não tanto como algumas cidades europeias, sofreu a certa escala os efeitos do processo de suburbanização, manifestado na grande quantidade de pessoas que vivem nos concelhos vizinhos de Lisboa e lá se deslocam todos os dias para o emprego. Isto, obviamente, traz por arrasto as demais consequências acima descritas, como a dependência do automóvel ou os problemas de tráfego. Mais particularmente, o espaço em estudo do Desterro, relaciona-se com o tema da degradação dos centros históricos, manifestado no progressivo abandono dos seus edifícios, tanto habitacionais como públicos (caso do antigo Convento do Desterro) e na degradação de parte significativa dos seus edifícios.

4 | ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

Neste capítulo pretende-se analisar que formas de intervenção poderão responder de forma positiva às questões levantadas no capítulo anterior. Assim, procuram-se estratégias que tenham o potencial de, tanto resolver da melhor forma tanto aos aspectos problemáticos existentes, como adaptar-se às circunstâncias que, apesar de não se apresentarem como um problema *per se*, têm impacto na forma como a proposta deverá ser projectada. Isto tendo em vista uma perspectiva de revitalização e de introdução de um sentido de comunidade e identidade com o espaço vivido.

4.1 | DENSIFICAÇÃO DO TECIDO URBANO

O conceito de densificação, em especial a densificação habitacional, quando abordado num contexto urbanístico ou arquitectónico, diz respeito ao aumento de densidade populacional de uma determinada zona. Pode-se reflectir tanto no planeamento de zonas da cidade que apresentem uma maior densidade edificada que a que tem sido praticada ao longo do século XX na maioria das cidades, como no aproveitamento de terrenos que, por várias razões, poderão estar desaproveitados no centro das cidade. As propostas de densificação das cidades têm origem na tentativa de tornar as cidades mais sustentáveis e compactas³⁵, condições que, segundo os seus defensores, proporcionarão uma maior qualidade de vida aos seus cidadãos com base nas vantagens que lhe são inerentes. Jane Jacobs, na obra *“Morte e Vida das Grandes Cidades”* (1966), aponta a densificação como um dos quatro princípios *“para gerar uma diversidade exuberante nas ruas”*³⁶. Neste ponto, defende que o ambiente urbano necessita de ter uma concentração suficientemente alta de pessoas, independentemente dos seus propósitos, e que grande parte desse número de pessoas serão os moradores.³⁷

A densificação da cidade traz, por definição, uma série de vantagens em relação a uma forma de urbanização mais segregada. Estas vantagens podem ser divididas em três factores: ambiental, social, e económico.³⁸ O facto de, num ambiente urbano denso, os edifícios estarem mais próximos uns dos outros, especialmente se estes possuírem uma

³⁵ CARMONA, Matthew, Steve Tiesdell, Taner OC, e Tim HEATH. *Public places- urban spaces*. London: Taylor & Francis LTD, 2010. P.182

³⁶ JACOBS, Jane. *The death and life of great american cities*. New York: Random House, 1961, p.165

³⁷ JACOBS. *Op. cit.*, pg.212

³⁸ SMITH, Hedley. *“Running the Gauntlet”*. in *The Compact City: A sustainable urban form?* London: E & FN Spon, 1996. Pg.101

variedade de funções, faz com que este seja mais facilmente percorrível a pé, de bicicleta ou transportes públicos. Isto contribui para que haja uma menor dependência do automóvel e, portanto, para que haja uma diminuição da poluição, tanto atmosférica como sonora. Esta redução da dependência em relação ao automóvel tem naturalmente outras ramificações: faz com que diminua a necessidade de espaço para estacionamento e a uma diminuição de recursos e energia.³⁹ Também tem efeito ambiental o facto de, ao construir de forma mais densificada, não existir uma necessidade tão grande de expandir a cidade na horizontal de forma tão acentuada e conseqüentemente, existir um melhor aproveitamento do espaço disponível, promovendo uma forma de crescimento mais sustentável.

No campo social, é de notar os efeitos positivos nas interacções provocados por uma densidade suficientemente alta de população num determinado ambiente urbano. Llewelyn-Davies, citado por Mathew Carmona *et al.*(2002) considera que a densificação urbana proporciona a interacção social e a diversidade, bem como uma melhoria em relação e viabilidade de equipamentos sociais⁴⁰. Naturalmente, se um grande número de pessoas vive, por exemplo, suficientemente perto de um espaço público comum, de modo que não precise de se deslocar de transporte, haverá mais tendência a que esse espaço seja mais frequentado, encorajando a interacção social. A reduzida necessidade de utilização de transportes das distâncias tem também impacto na vida de cada indivíduo, na medida que reduz o tempo que este despense em deslocações. Isto, além de proporcionar mais tempo livre a cada pessoa, diminui o tempo de exposição a uma das situações que contribuem para o aumento de stress.

³⁹ CARMONA *et al.* *Op. Cit.* P.182

⁴⁰ *idem*

Um maior número de pessoas no mesmo local, leva também a que hajam, a dada hora do dia, mais pessoas na via pública, aumentando a segurança nos espaços públicos e, portanto, melhorando atractividade de determinado ambiente urbano.

As vantagens económicas da densificação urbana estão fortemente ligadas às vantagens económicas, uma vez que, ao existir uma diminuição do consumo de recursos e energia, existe consequentemente uma redução de recursos económicos.

No caso particular da zona do Desterro, que, por ser uma zona antiga da cidade, possui no geral uma densidade construída relativamente alta, a proposta de densificação baseia-se sobretudo no aproveitamento de espaço inutilizado. Nomeadamente, pretende-se aproveitar o espaço no interior do quarteirão adjacente ao antigo Convento do Desterro, respondendo à necessidade de um aproveitamento mais eficiente do terreno urbano. O facto de se situar numa zona central da cidade possui a vantagem acrescida de proporcionar mais locais de habitação numa zona com o carácter das zonas históricas de Lisboa.

4.1.1 | POSSÍVEIS DESVANTAGENS DO PROCESSO DE DENSIFICAÇÃO.

O processo de densificação, ao apoiar-se na ideia de “densidade suficiente” implica que é um conceito quantitativo, pelo que há que ter em atenção em não atingir a sobredensidade num determinado ambiente urbano. Henrique Muga em *A Psicologia da Arquitectura* (2005) alerta para os efeitos negativos da sobredensidade, que incluem “*reações fisiológicas associadas ao stress*” e “*tende a aumentar a tensão, o desconforto e o humor “negativo”*”⁴¹. De referir que o

⁴¹ MUGA, Henrique. *Psicologia da Arquitectura*. Porto: Gailivro, 2005. P.225

autor faz a distinção entre “densidade interior” e “densidade exterior”, sendo a densidade exterior o objectivo primeiro do processo de densificação, ou seja, grande número de fogos por área, e não necessariamente o grande número de pessoas por fogo (densidade interior).

Outra possível desvantagem de um ambiente urbano denso é a maior dificuldade em criar condições de privacidade entre os edifícios constituintes de determinado conjunto urbano e consequentes consequências negativas a nível psicológico, bem como de proporcionar boas condições de iluminação para todos os edifícios.

No caso do aproveitamento de zonas centrais da cidade previamente inutilizadas como o interior de grandes quarteirões, pode existir a desvantagem de, por serem espaços relativamente escondidos em relação às grandes vias de circulação, poderem ser pouco utilizados.

4.1.2 | EVITAR A SOBREDENSIDADE

As principais desvantagens da sobredensidade têm a ver com a densidade interior, que quando é muito elevada provoca o fenómeno de superpovoamento. Jane Jacobs alerta para distinção entre densidade alta e superlotação, em que a primeira consiste num grande número de fogos por área enquanto que a segunda consiste num grande número de pessoas por habitação⁴². Existe portanto a necessidade de que a densidade interior seja controlada. Em suma, ao projectar para uma maior densidade, há que ter em conta que cada fogo deverá ter as dimensões adequadas ao número de pessoas para que é destinada. Obviamente que uma sobredensidade exterior também será um factor negativo. Para contrariar este efeito pode-se optar pela criação de espaços arquitectónicos

⁴² JACOBS. *Op.Cit.*

em pequena escala dentro de ambientes densos, como forma de reduzir a sobrelotação⁴³. Estes espaços, num contexto de densidade exterior podem tomar a forma de pequenas pracetas, largos ou espaços verdes, que funcionem como um espaço de desafogo em relação à malha urbana.

Para evitar a possibilidade de, no caso do aproveitamento de terrenos pouco visíveis a partir das grandes vias de circulação, estes virem a ser pouco utilizados, pode-se a optar pela introdução de usos e de desenho urbano que aumentem a atractividade desses locais, tanto para os moradores como para utentes de outras zonas da cidade. A utilização de equipamentos públicos que actuem como focos vitalizadores urbanos dessa área e façam a transição entre as artérias de circulação e estes espaços mais “escondidos” pode também ser benéfica.

⁴³ MUGA. *Op. cit.* P.233

4.2 | INTRODUÇÃO DE USOS MISTOS

Um conceito regularmente associado à densificação é a introdução de funcionalidade mista no ambiente urbano. De certa forma, pode ser entendido também como uma forma de densificação funcional da cidade. Esta ideia de misturar edifícios com vários usos – habitacional, comercial, de ensino, de serviços, etc. – surge como uma resposta à esterilidade gerada pelas políticas de zonamento funcional e as práticas de grande parte do planeamento urbano pós-guerra⁴⁴. Jane Jacobs (1966) enuncia este conceito como um dos quatro factores principais geradores de vitalidade no ambiente urbano, defendendo *que “o distrito (...) deve atender a mais de uma função principal; de preferência, a mais de duas. Estas devem garantir a presença de pessoas que saiam de casa em horários diferentes e estejam nos lugares por motivos diferentes, mas sejam capazes de utilizar boa parte da infraestrutura.”*⁴⁵ Ao serem implantados no mesmo ambiente urbano, as funções beneficiam-se mutuamente.

O facto de existir habitação ou edifícios destinados a trabalho numa zona de comércio, garante um fluxo populacional que gera clientela para o comércio existente. Inversamente, da perspectiva dos moradores, o facto de existir comércio ou trabalho por perto, que atrai, além dos próprios moradores, um conjunto de utentes exteriores, permite que haja maior ocupação do espaço público a várias horas do dia. Isto contribui a vários níveis para a vitalidade do espaço urbano. A nível social, promove a interacção social casual, traduzida na maior ocupação dos espaços públicos de lazer e melhor acesso a equipamentos públicos. Tal como no caso da densificação, a mistura de funções na cidade contribui, talvez de forma ainda mais preponderante, para a diminuição da

⁴⁴ CARMONA, *et al. op.cit.*, p. 179

⁴⁵ JACOBS. *Op.cit.*. P.165

dependência do automóvel. Além dos benefícios ambientais já expostos, a possibilidade de ter, por exemplo, o emprego ou o supermercado perto de casa, evita a necessidade de utilização de transportes motorizados, substituindo essas comutações estéreis, pelo passeio e pela vivência mais directa do ambiente urbano. Obviamente, não é realista esperar que todos os moradores possam trabalhar ou estudar perto de casa criando uma microcomunidade pura. No entanto, o facto de a probabilidade de isso se verificar ser maior é, por si só, uma forte vantagem deste tipo de organização funcional. *“Os trabalhadores e os moradores, juntos, conseguem gerar mais que a soma das duas partes.”⁴⁶*

No caso da situação urbana do terreno a intervir, o que se verifica é uma situação comum à maioria das vizinhanças históricas do centro de Lisboa. Apesar de grande parte dos edifícios existentes estarem projectados como tendo um programa multifuncional (geralmente seguindo uma tipologia de comércio no rés-do-chão e habitação nos pisos superiores), o que se verifica é que estes vão sendo progressivamente abandonados ou adaptados a outros usos, expulsando a função habitacional para outras zonas da cidade devido aos factores expostos no capítulo anterior. Assim, seria benéfico para o espaço urbano em estudo, trazer de volta o uso habitacional, o que teria que passar pela renovação do parque habitacional existente, complementada com outros usos de apoio, bem como a introdução de espaço público que permita aumentar a atractividade do espaço em estudo.

⁴⁶ JACOBS. *Op.cit.*. P.167

4.3 | RENOVAÇÃO E REABILITAÇÃO DOS EDIFÍCIOS EXISTENTES

No caso particular dos centros históricos, ambiente no qual esta dissertação se centra mais directamente, a renovação dos edifícios existentes assume-se como uma estratégia de grande importância para potenciar a sua atractividade como local de habitação, lazer e trabalho e, assim, devolver a estes espaços a vitalidade que lhes era característica. Existe a necessidade de uma renovação tanto física – muitos dos edifícios das zonas antigas da cidade encontram-se em estado de degradação - , como estrutural do ponto de vista arquitectónico – na medida em que o estilo de vida da população mudou muito ao longo dos anos e, consequentemente, as suas necessidades.

Assim, de forma a atrair a população de volta ao centro urbano, é necessário que a arquitectura reflita e suporte as necessidades actuais da população, sobretudo no que diz respeito à habitação. Esta atractividade pode ser conseguida, primeiramente, pela adaptação da organização e espacialidade da casa, de forma a que responda de forma mais eficaz às condições inerentes ao estilo de vida contemporâneo, tanto do ponto de vista estético, como funcional. Assim, numa época em que é cada vez mais frequente as pessoas, por exemplo, viverem sozinhas ou trabalharem a partir de casa (devido a um cruzar de circunstâncias exposto no primeiro capítulo), é importante que a organização do espaço de habitação preveja estas tendências.

Igualmente importante para o aumentar da atractividade é a criação de um espaço público cuidado, que convide a ser experienciado, e de equipamentos de apoio que vão de encontro a estas novas condicionantes.

No entanto, e se este argumento se pode aplicar para a qualquer parte da cidade numa perspectiva de revitalização, no caso dos centros históricos existem outros factores a ter em conta de forma a intervir com qualidade no espaço urbano. Devido à sua extensa carga histórica e estética, o centro histórico da cidade enraizou-se na mente colectiva urbana como um ambiente arquitectónico de características específicas e muito particulares, que definem a nossa imagem mental da essência de Lisboa. No ensaio *“Conservar renovando ou recuperar revitalizando”*, Nuno Portas defende a *“revitalização das áreas centrais sem as deixar destruir”* e *“a conservação dos quarteirões com a modernização das casas e dos locais de comércio e artesanato...”*⁴⁷. Esta preocupação em manter a unidade formal e estética dos centros históricos é de grande importância, de forma a preservar a identidade destes locais, que actua como um dos factores mais atractivos deste tipo de ambiente urbano. A modernização dos espaços, sejam de habitação, lazer ou trabalho, possibilita a ocupação eficaz destes espaços num contexto contemporâneo.

Num contexto de densificação, em que, por definição serão acrescentadas novas construções ao edificado existente, é necessário que haja o cuidado de não quebrar esta identidade arquitectónica. No entanto, posto isto, há que pôr em questão se devemos “copiar” as expressões arquitectónicas do passado de forma a não comprometer esta identidade, ou se há espaço para conjugar a contemporaneidade com o passado. Lynch (1972), citado por Matthew Carmona *et al.* defendia a exposição de *“eras sucessivas da história”* e a utilização de novos materiais que enaltecessem o passado por *“alusão e contraste”*, tendo como objectivo a produção de “um cenário cada vez mais densamente carregado de referências

⁴⁷ PORTAS, Nuno. *“Conservar renovando ou recuperar revitalizando”* em Coimbra antiga e avivificação dos centros históricos. Coimbra, 1983. P.11

do decorrer do tempo em vez de um cenário que nunca mudou”⁴⁸.

Esta necessidade de expressar o *zeitgeist* actual leva a que seja necessário um balanço cuidado na inter-relação entre o envolvente construído, a construção renovada e a nova construção, de forma a não deixar que o centro histórico seja descaracterizado.

⁴⁸ Tradução livre; CARMONA, *et al. op. cit.*, P.199

4.4 | APROXIMAÇÃO A UM MODELO DE CIDADE TRADICIONAL

Uma das tendências do desenho urbano em reacção aos princípios modernistas e à suas limitações tem-se manifestado sob a forma de um novo interesse na relação entre espaço construído e espaço urbano⁴⁹, e no regresso às formas urbanas características da cidade tradicional (medieval e renascentista), como o quarteirão ou a praça. Esta aproximação a um modelo de cidade tradicional procura resolver as limitações expostas pelo urbanismo de origem modernista. Esta posição de carácter historicista tem base no reconhecimento das zonas mais antigas da cidade como os locais mais atractivos para actividades de turismo e lazer, bem como da sua importância para a identidade da cidade.

No entanto, alguns autores continuam cépticos a estas ideias. Em *Public Places – Urban Spaces*, Mathew Carmona expõe o alerta de Read (1982) para a necessidade de reconhecer que os problemas da cidade industrial como problemas reais, o que significa que estes não irão desaparecer simplesmente por olharmos para o passado até à cidade industrial⁵⁰. Portanto, há que ter o cuidado de não adoptar uma estratégia simplista de cópia integral das formalizações e estratégias do passado.

⁴⁹ (CARMONA, *et al. Op. Cit.*, p. 69)

⁵⁰ *idem*

Podemos olhar portanto para as características da cidade tradicional e perceber em que medida estas são influentes na vivência geral deste tipo de ambiente urbano. Pode-se argumentar que a densidade construída e a existência de várias tipologias funcionais no mesmo lugar – que já foram analisadas - são características inerentes a este modelo, visto que conformavam a maior parte do tecido urbano das cidades medievais e renascentistas.

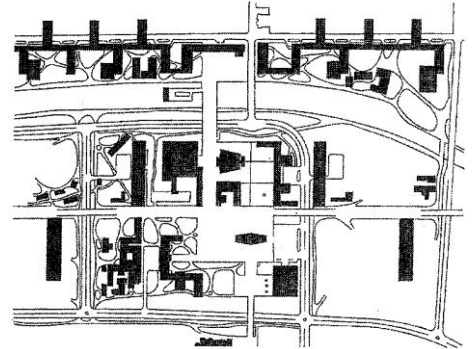
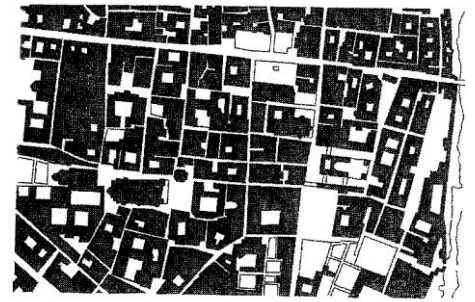


Figura 13. Confronto entre espaços positivos e espaços negativos



Figura 14. Visão serial - Sucessão de pontos de vistas ao longo de um percurso pedestre. Esboços de Cullen

Para analisar as características da cidade tradicional importa abordar o conceito de espaço positivo e espaço negativo. Uma das consequências da morfologia típica da cidade tradicional é a existência de “espaços positivos” entendidos como espaços claramente definidos e contidos pelos edifícios circundantes, ao invés de “espaços negativos”, que resultam do espaço exterior aos edifícios quando estes se assumem como um objecto isolado no espaço. Da mesma forma, enquanto a abordagem modernista tende a considerar o edifício como um objecto escultural isolado no espaço, na cidade tradicional os edifícios são tratados como parte de um todo, que actua como “cenário de fundo”, caracterizador da ambiência do espaço positivo por ele criado. A excepção a esta configuração verifica-se apenas em edifícios de carácter monumental, como catedrais ou palácios, que actuam como centros polarizadores da cidade e têm influência no processo perceptivo ao longo de um percurso nos ambientes arquitectónicos com estas características. Esta distinção entre os dois tipos de espaço é importante na medida em que o espaço resultante da disposição da massa edificada tem características sociais diferentes⁵¹. Consequentemente, existe uma possibilidade de qualificação mútua entre o espaço exterior e interior. Enquanto o edifício define o espaço exterior, tornando-o mais qualificado, o próprio espaço exterior vai influenciar a relação interior/exterior do edifício tornando o seu interior mais agradável através da relação que mantém com o espaço público por meio das suas aberturas.

Estes espaços exteriores bem definidos assumem várias configurações. A rua, o largo irregular, ou a praça, possuem características fenomenológicas diferentes e a sua sucessão ao longo de determinado percurso fornece ao

⁵¹ (CARMONA, et al. Op. Cit. P.68)

observador uma grande riqueza perceptiva. Roth, citado por Muga (2005) considera que “(...) a mente está ansiosa de informação, de uma informação constantemente nova e, quando se elimina essa entrada de estímulos (...), a mente encarregar-se-á de inventar os seus próprios estímulos (...)”⁵². Esta complexidade perceptiva e possibilidade de descoberta assume-se, portanto, como um factor benéfico na relação do utilizador com o ambiente arquitectónico. Gordon Cullen aborda a importância desta dimensão temporal através do conceito de “visão serial”. O percurso de um ponto a outro de determinado espaço vai revelando uma sucessão de pontos de vista. Esta ideia relaciona-se também com o conceito *promenade architectural* de Le Corbusier, e no caso de um meio de génese medieval, a progressão de um caminhante é caracterizada por sucessivos contrastes entre ruas estreitas, grandes praças pontuadas com um edifício monumental e pequenos largos escondidos, proporcionando uma experiência perceptual complexa.

Berlyne, referenciado por Muga, enuncia quatro propriedades do estímulo ambiental que influenciam a preferência estética: complexidade, novidade, surpresa e incongruência. O facto de estas serem qualidades geralmente inerentes a meios urbanos tradicionais ajuda a explicar o porquê de este tipo de espaços se apresentarem como os espaços mais vitais e interessantes das cidades.⁵³

Sobre o facto de grande parte das cidades medievais apresentarem morfologias irregulares e dificilmente legíveis, contrariando o princípio da boa forma, Muga considera que “o interesse das pessoas pelas labirínticas imprevisíveis ruas das cidades medievais”⁵⁴, leva-nos a deduzir que um certo grau de

⁵² MUGA. *Op. Cit.*, p. 79

⁵³ MUGA. *Op. Cit.*, p. 218

⁵⁴ MUGA. *Op. Cit.*, p. 218

complexidade ou mesmo ambiguidade espacial pode ser benéfica para alguns casos do ambiente urbano. Refere ainda a posição de Carr sobre o tema, o qual defende a procura de um equilíbrio entre complexidade e ordem e o estímulo à exploração de novos locais e experiências. Citando Wim Wenders, Montaner (1998?) escreve que *“o roto ou fragmentado é gravado pela memória com mais facilidade do que o ‘inteiro’. O ‘roto’ tem uma superfície rugosa onde é possível fixar a memória”*.⁵⁵

Em suma, pode-se concluir que grande parte das razões que levam as pessoas a preferir os espaços típicos das cidades tradicionais – além da memória e carga histórica destas - podem dever-se à experiência perceptiva que estes proporcionam, tendo em conta uma dimensão temporal, bem como à qualidade superior de espaços bem contidos como espaços de estar e de socialização.

⁵⁵ MONTANER. *Op. Cit.*. P.162

4.5 | ESPAÇO PÚBLICO COMO POTENCIADOR DE REVITALIZAÇÃO E QUALIFICADOR DO URBANO

No subcapítulo anterior foi discutida a forma como o edificado influencia o carácter dos vazios entre os edifícios e, portanto, dos espaços públicos. Foram apontadas as vantagens entre espaços vazios bem definidos, positivos e a importância dos percursos e das sucessões de espaços de características diferentes na experiência arquitectónica do indivíduo. Neste subcapítulo pretende-se aprofundar a capacidade do espaço público de funcionar como um potenciador da revitalização de um ambiente urbano, tendo como pressuposto a aplicação das estratégias de cariz funcional e morfológico já apresentadas.

Importa portanto introduzir de forma resumida as características dos três tipos-base que o espaço pode tomar:

Rua: Espaço-canal que se assume como elemento base da configuração das cidades. Tem como funções principais a circulação e o acesso aos edifícios. Ao longo da história foi usada como espaço de socialização, conforme a época e local. Se nas cidades medievais se caracterizava por uma geometria tortuosa e orgânica, na cidade renascentista passa a ser rectilínea, organizadora de efeitos cénicos e estéticos.⁵⁶

Praça: A praça é *“o elemento básico da energia e criatividade do desenho urbano e da arquitectura”*⁵⁷, sendo percebida, não como apenas um vazio urbano, mas como um lugar espacial. É frequentemente um lugar de prestígio de grande importância na vida social da cidade e onde se situam geralmente os principais edifícios e monumentos. No período renascentista apresenta geralmente uma geometria rigorosa e

⁵⁶ LAMAS. *Op. Cit.* P.167

⁵⁷ *idem*

apresenta-se como “*um cenário, espaço embelezado, manifestações de vontade política e de prestígio.*”

Espaços irregulares / informais: Espaço aberto de geometria irregular, presentes na cidade principalmente como resultado da morfologia orgânica da cidade medieval. O seu carácter informal e escala mais reduzida bem como o facto de estarem frequentemente isolados das zonas mais movimentadas da cidade proporciona o seu uso como espaços de socialização mais informal e íntima, onde se fica apartado do burburinho da cidade.

Pretende-se aproveitar as diferentes características destes espaços e a forma como estes se podem interligar na criação de percursos sensorialmente ricos, que tornem interessante a experiência arquitectónica do indivíduo e funcionando simultaneamente como forma de aumentar a atractividade do ambiente urbano.

Numa perspectiva de revitalização, importa também reflectir sobre de que forma o espaço urbano pode ou não encorajar a interacção social ou funcionar como espaço de estar exterior e não apenas um espaço de passagem. Obviamente as já expostas características funcionais dos edifícios delimitantes assumem uma grande importância neste tema: no entanto, a configuração do espaço também influi sobre este processo. Carmona (2010) defende que embora seja ingénuo dizer que certas formas espaciais irão gerar certos comportamentos, tais espaços podem oferecer o potencial para certas actividades.⁵⁸

Muga, em *Psicologia da Arquitectura*, expõe o conceito de espaços sociópetos e espaços sociófugos, classificados por Osmond segundo a sua capacidade de encorajar ou dificultar

⁵⁸ CARMONA, *et al. Op. Cit.*, p.72

os contactos sociais. Assim, os espaços sociófugos funcionam como espaços introvertidos, como por exemplo a disposição dos bancos numa estação ferroviária. Pelo contrário, os espaços sociópetos, como o interior de uma cabana redonda, facilitam os contactos sociais, dirigindo a atenção dos ocupantes para um local em comum. Muga considera que o espaço mais desejável é flexível, oferecendo a possibilidade de os utilizadores estarem socialmente envolvidos ou não, conforme a situação e preferência. Um exemplo notável de um espaço flexível é o banco contínuo serpenteante do Parq Güell de Gaudí.⁵⁹ A sucessão de espaços côncavos e convexos, permite que o utilizador possa situar-se num dos espaços côncavos, onde a direcção da percepção dos seus ocupantes é direccionada para um mesmo ponto, ou num convexo, que conduz as vistas dos ocupantes em direcções divergentes.

Analisando os exemplos, é possível perceber que os espaços côncavos possuem geralmente propriedades sociópetas enquanto nos espaços convexos se passa o contrário. Tendo isto em conta, pode-se concluir que o espaço público e a sua configuração são factores importantes e a ter em conta numa perspectiva de revitalização de um conjunto urbano, em conjugação com os aspectos fenomenológicos desse conjunto e com a funcionalidade do seu conjunto.



Figura 15. Banco do Parq Güell em Barcelona – Antonio Gaudí.

⁵⁹ MUGA. *Op. Cit.*,p.123

4.6 | OBSERVAÇÕES / CONCLUSÕES

Neste capítulo apresentaram-se as estratégias de resposta aos problemas enunciados no primeiro capítulo tendo em vista a vitalidade de um conjunto urbano, de uma forma generalizada e teórica, mas aplicável à área de intervenção em estudo. Foi possível concluir que a conjugação de densidade suficiente com a introdução de usos mistos respondem a grande parte das desvantagens de carácter ambiental, económico e social enunciadas anteriormente, sendo preciso ter em atenção as suas potenciais desvantagens e como as evitar ou resolver. A uma escala mais reduzida percebeu-se também como as circunstâncias apresentadas e, principalmente, o efeito da globalização, influenciam a forma como a arquitectura tem que ser pensada actualmente e, particularmente, a habitação; bem como o facto de que a configuração dos espaços, tanto interiores, como exteriores, tem influência na experiência arquitectónica e na dinâmica social. Da mesma forma, concluiu-se de que forma deverá ser abordado o processo de renovação e intervenção numa zona histórica parcialmente degradada: tendo em mente o meio urbano como possuidor de uma identidade própria mas contrapondo sensivelmente a contemporaneidade à história.

[Type text]

5 | CASOS DE ESTUDO

Neste capítulo são analisados quatro casos de estudo que, pelas suas características, se relacionam com o tema em estudo e com a proposta de projecto final de mestrado.

5.1 | EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO NA RUE DE SUISSE

Paris, 1996-2000

Herzog & de Meuron

O conjunto de edifícios habitacionais projectados para a Rue de Suisse e Rue Jonquoy em Paris divide-se em quatro tipos de habitação e que têm duas situações urbanas distintas na relação com o envolvente. Dois dos edifícios (apartamentos convencionais e lofts) têm contacto directo com a rua, fazendo a relação com os edifícios circundantes através da verticalidade dos elementos de fachada e fechando o quarteirão.

Os outros dois edifícios estão implantados no interior do quarteirão, aproveitando o espaço entre os edifícios existentes, caracterizados por uma linguagem de horizontalidade e dissonância com a envolvente e associados a um espaço público de certa forma “secreto”, na medida em que está escondido pelos edifícios que fazem o encerramento do quarteirão.

Esta intervenção, apesar de consistir apenas em habitação, é pertinente no contexto da investigação desta dissertação, uma vez que consiste num aproveitamento de um espaço inutilizado, que se situa no interior de um quarteirão, para uma densificação habitacional do mesmo.

É interessante também o carácter de “espaço secreto” que assumem tanto os edifícios no interior do quarteirão como o espaço aberto circundante, e a liberdade que é conferida à linguagem arquitectónica destes edifícios por se situarem numa localização quase independente em termos de relações visuais com a envolvente.



Figura 16. Edifício de habitação em Paris – Herzog & de Meuron. Fachada adjacente à Rue de Suisse



Figura 17. Edifício de habitação em Paris – Herzog & de Meuron. Planta do piso térreo



Figura 18. Edifício de habitação em Paris – Herzog & de Meuron. Corte longitudinal

5.2 | FÜNF HÖFE (FIVE COURTYARDS), PASSAGEM COMERCIAL

Munique, 2003-2005

Herzog & de Meuron

O projecto Fünf Höfe, implantado num quarteirão central de Munique, cujos edifícios se mantêm fiéis ao espírito conservador e classicista característico da cidade. Ao contrário do que estava inicialmente previsto nas premissas do concurso, as fachadas da maioria dos edifícios constituintes do quarteirão foi preservada, enquanto o interior do quarteirão foi totalmente renovado para dar lugar a espaços comerciais, de lazer e de trabalho, complementados com habitação.

Formalmente, o projecto articula-se através de cinco pátios escavados no interior do quarteirão, cada um com um carácter diferente, e que se interligam através de várias passagens. Estas passagens fazem também o acesso a vários pontos do exterior do quarteirão permitindo o seu atravessamento.

Esta intervenção relaciona-se com a temática em estudo na medida em que tanto o conteúdo programático como a área de intervenção (interior do quarteirão) se assemelham ao projecto que está a ser desenvolvido no quarteirão do Convento do Desterro. É pertinente ainda a existência de pequenos pátios, que actuam como espaços de desafogo e como qualificadores de todo o conjunto urbano.



Figura 19. Fünf Höfe – Herzog & de Meuron. Vista de um dos pátios.



Figura 21. Fünf Höfe – Herzog & de Meuron. Fachada exterior



Figura 20. Fünf Höfe – Herzog & de Meuron Esquemas organizativos

5.3 | EDÍFICIO DE APARTAMENTOS ADJACENTE A UMA EMPENA

Basileia, 1987-1988

Herzog & de Meuron

Este projecto da dupla de arquitectos Herzog & de Meuron está localizado no interior de um quarteirão na cidade suíça de Basileia. Consiste num edifício residencial de três pisos construído aproveitando a empena de um edifício pré-existente. Os apartamentos estão virados para o interior desse quarteirão, espaço que assume um carácter “secreto” semelhante ao do projecto da Rue de Suisse em Paris, ao situar-se num espaço abrigado e escondido em relação à rua.

Pode-se considerar esta intervenção como uma forma de densificação moderada do quarteirão pré-existente devido ao aproveitamento do interior deste para implantação de habitação adicional.



Figura 22. Edifício de habitação em Basileia – Herzog & de Meuron. Implantação no interior de um quarteirão

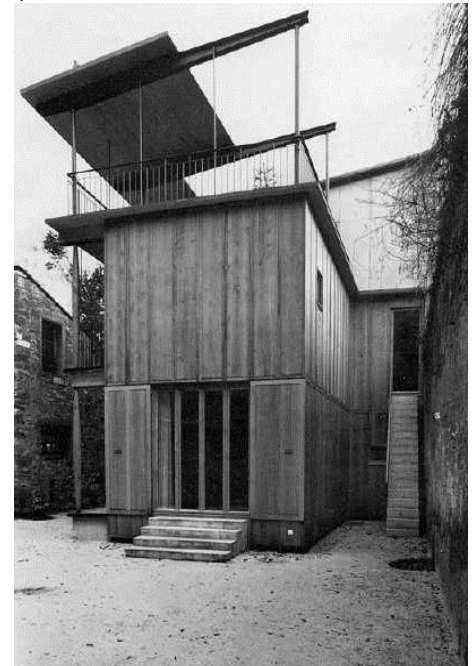


Figura 23. . Edifício de habitação em Basileia – Herzog & de Meuron. Vista da entrada e empena adjacente.

5.4 | HABITAÇÃO SOCIAL NA RUE DE MEAUX

Paris, 1987-1988

Renzo Piano

Este conjunto residencial de baixo custo compõe o exterior do quarteirão em que se insere, no *19^{ème} Arrondissement* em Paris, mantendo a cêrcea dos edifícios adjacentes e está organizado por três blocos separados, dois dos quais se estendem para o interior do quarteirão, definindo um pátio interior ajardinado. A passagem do exterior para o interior do quarteirão é feita pelos espaços abertos entre os três blocos que contactam com o exterior. No lado oposto, o pátio interior é definido por outro bloco central, permitindo, no entanto a permeabilidade através de todo o conjunto.

Assim, o jardim interior assume-se como o espaço qualificador da habitação circundante devido aos amplos espaços verdes e ao facto de se encontrar protegido em relação à rua.

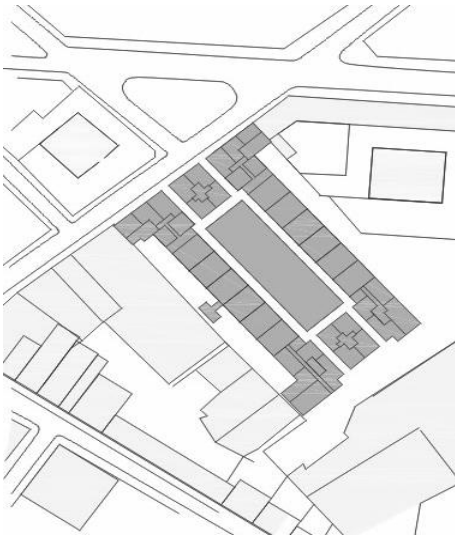


Figura 25. Edifício de habitação social na Rue de Meaux – Renzo Piano. Implantação.



Figura 24. Edifício de habitação social na Rue de Meaux – Renzo Piano. Fachada voltada para o exterior do quarteirão



Figura 26. Edifício de habitação social na Rue de Meaux – Renzo Piano. Corte transversal.

6 | CIDADE DENTRO DA CIDADE :

Revitalização do quarteirão adjacente ao Hospital do Desterro

Neste capítulo pretende-se explicar de que forma as estratégias de intervenção apresentadas podem ser aplicadas num contexto urbano específico para o qual as problemáticas expostas no primeiro capítulo são válidas. Assim, pretende-se fundamentar as opções tomadas tanto a níveis de maior escala, como as opções urbanísticas e o programa funcional como de menor escala, patentes, por exemplo, na organização interior da habitação e no desenho do espaço público.

6.1 | ÁREA DE INTERVENÇÃO

A área de intervenção compreende o quarteirão que engloba o antigo Convento do Desterro, posteriormente utilizado como Hospital e que se encontra desativado desde 2007. Este quarteirão é delimitado pela Av. Almirante Reis e Rua Antero de Quental a Este, pela Rua Nova do Desterro a Sul e pela Rua Capitão Renato Baptista no seu lado poente.

O edificado que o delimita é composto principalmente por edifícios de habitação, com a excepção do antigo Convento e da Igreja adjacente. No seu interior existem uma série de construções acrescentadas ao longo do tempo. Grande parte delas serviam de apoio à função hospitalar do convento, encontrando-se em estado de degradação e possuindo, na sua maioria, fraco valor arquitectónico.

Desta forma, o núcleo deste quarteirão, devido à sua área relativamente ampla em relação aos restantes quarteirões característicos da colina de Sant'Ana, possui o potencial de aproveitamento do seu interior, numa perspectiva de densificação e de revitalização desta zona da cidade.



Figura 27. Área de Intervenção

6.2 | ESTRATÉGIAS GERAIS DE INTERVENÇÃO

6.2.1 | RENOVAÇÃO DO PARQUE URBANO

Como ponto de partida para a intervenção na área em estudo propõe-se a demolição das construções situadas no interior do quarteirão, bem como de alguns edifícios pontuais na sua periferia devido ao estado avançado de degradação ou como resultado das intenções do projecto urbano.

Pretende-se acentuar o carácter sóbrio e imponente da fachada principal do antigo Convento do Desterro através da remoção dos edifícios situados entre este e a Av. Almirante Reis e propondo uma plataforma edificada, que aumentará a relação do Convento – e, conseqüentemente, de todo o quarteirão - com a Avenida.

Da mesma forma, propõe-se o aproveitamento dos edifícios adjacentes à Rua Capitão Renato Baptista, através da renovação da organização dos fogos bem como da sua relação com o interior do quarteirão.



Figura 28. Edifícios removidos.

6.2.2 | FRAGMENTAÇÃO DO QUARTEIRÃO

Numa perspectiva de densificação e de encorajamento da circulação pedestre e tendo como base o princípio da necessidade de existência de quarteirões de pequenas dimensões enunciado por Jane Jacobs em *Morte e vida das grandes Cidades*⁶⁰ propôs-se a criação de percursos pedestres que permitam o atravessamento de todo o complexo urbano, permitindo a transição directa das cotas superiores da Rua Capitão Renato Baptista e da Rua Rafael de Andrade para a Av. Almirante Reis e para a Rua Nova do Desterro.

Formalmente, optou-se pela introdução de um grande corpo em L, que estrutura a morfologia irregular do quarteirão, relacionando-se, pela linguagem ortogonal, com o convento e criando duas praças que fazem a transição do exterior do quarteirão para o interior. Entre estes dois corpos ordenados, estão compreendidos dois “*quarteirões dentro do quarteirão*”, de génese mais irregular, que configuram espaços públicos de pequena escala e percursos interiores ao quarteirão, tanto diretos, como mais deambulatórios.



Figura 29. Proposta – Vista de topo

⁶⁰ JACOBS. *Op. Cit.*, p. 165

6.3 | DENSIFICAÇÃO

Toda a zona da colina de Sant'Ana, e mais especificamente a área circundante ao convento do Desterro apresenta uma densidade de edificação relativamente alta e comum às zonas históricas das cidades europeias. No entanto, também como tem vindo a verificar-se nas zonas históricas de várias cidades, assiste-se a um progressivo abandono residencial, dando lugar a usos não habitacionais ou ao abandono dos edifícios, que acabam por se degradar e dando origem aos vários problemas que foram expostos sobre este tema.

No caso da área de intervenção, que apresenta uma área interior inutilizada do ponto de vista de abertura à vida pública, existe o potencial de aproveitamento desta área para a criação de um ambiente urbano que responda tanto à baixa densidade edificada pontual deste conjunto urbano como à necessidade de gerar uma revitalização urbana que aumente tanto a atractividade do próprio conjunto como de toda a envolvente.

Assim procura-se um aproveitamento máximo da área disponível, de forma a que todo o conjunto possua um nível de ocupação que proporcione um ambiente de vitalidade no conjunto arquitectónico. Existe também a preocupação de controlar este processo de densificação através da introdução de espaços públicos de pequena escala que actuarão como qualificador do urbano ao proporcionar espaços de lazer e socialização, bem como espaços de desafogo, evitando sensações de clausura passíveis de existir em ambientes de alta densidade.

Da mesma forma, existe a preocupação de ter em conta o contexto histórico e a morfologia do edificado da área de intervenção. Existe, portanto, a necessidade de evitar a construção em altura excessiva, propondo-se que o volume

edificado proposto apresente uma escala congruente com a envolvente.

6.4 | APROXIMAÇÃO A UM MODELO DE CIDADE TRADICIONAL

No capítulo anterior expôs-se um conjunto de factores que podem ajudar a explicar a preferência das pessoas por espaços de génese tradicional e de que forma o estudo destes conceitos pode ajudar no projecto de um ambiente arquitectónico. Para explicar a proposta em estudo importa destacar alguns conceitos: espaços positivos/negativos, “visão serial” enunciada por Gordo Cullen e as quatro propriedades do estímulo ambiental enunciadas por Berlyne que influenciam a preferência estética: complexidade, novidade, incongruência e surpresa.

O processo que levou à configuração dos espaços integrantes do projecto em estudo focou-se desde o início na procura da criação de espaços positivos, em sintonia com o tipo de espaços característicos do contexto em que se inserem – zona histórica de Lisboa. Desta forma, procurou-se criar espaços facilmente reconhecíveis como entidades espaciais bem definidas e em comunhão com a massa edificada que os define e caracteriza através da sua materialidade e configuração. No projecto estes existem sob a forma de ruas, *pracet*s e *clusters*⁶¹. As ruas são materializadas em trajectos pedonais, deambulatórios ou directos. As *pracet*s compõem os espaços mais abertos e ordenados do projecto – uma aberta à

⁶¹ No âmbito deste trabalho, entende-se o termo *cluster* como um espaço público diferenciado dos espaços públicos tradicionais, como a rua ou a praça, de morfologia mais irregular e subentendendo um “agrupar” de elementos funcionais. Este conceito será mais aprofundado no subcapítulo referente aos espaços públicos propostos.

Av. Almirante Reis, de carácter mais imponente pelas suas proporções e que faz a transição do exterior do quarteirão para o interior, outra situada no coração do complexo urbano que contrapõe o antigo (Convento) com o novo, e outra que faz a transição da Rua Nova do Desterro para o interior do quarteirão, de carácter mais plácido. Os *clusters* assumem-se como espaços de maior complexidade perceptiva e de maior secretismo em relação ao exterior.

A existência da dimensão temporal na experiência arquitectónica foi tomada em conta na disposição dos vários tipos de espaço e no percurso perceptivo inerente a uma visita ao espaço urbano proposto. Assim, pretende-se que ao nos aproximarmos da área de intervenção, esta seja concordante com a envolvente na sua linguagem arquitectónica e histórica. Se nos aproximarmos, reparamos que por exemplo, existem elementos contemporâneos que afloram do interior do quarteirão para o exterior. Pretende-se que estes elementos, embora reconhecíveis como contemporâneos, possuam uma linguagem concordante e harmoniosa com a envolvente. Se, por exemplo, entrarmos na praça adjacente à Av. Almirante Reis, encontramos-nos num espaço de cariz regrado e ortogonal, que contrapõe a fachada do antigo convento com os novos edifícios propostos, mas que mantém um nível de complexidade perceptiva. O que se pretende é que ao penetrarmos no interior do quarteirão pelos trajectos pedonais, nos encontraremos no interior dos *clusters*, que se caracterizam por uma maior complexidade morfológica e uma linguagem dissonante com a do exterior mas que, do ponto de vista do utilizador, o envolve totalmente, e, portanto, não confronta visualmente a linguagem arquitectónica da zona envolvente. Este confronto existe, mas ao longo do tempo, e do percurso do utilizador. Assim, ao atravessar o interior do

ambiente urbano proposto, o utilizador é confrontado com espaços que adquirem várias escalas, como a praça aberta que se abre a seguir a uma rua estreita e ambiências surpreendentes, como o *cluster* que se mostra depois de percorrer uma rua de carácter mais sóbrio, incorporando os conceitos de complexidade, incongruência, novidade e surpresa.

Houve uma procura do equilíbrio entre a complexidade e a simplicidade, verificável na composição entre dois corpos de carácter regrado e ortogonal – o convento e o corpo em L que estrutura o interior do quarteirão e os “quarteirões dentro do quarteirão” que configuram os clusters, bem como na própria dicotomia praça / *cluster* e trajectos deambulatórios / directos.

6.5 – ESPAÇO PÚBLICO COMO QUALIFICADOR DO URBANO E POTENCIALIZADOR DE REVITALIZAÇÃO



Figura 30. Vazios

Num contexto de alta densidade edificada, o espaço público assume uma grande importância tanto na qualificação do interior dos edifícios, através do estabelecimento de relações interior-exterior; como na qualidade de vida dos seus utilizadores, na medida em que actua como espaço imediato de contacto social casual e como contexto ambiental definidor da relação com o lugar por parte dos moradores.

6.5.1 | ESPAÇOS SECRETOS

Um conceito importante ao longo da formalização da proposta foi o de *espaços secretos*. Este conceito relaciona-se com as conclusões decorrentes do estudo dos espaços urbanos de génese tradicional, em especial os factores enunciados por Berlyne como influenciadores da preferência estética: complexidade, novidade, surpresa e incongruência.

O que se pretende, num contexto de ocupação interior de um quarteirão pré-existente, é a criação de espaços escondidos em relação às vias principais de comunicação que actuem como elementos de novidade e surpresa no processo perceptivo dos utilizadores. O facto de se encontrarem escondidos em relação à envolvente permite, além destes efeitos, a utilização de uma linguagem arquitectónica incongruente com o exterior envolvente sem a confrontar directamente, uma vez que não existem no mesmo campo visual, oferecendo a possibilidade da criação de espaços singulares no coração de um contexto urbano com um forte carácter histórico.

Estes espaços, na proposta em estudo, são perceptíveis a partir do exterior através de pequenos apontamentos

matéricos visíveis do exterior e de afloramentos dos novos volumes propostos, de forma a convidar o utilizador a percorrer o complexo arquitectónico e descobrir o que existe no interior.

Assim, estes existem a dois níveis: os espaços que fazem a transição para o interior e integram o mesmo plano visual do envolvente pré-existente exibem uma linguagem formal e matérica consistente com o mesmo envolvente, denunciado o que se passa no interior apenas através de perspectivas fechadas e apontamentos na materialidade; e o espaços interiores visualmente fechados em relação à envolvente exterior, que configuram uma envolvência construída de linguagem muito diferente à do exterior.

6.5.2 | TIPOS DE ESPAÇO PÚBLICO PROPOSTO

Os espaços públicos propostos no projecto em estudo podem-se classificar em três tipos: ruas, *pracetas* e *clusters*. Estas três tipologias espaciais conjugam-se e sucedem-se com o objectivo de produzir no utilizador uma experiência sensorial complexa e agradável. No entanto, numa perspectiva de revitalização e de procura da implementação de um sentido de comunidade e de identificação com o espaço vivenciado no ambiente urbano, importa aprofundar de que forma a informação obtida relativamente a este aspecto foi aplicada concretamente no projecto da proposta.

6.5.2.1 | Rua / Percursos

O atravessamento do complexo interior ao quarteirão de intervenção é feito através de percursos pedestres, salvaguardando a necessidade pontual de acesso automóvel. Estes trajectos subdividem-se em percursos deambulatórios e um percurso directo.

Percursos deambulatórios



Figura 31. Percursos deambulatórios

Pretende-se com a introdução de percursos deambulatórios a evidenciar a dimensão temporal na experiência arquitectónica do indivíduo. Assim, propõe-se um trajecto em contacto com o solo que convida à descoberta do complexo arquitectónico. Formalmente estas intenções traduzem-se através de percursos estreitos que conectam os restantes espaços de desafogo de forma não linear, adquirindo em certos pontos geometrias irregulares remissivas da rua típica medieval e procurando o contraste entre a sensação de aperto e desafogo e a quebra da perspectiva que evita a percepção imediata do espaço, convidando à descoberta através do percurso. Estes actuam como acesso principal aos edifícios constituintes do complexo urbano bem como ao espaço público. Procurou-se a interligação destes percursos de forma a oferecer várias possibilidades para o atravessamento de todo o conjunto.

Percurso directo



Figura 32. Percurso directo

Em complemento aos percursos deambulatórios principais o complexo urbano é atravessado por um percurso rampeado que faz a ligação entre a cota superior da Rua Capitão Renato Baptista e a praça adjacente à Rua Nova do Desterro, que “perfura” os quarteirões interiores do complexo arquitectónico. Funcionalmente pretende permitir uma ligação pedestre alternativa que permita transição de cotas da zona envolvente. Fenomenologicamente pretende permitir ao utilizador uma experiência mais directa e quase expositiva de contraste entre espaços e de descoberta, fazendo o atravessamento dos diversos espaços a uma cota superior, o que faz com que o utilizador esteja no espaço mas ao mesmo

tempo se sinta destacado deste e numa posição de contemplação.

6.5.2.2 | Praceta

No projecto proposto as pracetas assumem-se como principais espaços de desafogo num contexto densificado. Assumem-se como espaços de geometria regular delimitados por fachadas de carácter mais sóbrio e regrado, fazendo a transição tanto do envolvente para o núcleo do quarteirão como a relação entre o antigo Convento do Desterro e os novos volumes propostos. A nível de linguagem arquitectónica são definidos pelas fachadas do convento e por novos edifícios de carácter mais neutro e matérico, aplicado através do revestimento a pedra calcária. Actuam portanto, como espaços de recepção do utilizador ao complexo arquitectónico, bem como entidades fortemente ligadas ao envolvente – no caso da praceta aberta para a Av. Almirante Reis. Devido ao seu posicionamento e formalização, as três pracetas constituintes do projecto adquirem caracteres ambientais distintos. A praceta ligada à Av. Almirante Reis, como foi referido, acolhe a vida urbana exterior ao quarteirão e possui um carácter mais imponente pela sua formalização mais profunda. A praceta que faz a ligação à Rua Nova do Desterro assume um carácter mais secreto em relação ao exterior, sendo possível o seu reconhecimento através da arcada que a separa da rua. A praceta adjacente ao convento, assumindo-se também como um dos espaços “secretos” do projecto, adquire um carácter mais plácido e de relação com a história, fazendo o confronto entre o novo – as três fachada do Convento que a delimitam com o novo volume proposto.

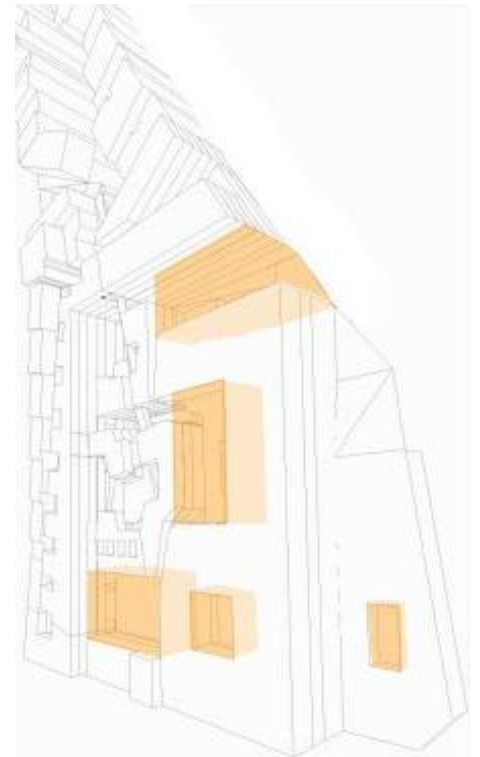


Figura 33. Pracetas e pátios

6.5.3.3 | Cluster



Figura 34. Clusters

O termo *cluster* aplicado num contexto de urbanismo e arquitectura surgiu, pela primeira vez no CIAM 10 em Dubrovnik em 1956. Alison e Peter Smithson, em *Charged Voids: Urbanisms*, definem *cluster* como um padrão específico de associação introduzido com vista a substituir conceitos já carregados de conotações históricas como “rua”, “bairro” ou “cidade” e que é desenvolvida como uma forma particular de habitat tendo em vista cada situação particular.⁶²

Este termo oferece, portanto, a possibilidade de desenvolver tipologias de organização espacial tendo como objectivo a implementação de princípios diversos e a aplicação de vários conceitos específicos a cada situação.

Numa perspectiva de revitalização de um conjunto urbano, a apropriação do termo *cluster* teve em vista a criação de espaços de natureza experimental que respondessem às premissas enunciadas ao longo da presente dissertação, em especial os que influenciam de forma mais localizada a vitalidade do conjunto. Entre estas premissas, tiveram principal importância os conceitos de visão serial, simplicidade/complexidade perceptiva e espaços sociófugos/sociópetos.

O conceito de visão serial é transversal aos vários espaços propostos através da sucessão de espaços consecutivos. Neste conjunto o *cluster* actua como elemento dissonante em relação ao envolvente e, conseqüentemente, tem como objectivo proporcionar uma sensação de surpresa no utilizador, conseguida através da composição formal e

⁶² SMITHSON, Alison & Peter. *Charged Voids – Urbanisms*. Monacelli Press, 2005. P.30.

matérica desse espaço. Esta composição formal tem o objectivo de proporcionar a complexidade perceptiva que actua como contraponto à simplicidade e neutralidade dos espaços que a antecedem na experiência percursiva do conjunto. Procurou-se uma formalização que resultasse num conjunto de nichos identificáveis tanto pela sua definição pela massa edificada como pelas diferenças de cota do pavimento, que permitem a apropriação dos espaços à escala humana, sendo possível a utilização destes desníveis, por exemplo, como espaço de estar informal, onde os utilizadores se podem sentar em momentos de socialização ou de introspecção. A utilização de planos inclinados que se debruçam ou se afastam dos utilizadores pretende imbuir no ambiente arquitectónico uma dinâmica formal que contribui para a complexidade perceptual. Ao mesmo tempo ajuda a definir os “nichos”, tornando possível a existência de espaços exteriores cobertos e identificáveis como um “nicho” sem os destacar completamente do todo. No caso do *cluster* desenvolvido mais a fundo neste projecto, estas características aplicam-se ao espaço principal e mais amplo, associando-se a dois espaços de menor escala, de carácter mais íntimo separados visualmente. Da mesma forma, permite a experimentação de espaços interiores mais singulares.

O conceito de espaços sociófugos e sociópetos está patente no desenho concêntrico destes “nichos”, que conformam espaços de natureza mais sociópeta sucedido por espaços mais excêntricos que intercalam os anteriores.

A materialidade escolhida procurou criar uma ambiência de envolvimento quente e confortável para este espaço, através da utilização uniforme de ripado de madeira como revestimento e sombreamento dos vãos dando um carácter de “fundo” aos edifícios delimitantes do espaço. O pavimento é em pedra lioz de forma a contribuir para a ambiência “quente”

pretendida para este espaço. Tal como a configuração formal, a materialidade utilizada pretende funcionar como contraste à materialidade exterior sendo adivinhável apenas por pequenos apontamentos exteriores ao cluster ou por perspectivas limitadas do interior.

6.6 | PROGRAMA – INTRODUÇÃO DE UM PROGRAMA DE USOS MISTOS

Tendo em atenção o tema da introdução de usos mistos exposto anteriormente e a sua importância na criação de ambientes urbanos e arquitectónicos vivos e que incutam aos seus utilizadores um sentido de comunidade decorrente da ocupação do espaço, propõem-se, para o complexo urbano em estudo, uma variedade de usos associados. Estes compreendem utilizações residenciais, de trabalho, de lazer e comércio, situados em proximidade e de acordo com as premissas discutidas no subcapítulo referente a este tema.

Assim o programa é composto por:

6.6.1 | HABITAÇÃO

Propõe-se a existência de várias tipologias de habitação, que proporcionem uma variedade social, que contribuirá para toda a vitalidade de todo o conjunto.

6.6.1.1 | HABITAÇÃO CONVENCIONAL

Neste contexto, entende-se por habitação convencional a habitação integrada num edifício residencial multifamiliar organizado segundo a distinção entre espaços privados (quartos) e espaços mais sociais (sala e cozinha). No projecto proposto é constituída por fogos de tipologia T0, T1 e T2. Devido à tendência para o aumento do número de pessoas a viverem sozinhas, em especial jovens trabalhadores e idosos e da mudança progressiva do agregado familiar típico, foi dada ênfase à criação de um número alto de fogos T0. Foram também introduzidos pequenos espaços de trabalho nos fogos,

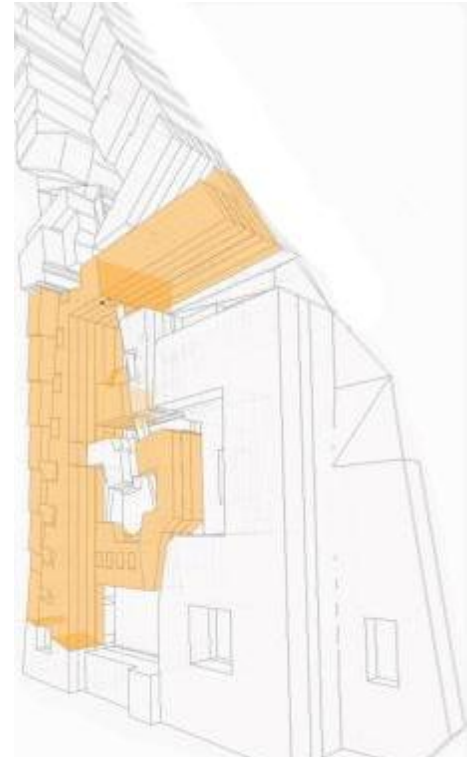


Figura 35. Habitação



Figura 36. Habitação convencional

que respondem a tendência para o aumento do trabalho a partir de casa.

Nos fogos de tipologia T2, os espaços privados ocupam o corpo dos edifícios pré-existentis, voltados para a Rua Capitão Renato Baptista e de constituição mais matérica. O espaço mais social da casa encontra-se voltado para o interior do quarteirão, possuindo uma linguagem arquitectónica mais aberta e estrutural. Estas duas zonas principais da casa são separadas por um espaço de entrada e circulação amplo e iluminado por um saguão. A organização tipológica esquerdo/direito existente nos edifícios pré-existentis foi mantida, redesenhando-se, no entanto, o acesso vertical aos fogos. Em todo o conjunto dos edifícios destinados à habitação convencional, existem no primeiro piso espaços polivalentes e espaços exteriores abertos para o espaço público interior que possibilitam a ventilação dos saguões.

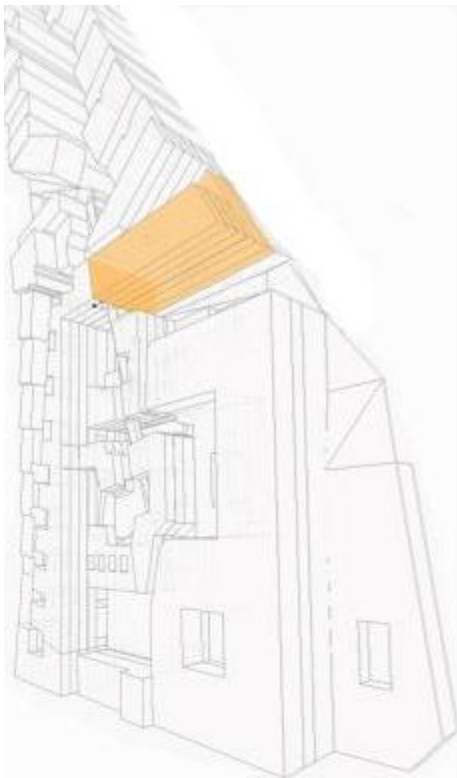


Figura 37. Habitação temporária – Residência de estudantes.

6.6.1.2 | HABITAÇÃO TEMPORÁRIA

Constituída por uma residência de estudantes, pertinente tendo em conta a nova utilização de Escola Superior de Artes proposta para o antigo Convento do Desterro. Optou-se pela sua implantação numa posição mais isolada em relação aos restantes edifícios de habitação e em proximidade com a Escola Superior de Artes proposta para o antigo convento, ocupando o edifício que define a praça, em contacto com a Avenida Almirante Reis.

6.6.1.3 | HABITAÇÃO UNIFAMILIAR

Constituída por um conjunto de moradias urbanas. Pretende-se que torne atrativa a ocupação deste complexo

urbano para um grupo social de maior poder económico. Propõem-se a existência de espaços polivalentes que possam funcionar como espaço de trabalho ou espaços de estar secundários, bem como uma flexibilidade do espaço privado, que permita um maior ou menor número de quartos segundo as necessidades da família que os ocupar. Os quartos encontram-se voltados para a pequena praça a Sul enquanto o espaço de carácter mais social se encontra voltado para o interior do *cluster*. Procurou-se com esta distribuição aproveitar a geometria caracterizadora do *cluster* na criação de espaços mais singulares para a zona de estar da casa. Cada um dos fogos é servido por um espaço de estacionamento subterrâneo privado, directamente articulado com o interior deste.

6.6.1.4 | HABITAÇÃO EXPERIMENTAL

Pretende-se que a habitação experimental funcione como uma tipologia híbrida habitar/trabalhar, sendo composta por unidades d

e habitação de pequena escala associadas a um atelier ou escritório.

6.6.2 | TRABALHO

Propõe-se a introdução de edifícios destinados a escritórios como complemento à função maioritariamente habitacional do conjunto urbano. Estes encontram-se situados nos pontos de maior relação com as vias de comunicação exteriores à área de intervenção de modo a maximizar a sua visibilidade e acessibilidade ao público. Pretende-se maximizar a sua flexibilidade de uso através de uma planta de desenho aberto.

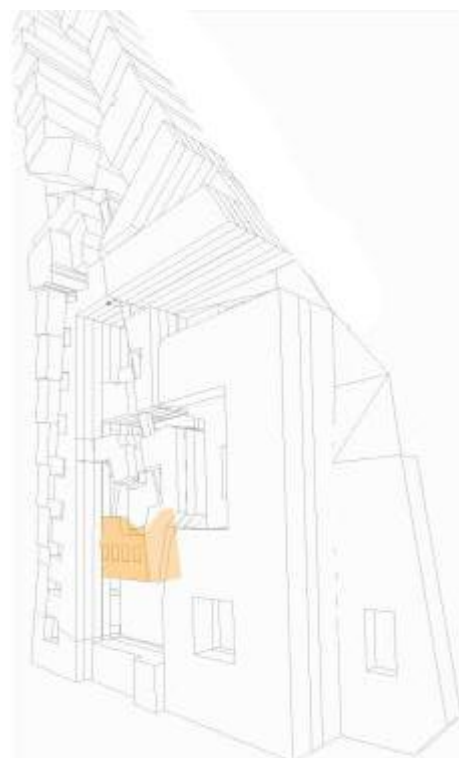


Figura 38. Habitação Unifamiliar

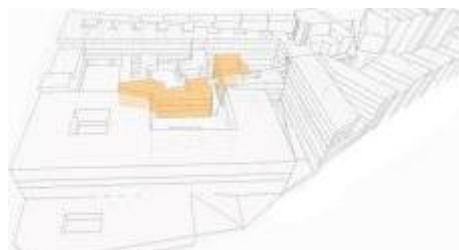


Figura 39. Habitação Experimental

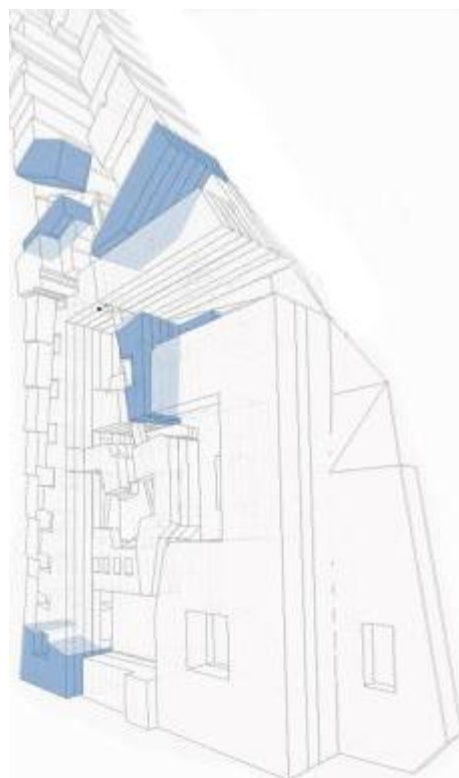


Figura 40. Escritórios

6.6.3 | EQUIPAMENTO PÚBLICO

Como forma de maximizar a atractividade do lugar e o seu carácter multifuncional, foram introduzidos equipamentos públicos de apoio ao uso residencial que actuem tanto como focos polarizadores a nível mais local como a uma escala mais alargada, de forma a atrair utentes de outras partes da cidade.

6.6.3.1 | ESCOLA SUPERIOR DE ARTES

Propõe-se a reabilitação do antigo Convento do Desterro, mantendo a sua estrutura e fachadas principais e transformando-o numa Escola Superior de Artes. Este tipo de utilização permite a ocupação do ambiente urbano por um grande número de pessoas e por um grupo demográfico passível de utilizar os espaços públicos no interior do quarteirão, bem como o comércio, serviços e equipamentos que o compõem. Desta forma, actua como foco revitalizador do conjunto urbano, através da sua atractividade à escala da cidade.

6.6.3.2 | MEDIATECA

Introduziu-se uma mediateca no coração do interior do quarteirão como forma de proporcionar uma atractividade mais localizada para os espaços públicos interiores. Esta é composta por salas de leitura e multimédia, servidas por uma cafetaria ao nível do piso térreo e pretende proporcionar um espaço utilizável tanto para lazer como para trabalho/estudo. A introdução deste uso visa responder a um dos factores expostos nos capítulos anteriores que traduz a tendência para o aumento do trabalho (profissional ou académico) digital, que permite a opção de trabalhar a partir de casa ou qualquer outro sítio. Tanto a sala multimédia como a sala destinada a

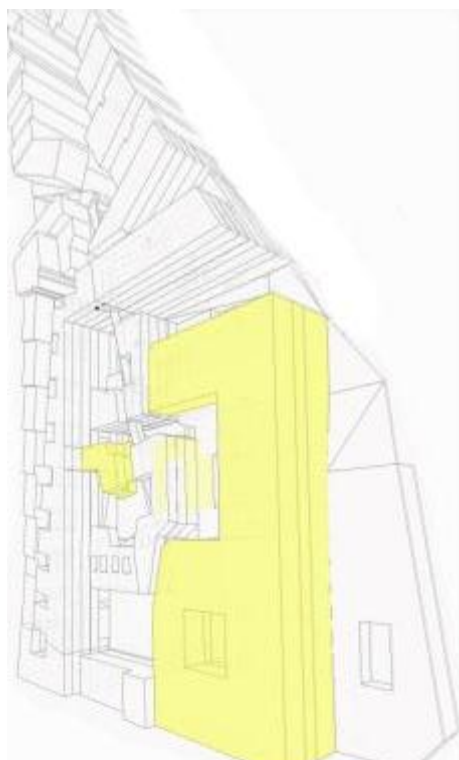


Figura 41. Equipamento público

leitura possuem associado um espaço de leitura mais informal, configurado pela geometria mais fractalizada do *cluster*.

6.6.3.3 | ATELIERS PÚBLICOS

Propõe-se a existência de um espaço público destinado a trabalho ou estudo de carácter mais relacionado com as artes. O facto de se situar em proximidade à Escola de Artes proposta permite que tenha uma utilização garantida. No entanto, pretende-se que seja um espaço aberto ao público. Encontra-se implantando em contacto com os espaços de carácter mais intimista e calmo do *cluster*. A nível de organização interna é composto por um grande espaço aberto que permite a sua subdivisão ou não, conforme as necessidades e uma sala mais resguardada voltada para o espaço verde enterrado, adjacente ao convento. É servido por um espaço de preparação de refeições e de estar.



Figura 42. Comércio e Serviços

6.6.3.4 | ESPAÇO DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

Pretende-se criar um espaço aberto ao público e associado à Escola de Artes e destinado à exposição periódica de trabalhos, complementado por uma pequena cafetaria. Este envolve o espaço de carácter mais calmo do *cluster*, enterrado em relação ao claustro do Convento.

6.6.4 | COMÉRCIO E SERVIÇOS

Como complemento à função habitacional e forma de potenciar a vitalidade do conjunto urbano, projectou-se a existência de espaços destinados a comércio e serviços. Estes situam-se no piso térreo dos edifícios ao longo de todo o

conjunto urbano. Desta forma responde-se à necessidade de afluência populacional em vários horários do dia, actuando como motor vitalizador dos espaços públicos. A existência de comércio e serviços em conjugação com habitação e trabalho proporciona também o efeito de benefício mútuo entre estas funções. Por um lado, existe a conveniência do ponto de vista do morador ou do trabalhador em possuir espaços de comércio ou – por exemplo – restauração por perto. Por outro, simultaneamente, esta proximidade beneficia o comércio e os serviços, tornando mais provável a existência de clientela regular.

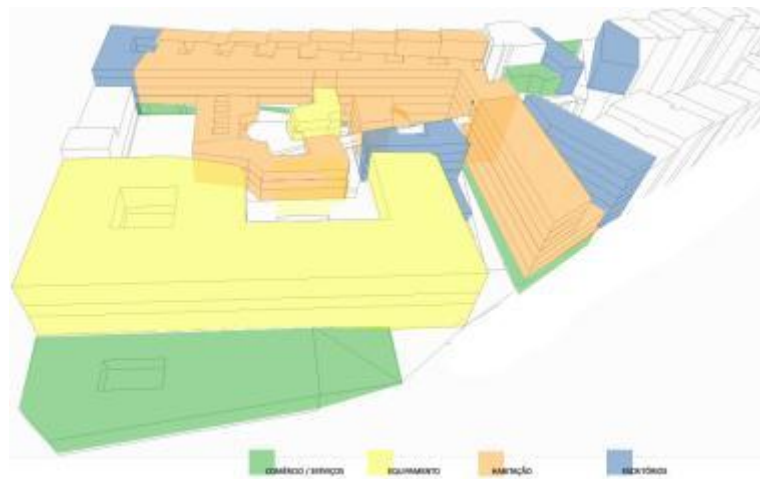


Figura 43. Distribuição de usos

6.7 | REABILITAÇÃO E RENOVAÇÃO DOS EDIFÍCIOS EXISTENTES

Existe a intenção de manter a maioria dos edifícios delimitadores do quarteirão de intervenção, como forma de manter o carácter deste como unidade integrante da envolvente – zona do Desterro – em que se insere. Assim, visto do exterior, a massa edificada constituinte do quarteirão mantém o carácter original no seu conjunto. Pretende-se que indique apenas pontualmente – através dos pontos em que a nova construção contacta o exterior – o que se passa no interior.

Assim, houve a necessidade de proceder a operações de reabilitação e renovação do edificado existente. Estas compreendem, como já foi referido, a proposta reabilitação do antigo Convento do Desterro para a utilização como Escola Superior de Artes, e a reorganização tipológica dos edifícios de habitação adjacentes à Rua Capitão Renato Baptista.

Tendo em conta a fundamentação para a atribuição de um novo uso do Convento do Desterro, o que se propõe, a nível de imagem da cidade é a regularização da sua geometria através do mantimento de todas as fachadas e estrutura principal do Convento, eliminando os elementos que lhe foram sendo acrescentados ao longo dos anos de forma algo desordenada e simplificando a configuração da cobertura. Pretende-se com isto evidenciar a sobriedade e uniformidade estrutural e de linguagem arquitectónica do Convento.

6.7.2 | RENOVAÇÃO DOS EDIFÍCIOS ADJACENTES À RUA CAPITÃO RENATO BAPTISTA

A porção da Rua Capitão Renato Baptista situada entre as suas intersecções com a Rua Nova do Desterro e a Rua Rafael



Figura 44. Vista da construção no interior do quarteirão e das fachadas traseiras dos edifícios adjacentes à Rua Capitão Renato Baptista



Figura 45. Vista da construção adjacente ao Hospital do Desterro e da sua cobertura junto à entrada da Rua Nova do Desterro



Figura 46. Vista da Rua capitão Renato Baptista, com a área de intervenção à esquerda

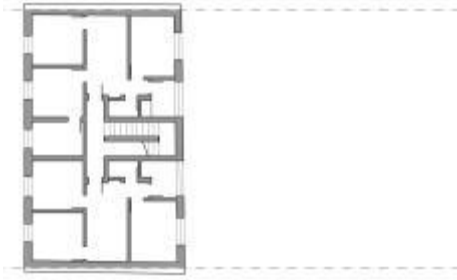


Figura 47. Organização pré-existente.

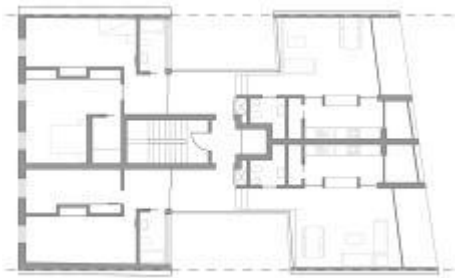
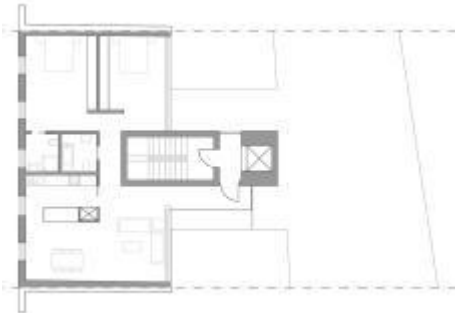


Figura 48. Proposta – Em cima: fogo-tipo, abrangendo o edifício pré-existente e o novo volume no interior do quarteirão.



Em baixo: Fogo único nos pisos superiores dos edifícios pré-existentes

Andrade é fortemente caracterizada pelos edifícios adjacentes à área de intervenção. Embora não possuindo uma qualidade arquitectónica especialmente notável, o facto de manter uma métrica rigorosa de repetição de fachadas e de ritmos dos vãos durante uma grande extensão da rua, bem como o facto de possuírem todos a mesma materialidade, configurando um grande pano de azulejos delimitante das ruas, confere-lhe uma importância notável na caracterização desta rua. Devido a isto, foi tomada a opção de manter todo este conjunto edificado, integrando-o no projecto.

No entanto, numa perspectiva de adaptação ao padrão habitacional actual, tornou-se necessário reorganizar os fogos ao corpo edificado em L projectado para o interior do quarteirão. Desta forma, manteve-se a estrutura principal e a fachada exterior dos edifícios, mantendo também a organização esquerdo/direito e redesenhando a circulação vertical e o seu acesso para o interior do quarteirão.

Assim, optou-se por ocupar a parte pré-existente do edifício com a zona mais privada da habitação, virando a parte mais social para o interior do quarteirão e para os espaços públicos propostos. Estas duas zonas principais da casa encontram-se separadas pelo espaço de entrada e circulação e por um saguão, que proporciona ventilação e iluminação em todos os espaços da habitação.

Devido à disparidade de cotas entre os edifícios pré-existentes e o novo volume proposto, existiu a necessidade de introdução de degraus como forma de vencer esta diferença. Sendo necessária a sua introdução, procurou-se que estes contribuíssem para a distinção fenomenológica privado/público da casa, situando-se entre estas duas zonas principais da casa.

Nos casos em que, devido a esta diferença de cotas, alguns dos pisos dos edifícios pré-existentes se elevam em

relação ao novo volume proposto, optou-se pela introdução de um fogo de tipologia T2 em cada um deles.

7 | CONCLUSÃO

A pesquisa efectuada ao longo desta dissertação permitiu, numa primeira fase, perceber melhor de que forma uma conjugação de factores históricos e sociais modelaram a cidade em que vivemos hoje em dia, tanto a nível morfológico como social, cujas dinâmicas se manifestam a um nível muito complexo. Maria da Luz Pereira descreve bem esta perspectiva da cidade quando refere que esta *“cristaliza os processos sociais, a sua configuração física vai reflectindo a mudança desses processos e adquirindo, por essa via carácter próprio.”*⁶³ A cidade é, além de uma entidade física construída, a sua população, que existe tanto como um grupo de dinâmicas próprias como um conjunto de indivíduos diferenciados a um nível mais particular. Por outro lado, é também, e cada vez mais, parte de um todo, estando conectada a vários níveis com o resto do mundo.

A complexidade inerente à procura de revitalização de uma parte da cidade, seja a um nível mais urbanístico ou mais focado na arquitectura de uma pequena vizinhança, faz com que seja necessário incorporar áreas de conhecimento como a sociologia ou a psicologia na metodologia projectual, englobando também aspectos de ordem económica ou política mais difíceis – mas possíveis - de integrar na arquitectura. Da mesma forma, na proposta de criação de um espaço que responda aos requisitos de vitalidade urbana e identificação com o lugar por parte dos moradores identificados como ideais nos objectivos iniciais, está implícita uma certa componente de manipulação comportamental e de resposta fenomenológica do ser humano. É neste campo que entra a psicologia e sociologia como componentes de projecto.

⁶³ PEREIRA, M. d. (Lisboa). Reabilitar o Urbano ou como restituir a cidade à estima pública. 1987: LNEC. p.1

Contrariamente, há que ter em conta a diferença entre cada indivíduo e as suas respostas fenomenológicas a um determinado espaço bem como os factores sociais e culturais de maior escala que influenciam a ocupação e a vivência de um espaço – em especial a uma escala urbana - e que podem actuar de forma independente da arquitectura.

Tendo como base estas considerações e a investigação desenvolvida conclui-se que, aplicando as estratégias estudadas ao longo desta, a arquitectura actua como uma força positiva no sentido da revitalização de um espaço, no contexto em estudo. No entanto, é excessivo dizer que a arquitectura por si só pode garantir a vivência do espaço pretendida, independentemente de todas as outras condicionantes que definam o contexto em questão. Mais concretamente, a aplicação destas estratégias - a densificação, a multiplicidade de usos, o desenho de um espaço dinâmico e estimulante - tendo em conta a investigação teórica efectuada, contribui para a concretização de um espaço de características de vivência associáveis ao que se verifica nos bairros de génese medieval, estando apesar disso dependente de factores contextuais externos ao projecto. Da mesma forma, o tema de aproveitamento de um quarteirão num centro histórico como forma de densificação e revitalização de um ambiente urbano, mesmo que aplicado sistematicamente em todos os quarteirões da cidade que o possibilitem, não irá resolver as problemáticas apresentadas de êxodo do centro urbano e suburbanização. No entanto, irá certamente actuar como uma força contrária a esse processo.

Relativamente à temática da utilização da arquitectura como forma de influenciar a ocupação social do espaço, abordado na perspectiva de revitalização, é interessante a forma como estudando as respostas fenomenológicas do

indivíduo em confronto com a envolvente arquitectónica é possível influenciar até certo ponto a sua reacção psicológica e a probabilidade de um certo tipo de comportamento ocorrer⁶⁴. De certa forma, do mesmo modo que é possível racionalizar a arquitectura com base na função pretendida para o objecto arquitectónico e na geometria, parece ser possível racionalizar o espaço com base na resposta fenomenológica e emocional pretendida para os utilizadores desse espaço. No entanto, devido à natureza ainda pouco clarificada e extremamente complexa dos processos mentais envolvidos neste fenómeno, não é ainda possível fazê-lo de forma rigorosa.

No caso concreto da revitalização do quarteirão adjacente ao Hospital do Desterro, conclui-se que é possível aplicar a grande maioria das estratégias apresentadas neste contexto de criação de uma micro-comunidade no interior do quarteirão. É certo que, devido à natureza dos conceitos em estudo, é impossível aferir se a solução proposta atinge com certeza o resultado proposto como objectivo da dissertação, uma vez que seria necessária uma experimentação prática para conseguir uma conclusão definitiva. No entanto, tendo em conta o modo como foram aplicados os conceitos teóricos, penso que responde de forma positiva às premissas propostas como tema da investigação, conformando as estratégias apresentadas desde a escala urbana até à escala do Homem.

⁶⁴ CARMONA, et al. *Op. Cit.* P.72

8 | BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Cristopher, e Serge CHERMAYEFF. *Comunidad y Privacidad*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1963.

AUGÉ, Marc. *Os não-lugares - Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora, Lda., 2005.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BAPTISTA, António J. Mendes, e Maria Albina MARTINHO. *Programas Urban e Reabilitação Urbana*. Porto: Direcção Geral do Desenvolvimento Regional, 1996.

CARMONA, Matthew, Steve Tiesdell, Taner OC, e Tim HEATH. *Public places- urban spaces*. London: Taylor & Francis LTD, 2010.

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1984.

GIDDENS, Anthony. *O mundo na era da globalização*. Editorial Presença: 2005, Lisboa.

GOITIA, Fernando Chueca. *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença, s.d.

GRACIA, Francisco de. *Construir en lo construído. La Arquitectura como modificación*. Madrid: Editorial Nerea, 1992.

HOLL, Steven. *Urbanisms – Working with Doubt*. New York: Princeton Architectural Press, , 2009.

JACOBS, Jane. *The death and life of great american cities*. New York: Random House, 1961.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LYNCH, K., T. BANERJEE, e M SOUTHWORTH. *City sense and city design: writings and projects*. Massachussets: The MIT Press, 1991.

MONTANER, Josep Maria. *A Modernidade Superada*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.

MUGA, Henrique. *Psicologia da Arquitectura*. Porto: Gailivro, 2005.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. S. Paulo: Martins Fontes, 1982.

PEREIRA, Maria da Luz Valente. *Reabilitar o Urbano ou como restituir a cidade à estima pública*. 1987: LNEC, Lisboa.

PORTAS, Nuno. *"Conservar renovando ou recuperar revitalizando" em Coimbra antiga e avivificação dos centros históricos*. Coimbra, 1983.

PORTAS, Nuno. et al. *Políticas urbanas – Tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa: FCG, 2003.

SMITH, e Hedley. "Running the Gauntlet. In *The Compact City: A sustainable urban form?*" London: E & FN Spon, 1996.

SMITHSON, Alison & Peter. *Charged Voids – Urbanisms*. Monacelli Press, 2005.

TÁVORA, Fernando. *Da organização do espaço*. Porto: Edições da Faculdade de Arquitectura do Porto, 1996.

WHYTE, William H. *The Social Life of Small Urban Spaces*. s.d.

Número de palavras: 16 702

9 | ANEXOS

9.1 PROCESSO DE TRABALHO

9.1.1 MODELOS TRIDIMENSIONAIS

9.1.2 ESQUIÇOS

9.2 – DESENHOS FINAIS

9.2.1 PLANTA DE LOCALIZAÇÃO 1.2000

9.2.2 ESQUEMAS DE CONCEPÇÃO

9.2.3 PLANTAS E PERFIS 1.500

9.2.4 PLANTAS 1.200

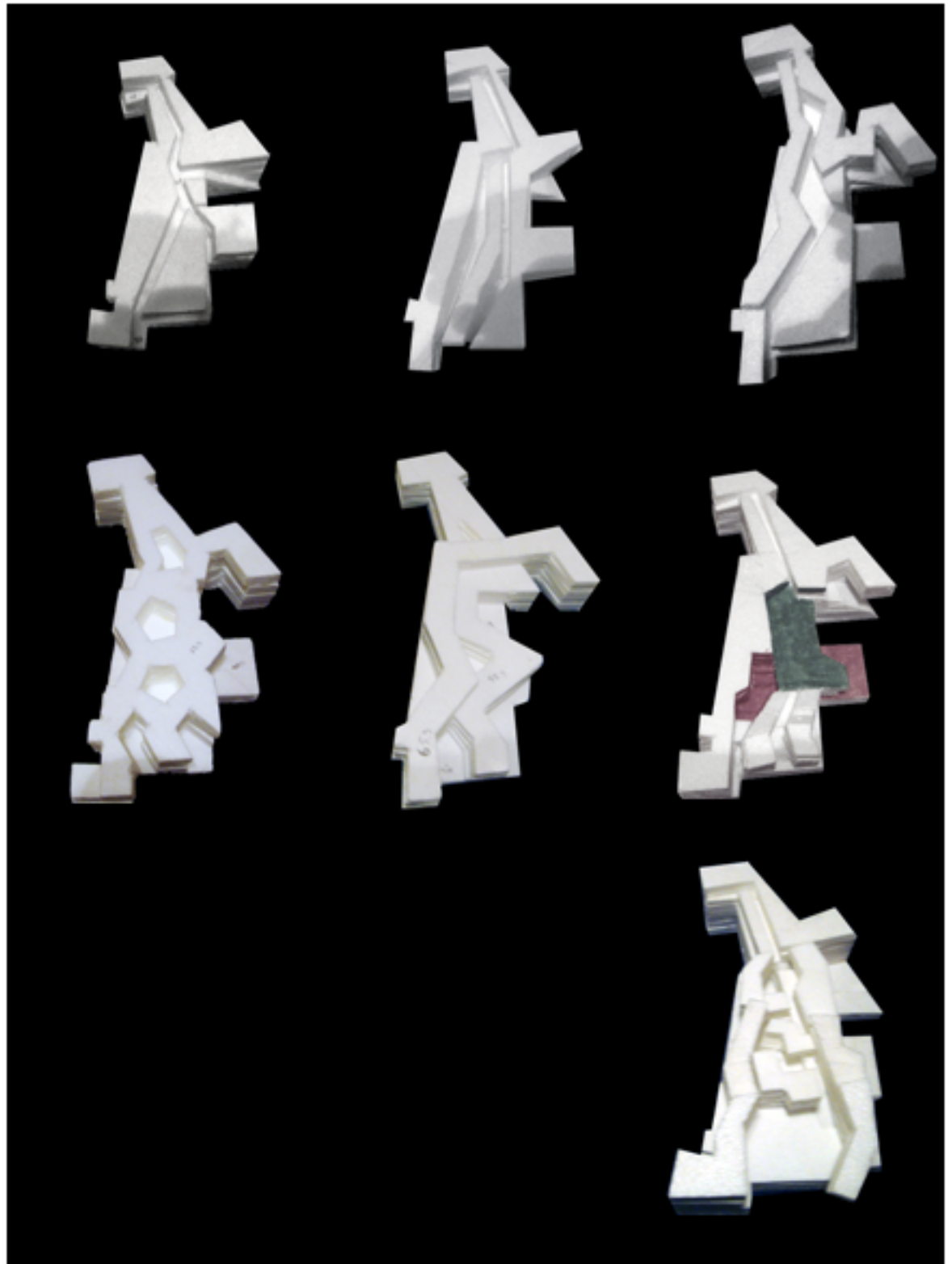
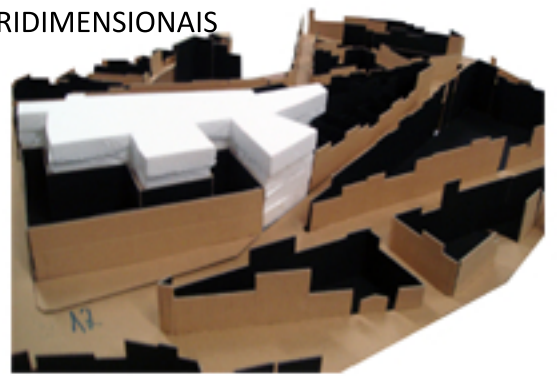
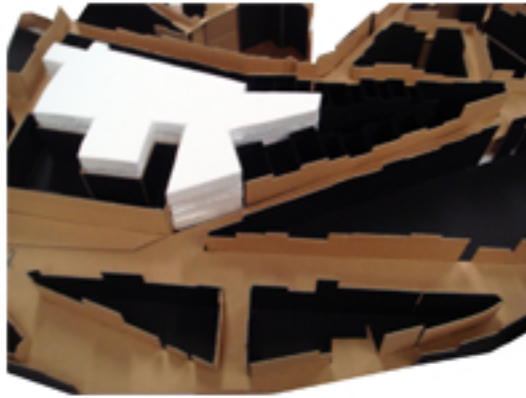
9.2.5 CORTES E ALÇADOS 1.200

9.2.6 PLANTAS 1.50 E CORTE CONSTRUTIVO 1.20

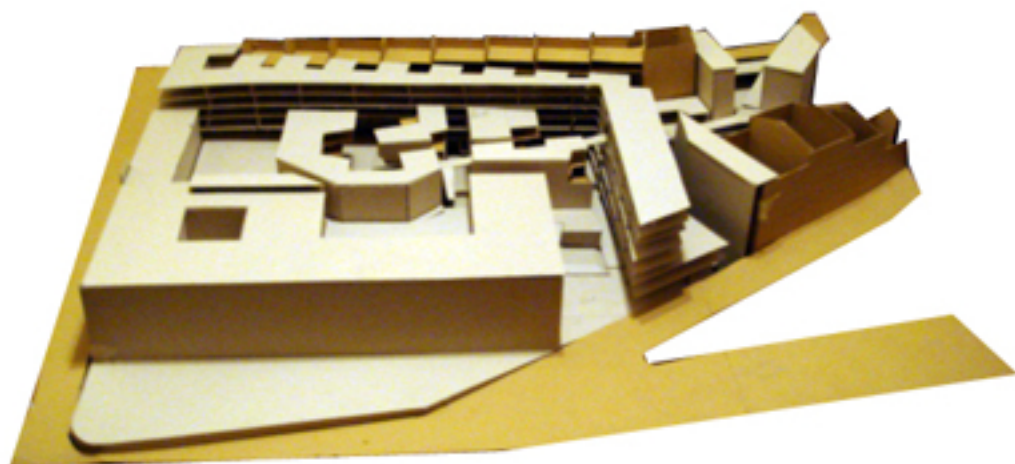
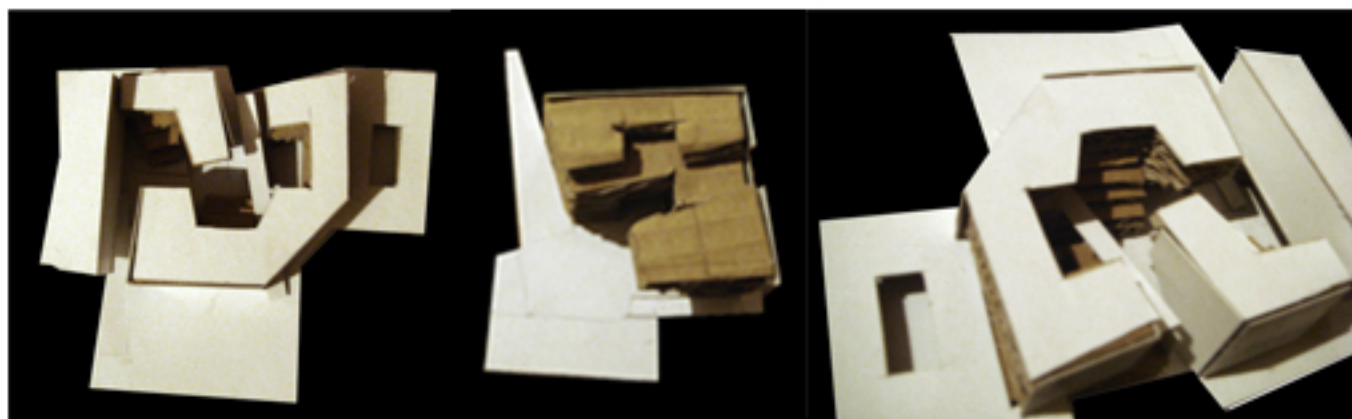
9.2.7 CORTES E ALÇADOS 1.50 E CORTE CONSTRUTIVO 1.20

9.2.8 ARGUMENTAÇÃO VISUAL

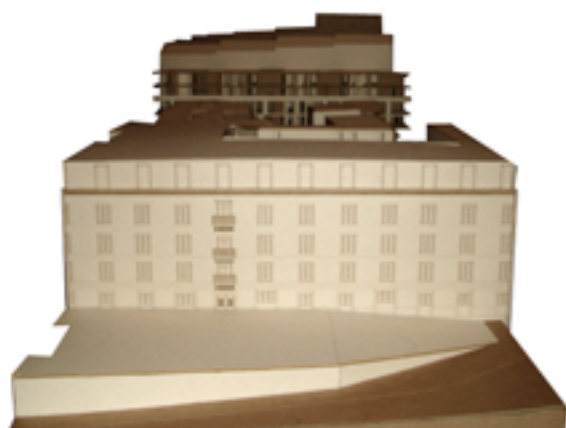
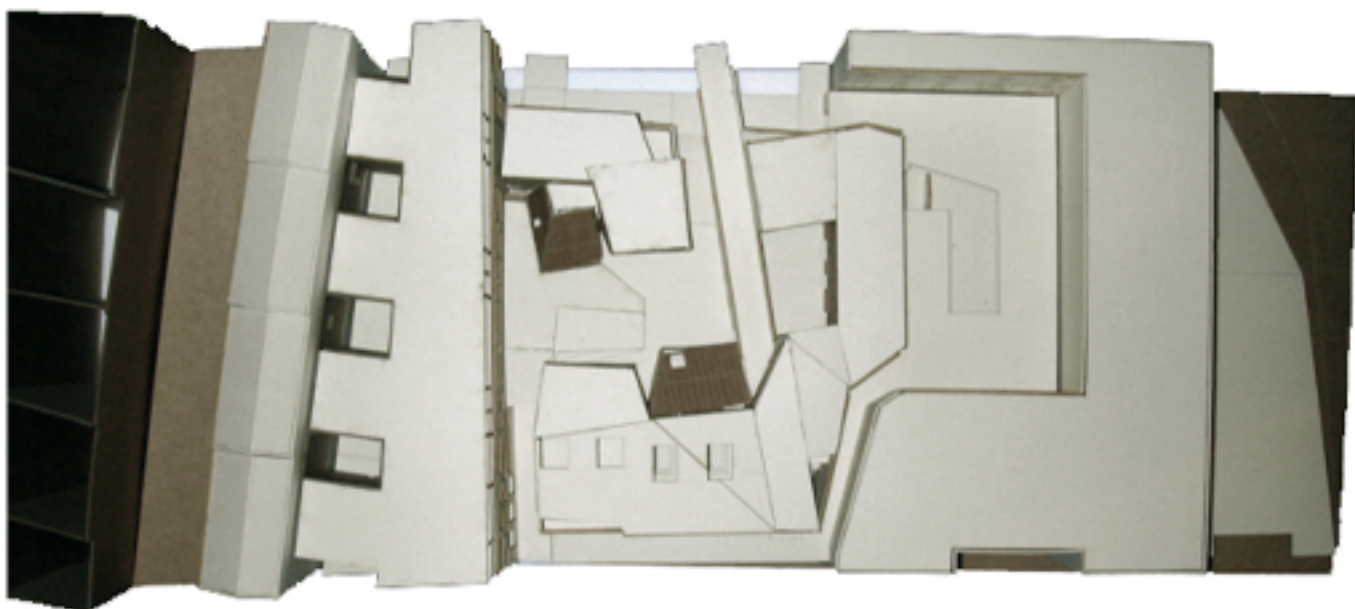
9.1 | PROCESSO DE TRABALHO - MODELOS TRIDIMENSIONAIS



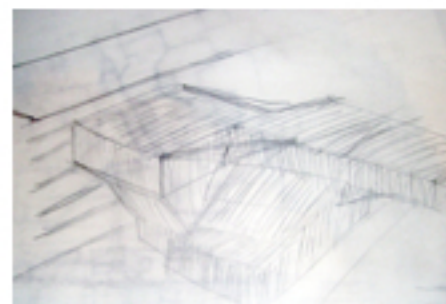
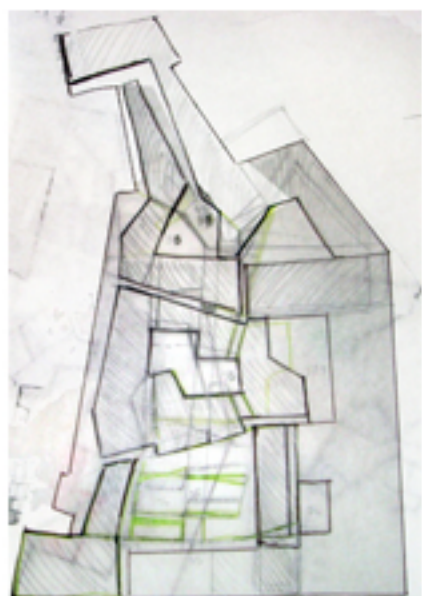
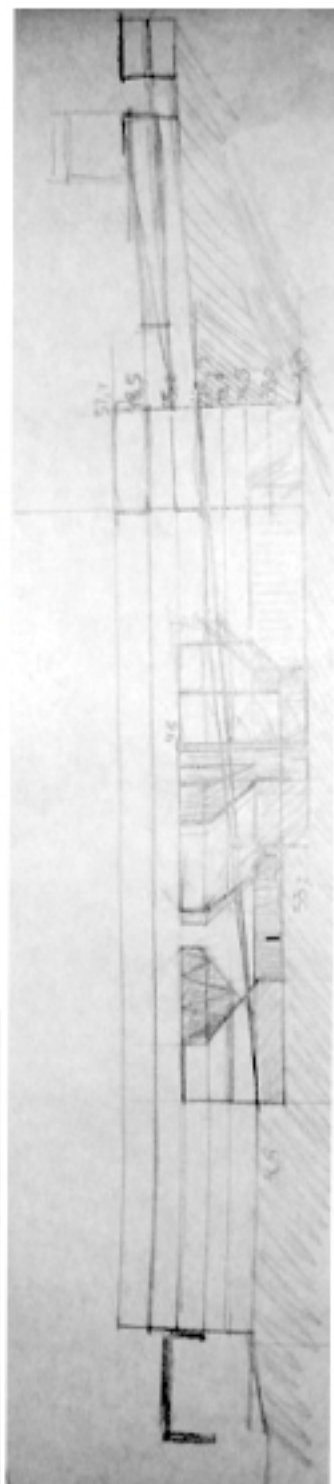
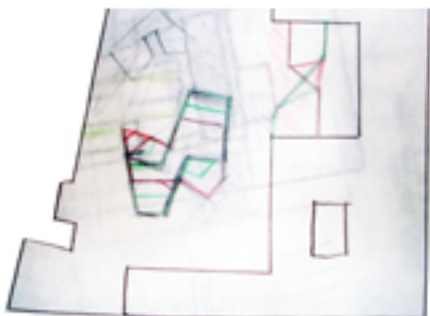
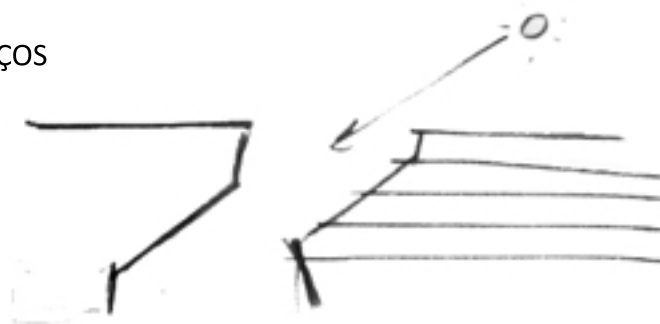
9.1 | PROCESSO DE TRABALHO - MODELOS TRIDIMENSIONAIS



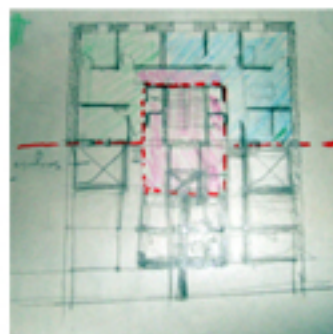
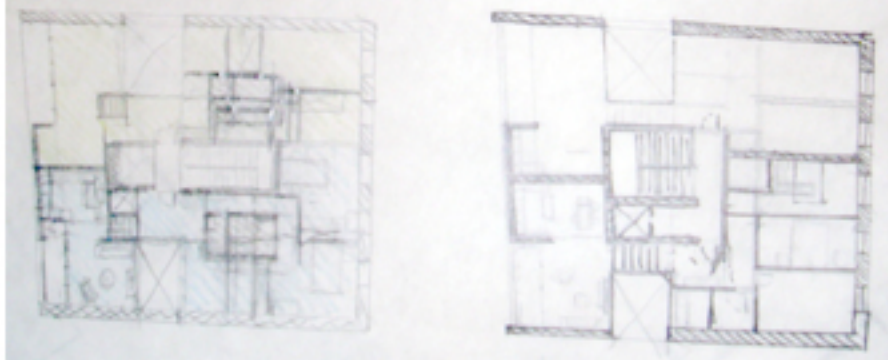
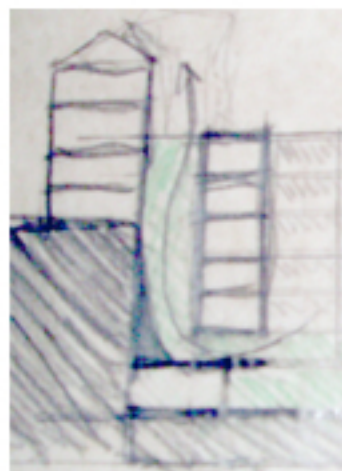
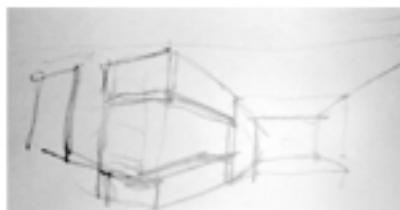
9.1 | PROCESSO DE TRABALHO - MODELOS TRIDIMENSIONAIS



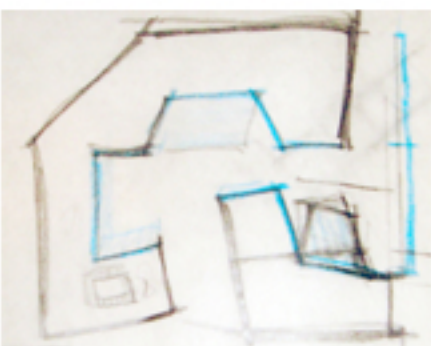
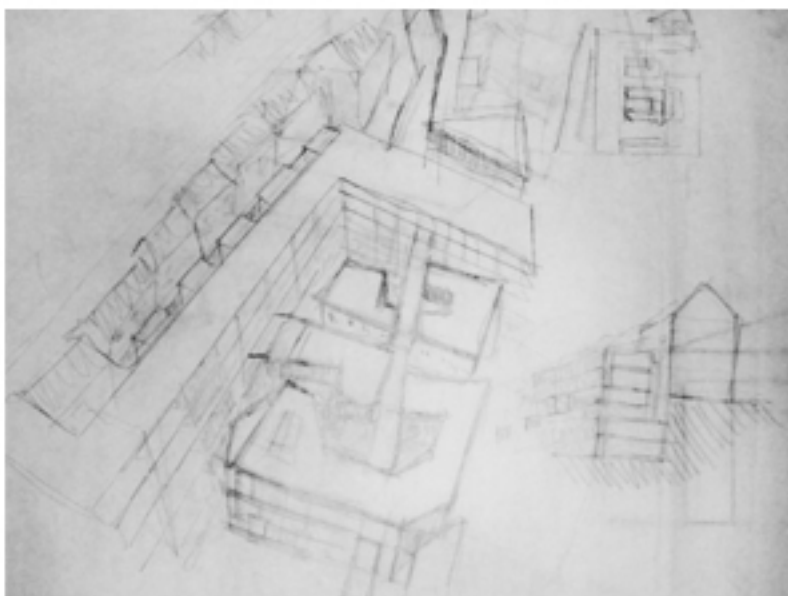
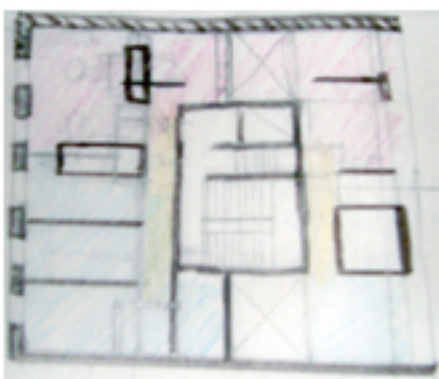
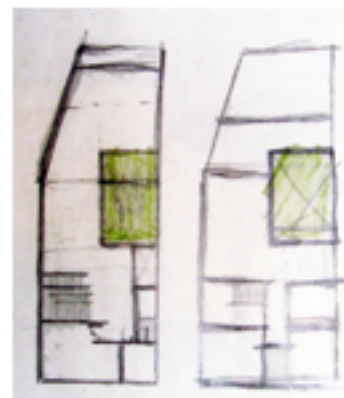
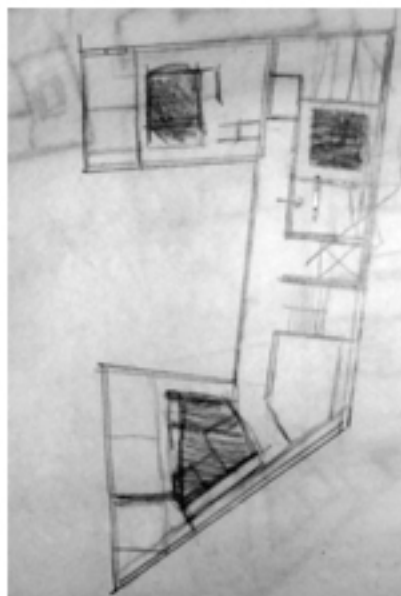
9.1 | PROCESSO DE TRABALHO - ESQUIÇOS



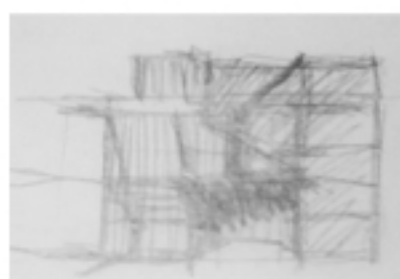
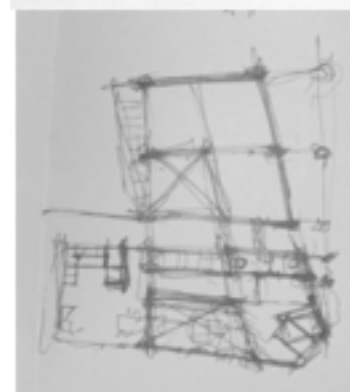
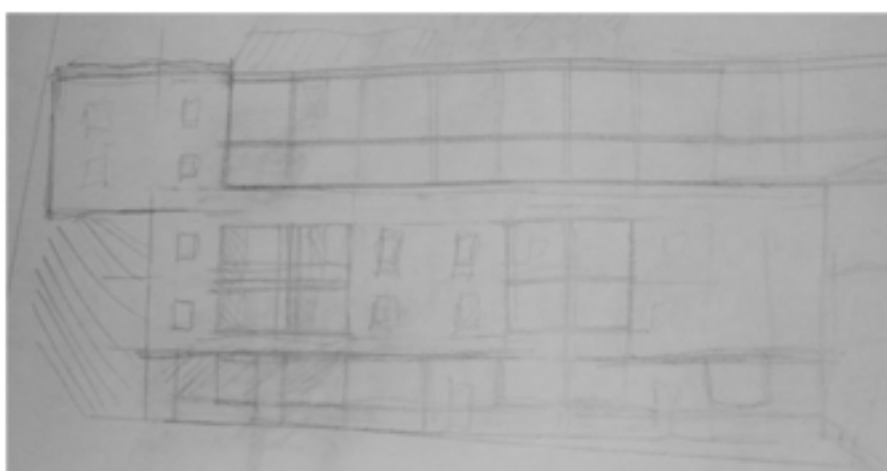
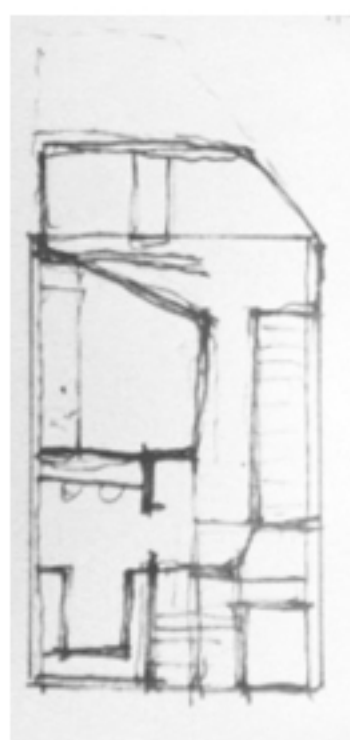
9.1 | PROCESSO DE TRABALHO - ESQUIÇOS



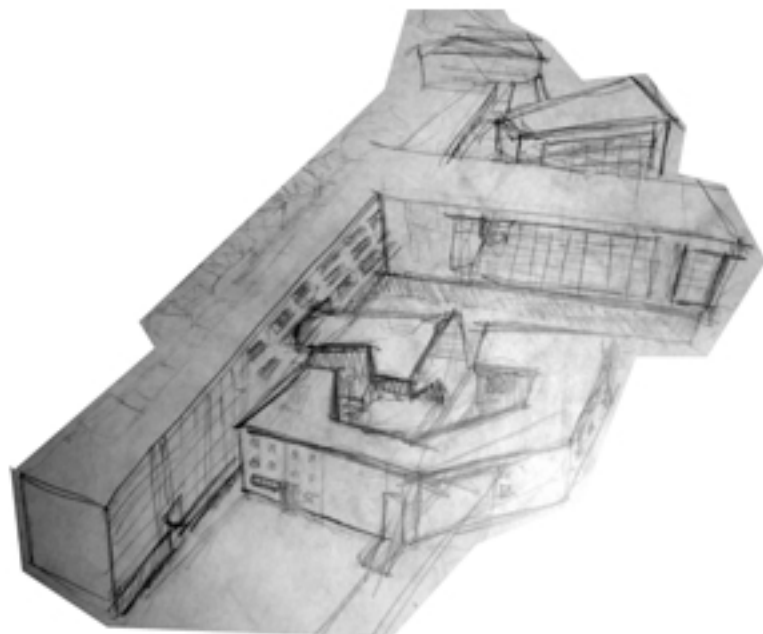
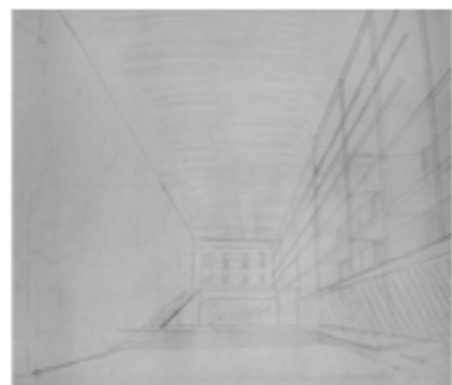
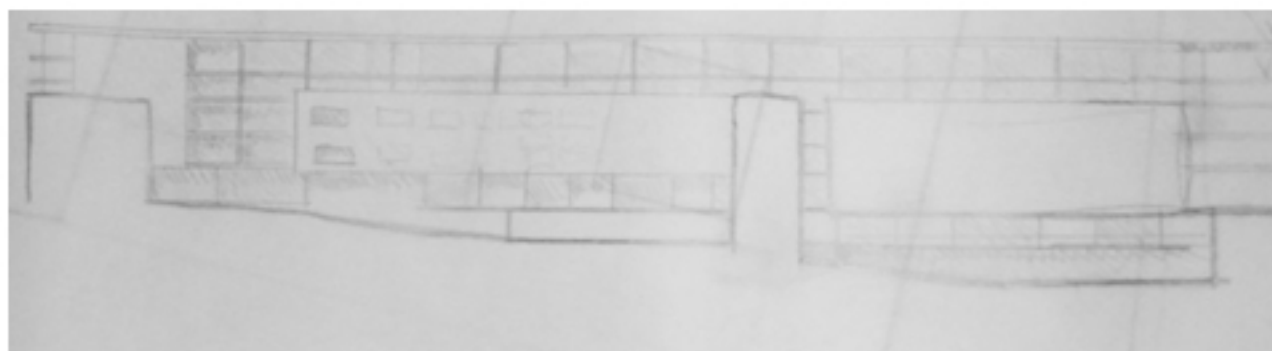
9.1 | PROCESSO DE TRABALHO - ESQUIÇOS



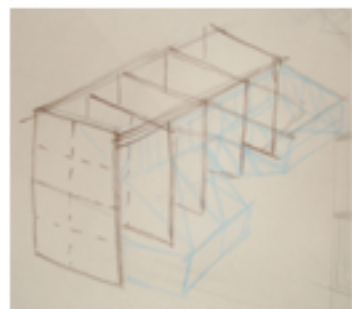
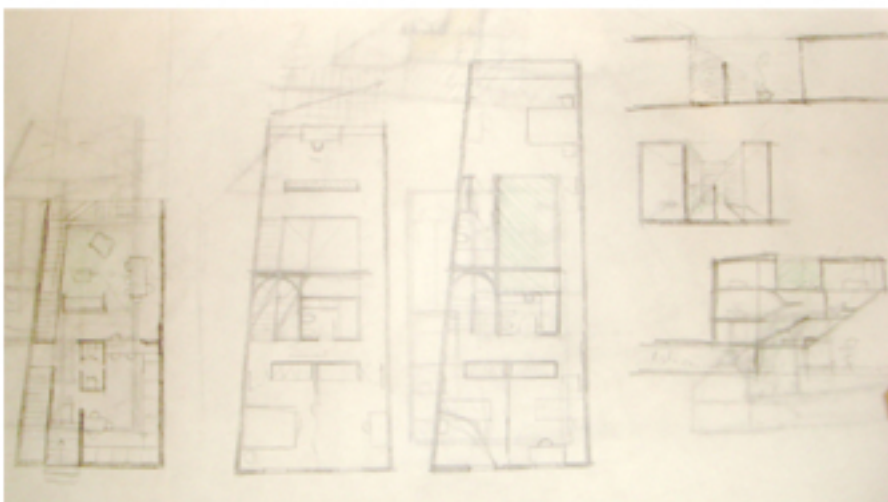
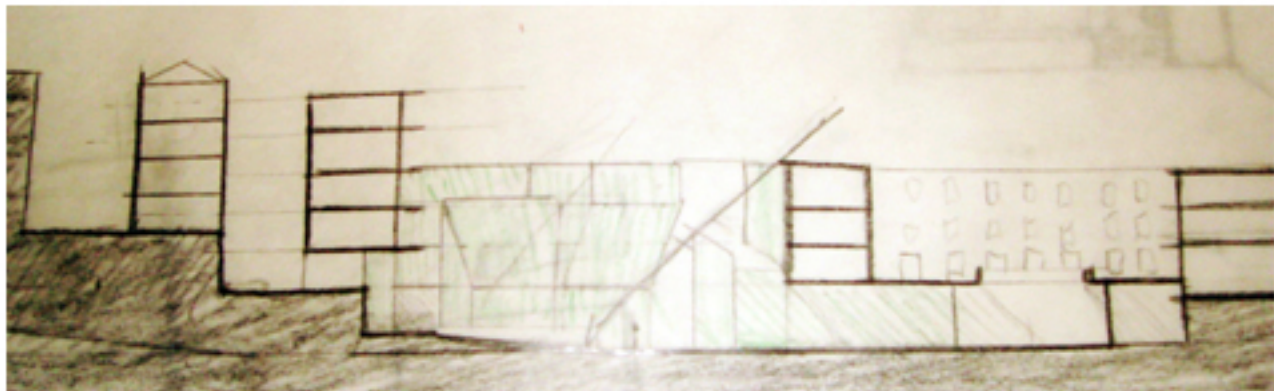
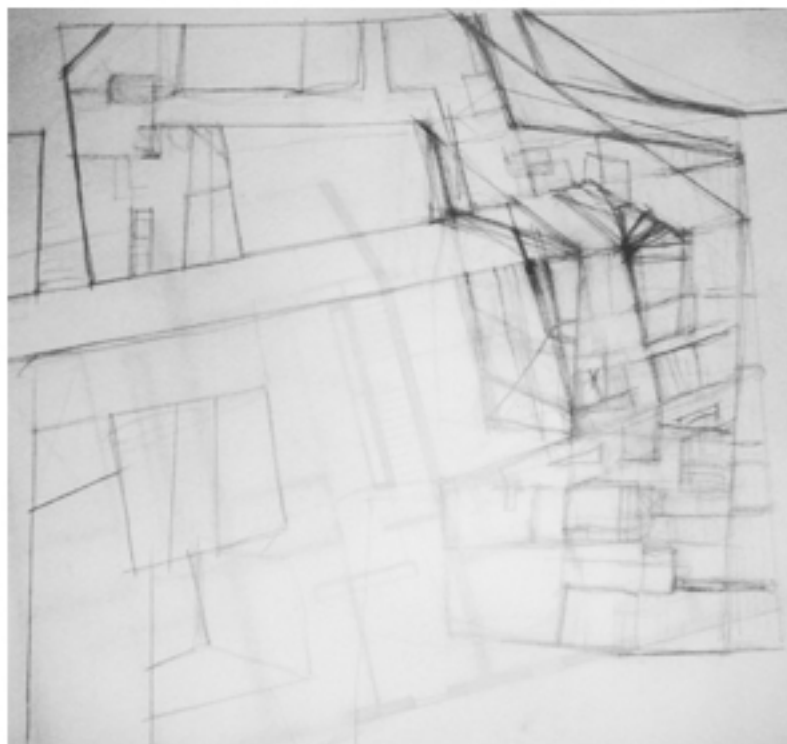
9.1 | PROCESSO DE TRABALHO - ESQUIÇOS



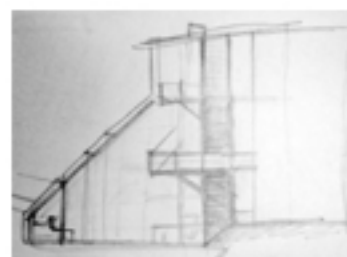
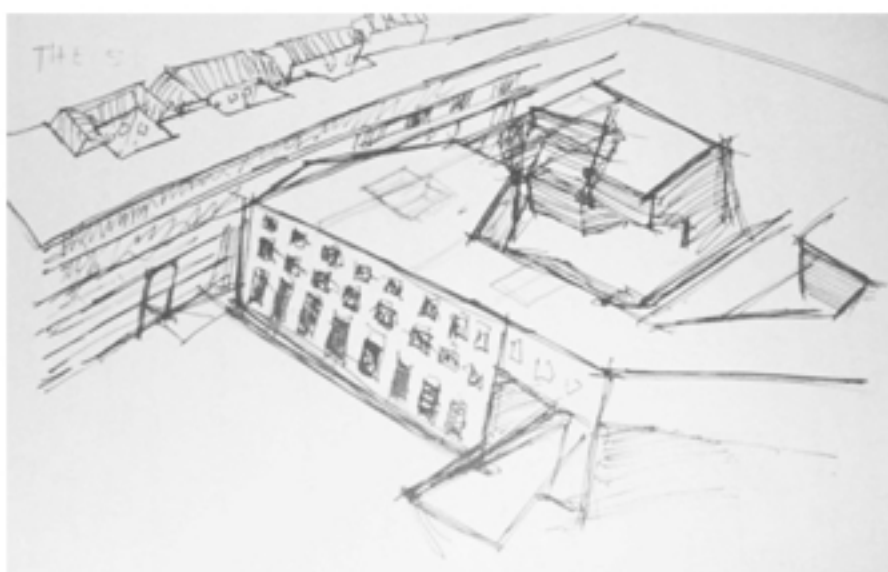
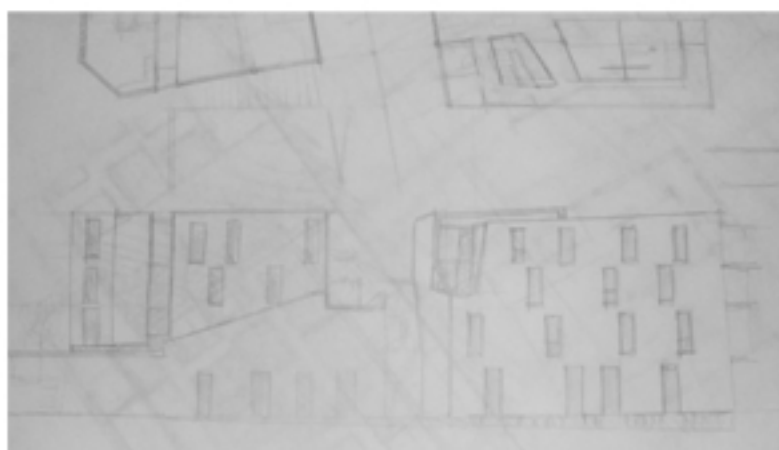
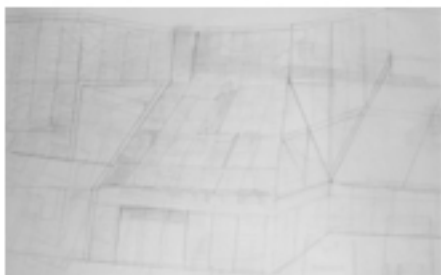
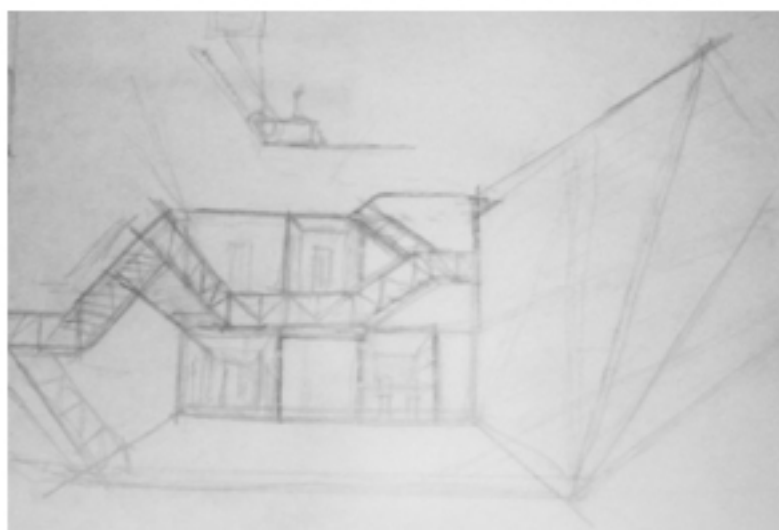
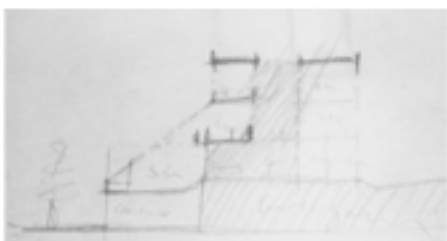
9.1 | PROCESSO DE TRABALHO - ESQUIÇOS



9.1 | PROCESSO DE TRABALHO - ESQUIÇOS



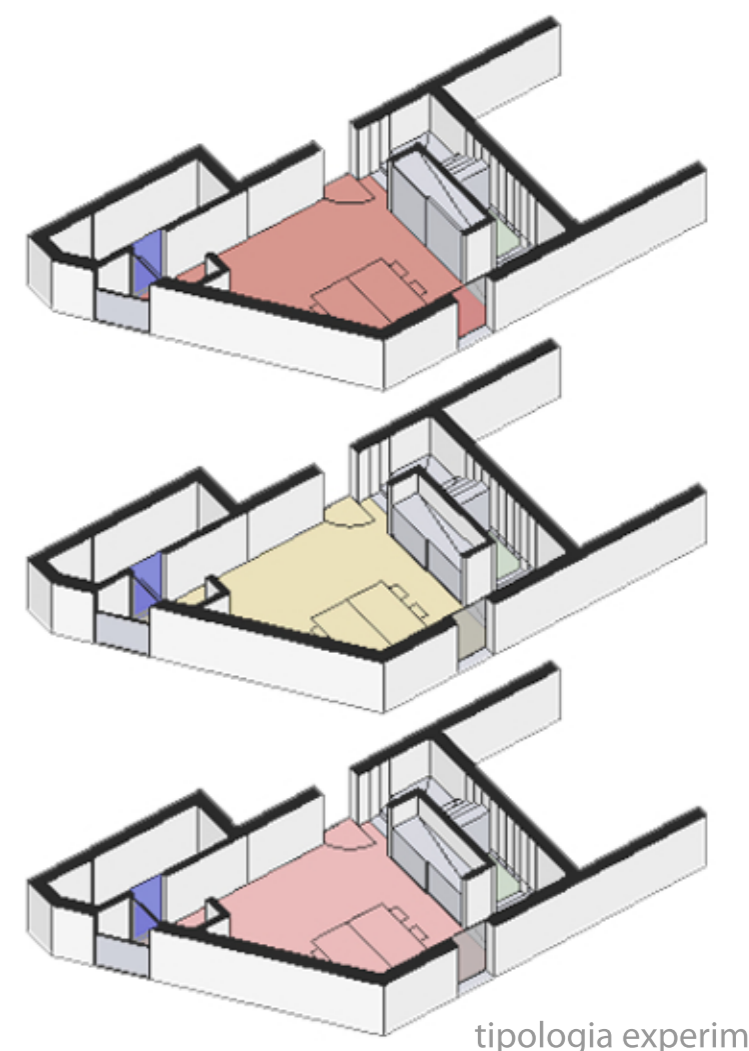
9.1 | PROCESSO DE TRABALHO - ESQUIÇOS



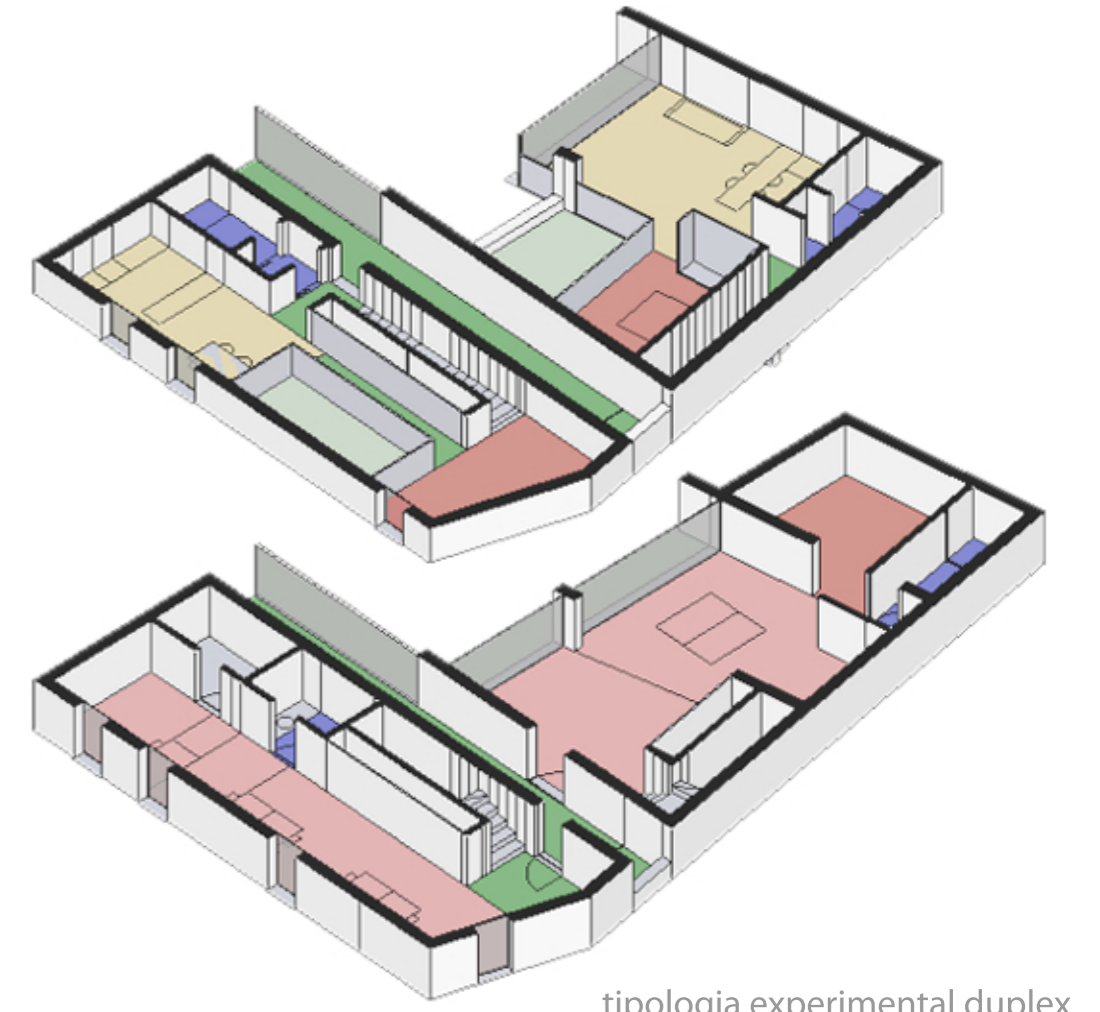




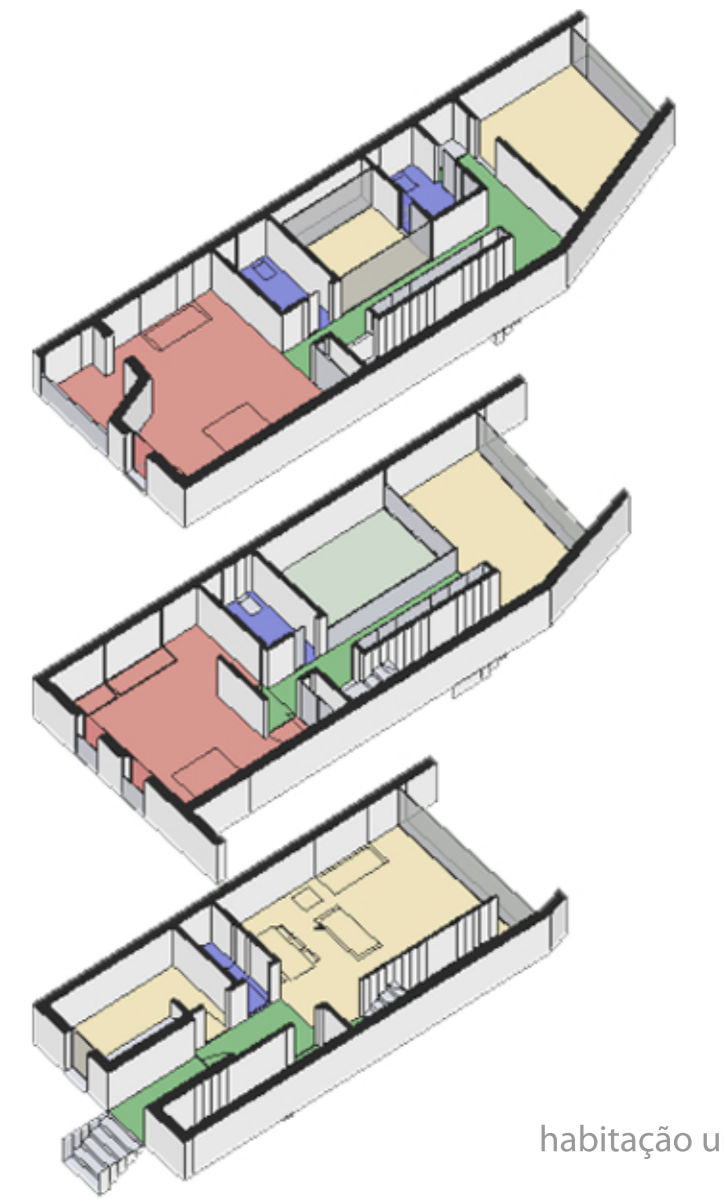
- espaço privado
- espaço social
- espaço trabalho
- circulação
- IS



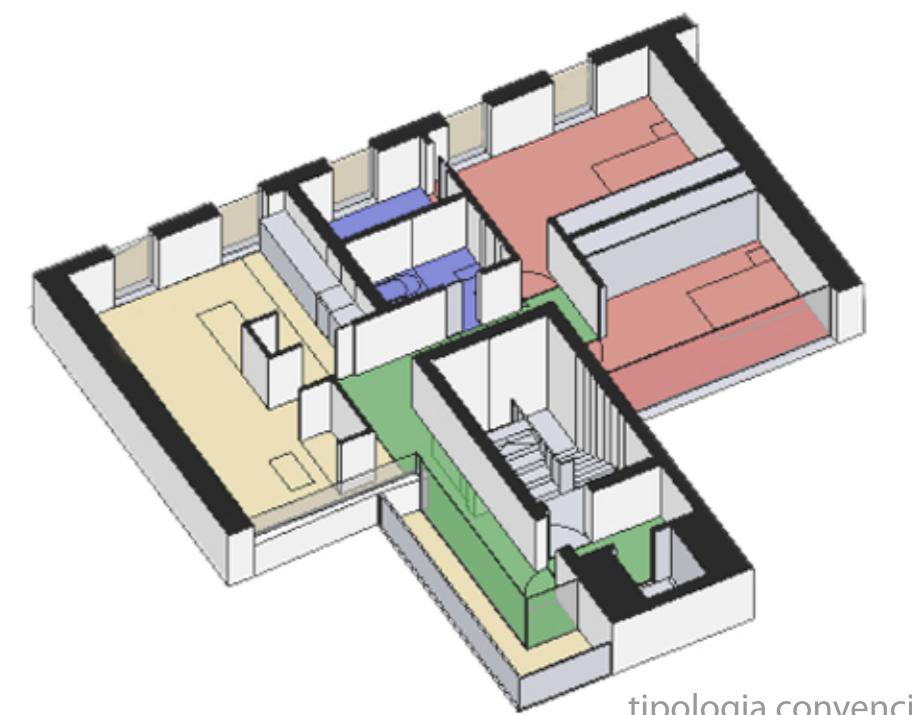
tipologia experimental triplex



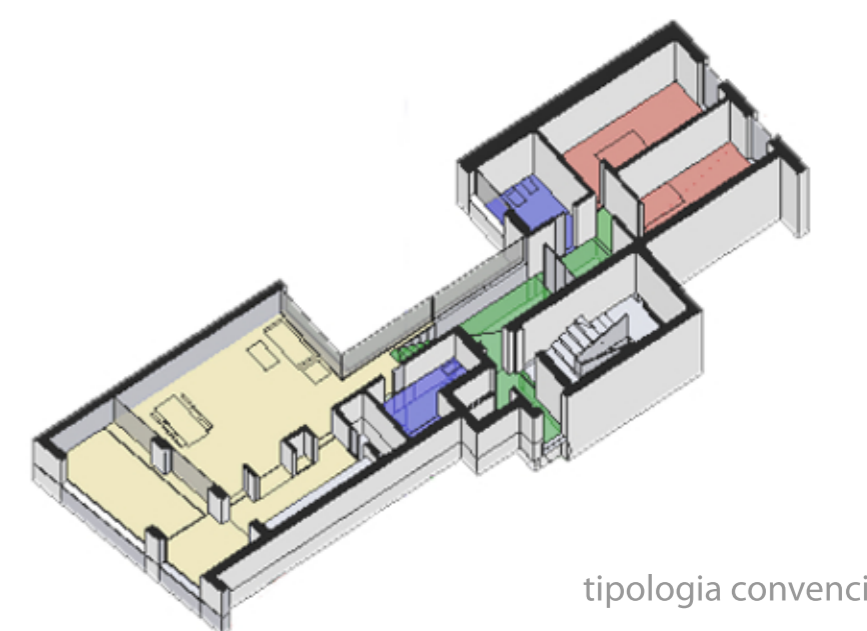
tipologia experimental duplex



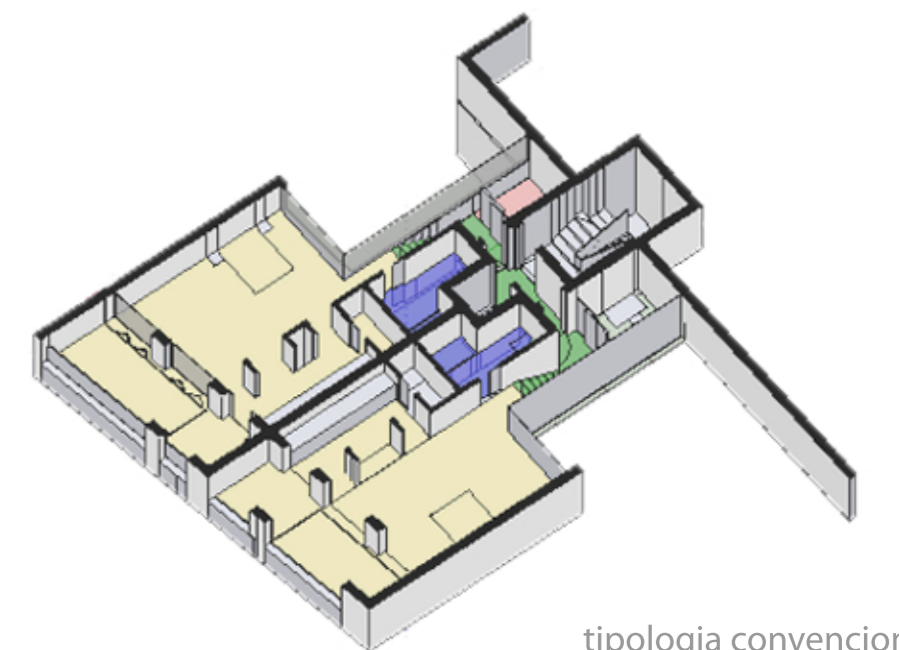
habitação unifamiliar



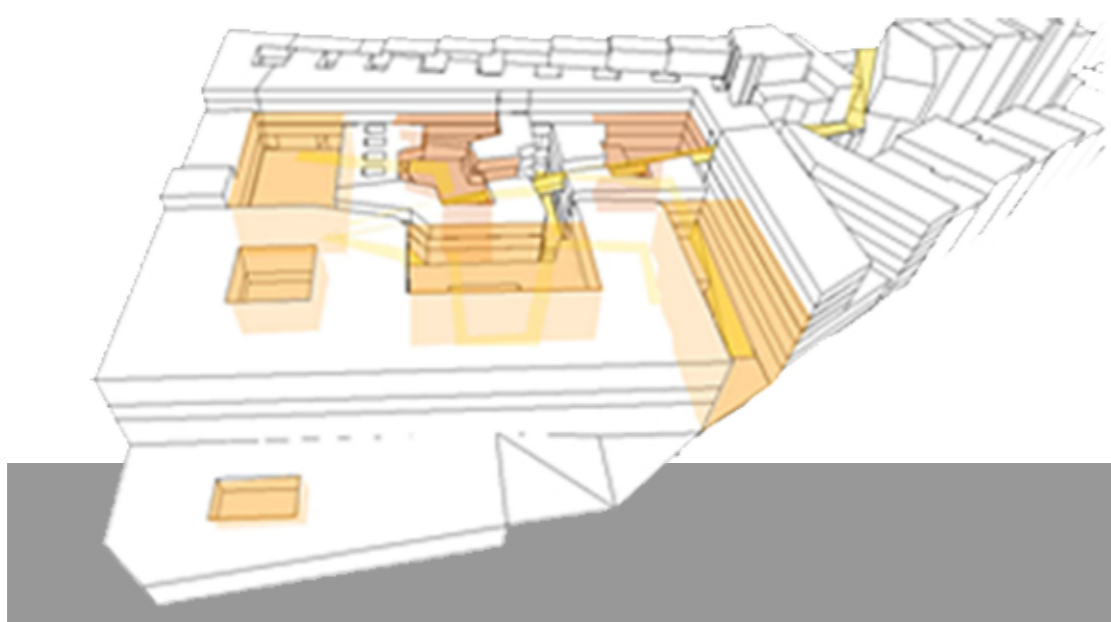
tipologia convencional T2



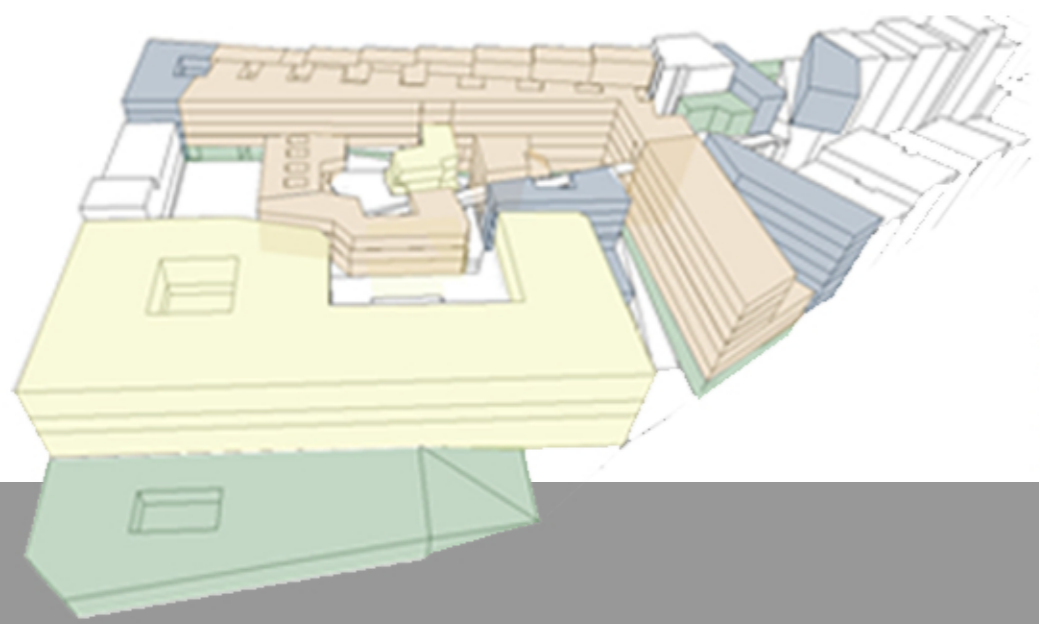
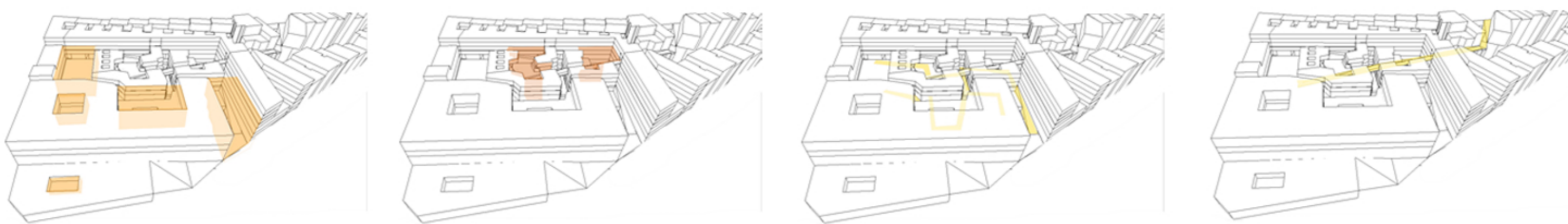
tipologia convencional T2



tipologia convencional T0

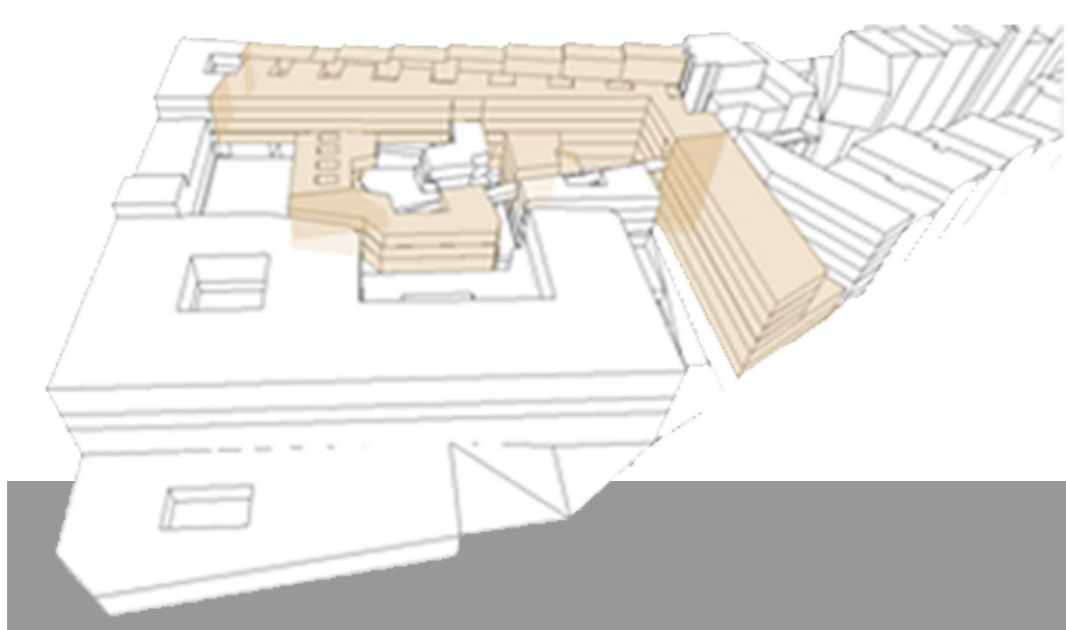
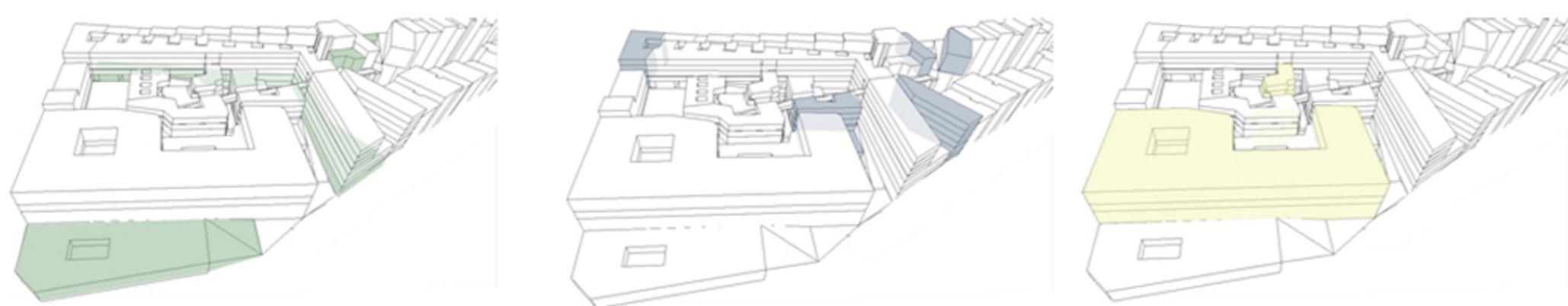


ESPAÇOS

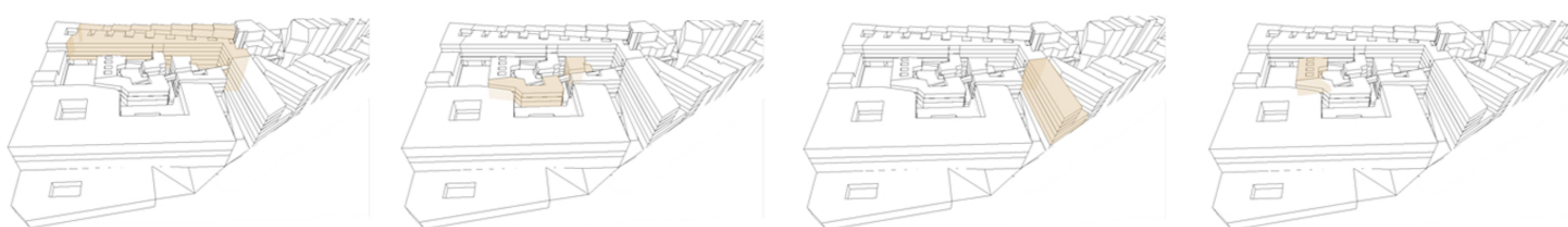


- comércio
- escritórios
- equipamento
- habitat

FUNÇÕES

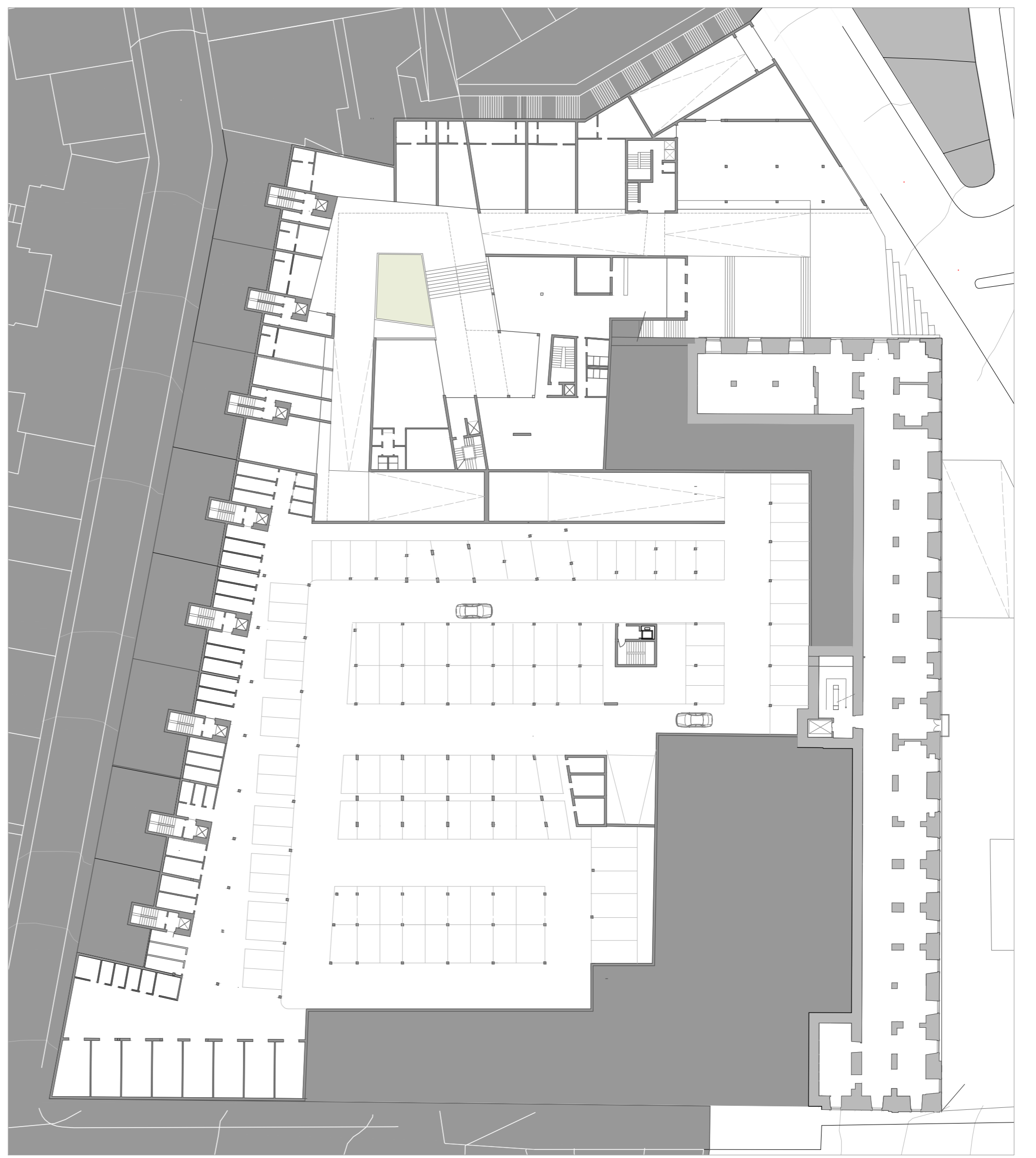


HABITAÇÃO

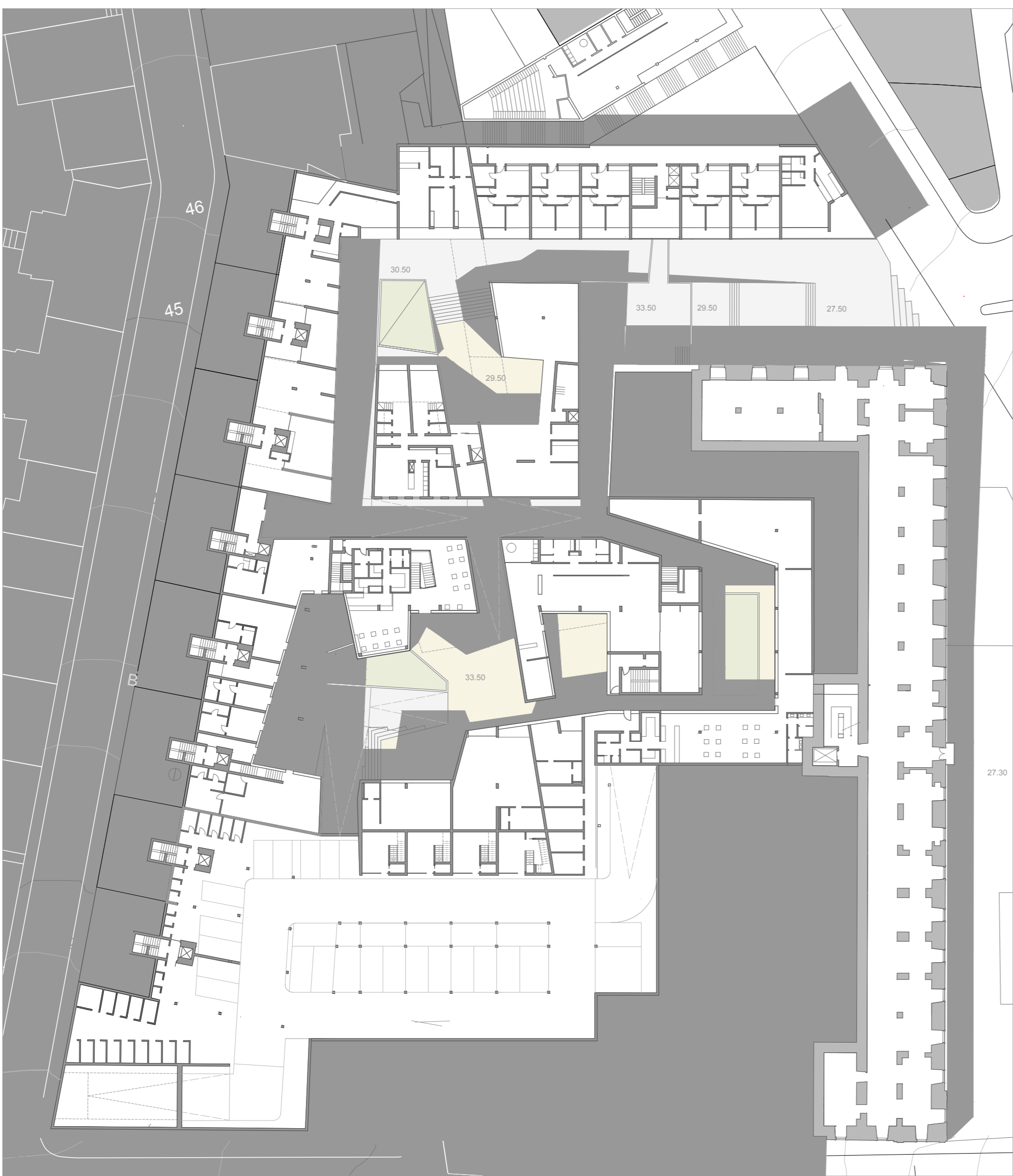




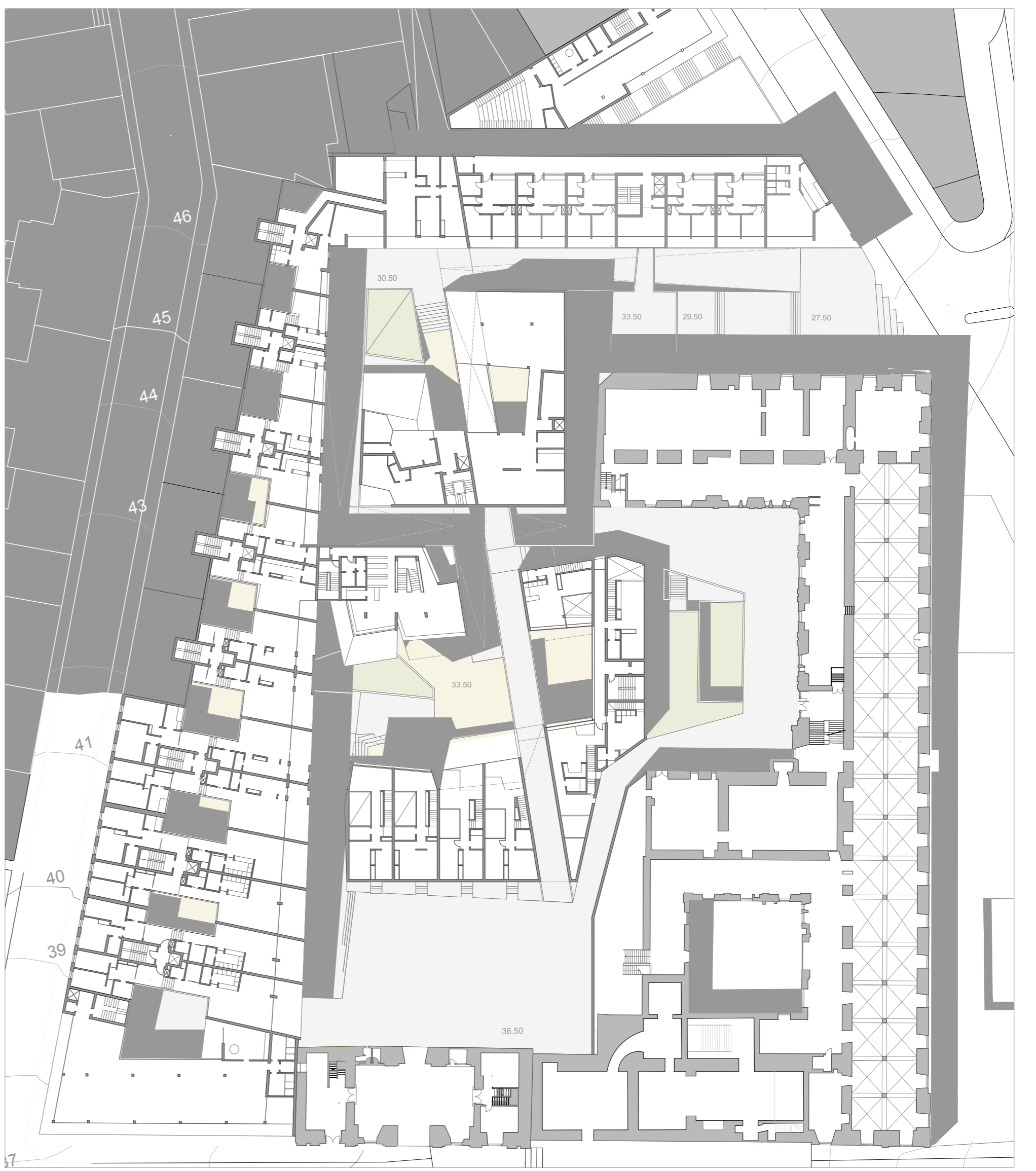
PLANTA COTA 26.50



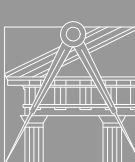
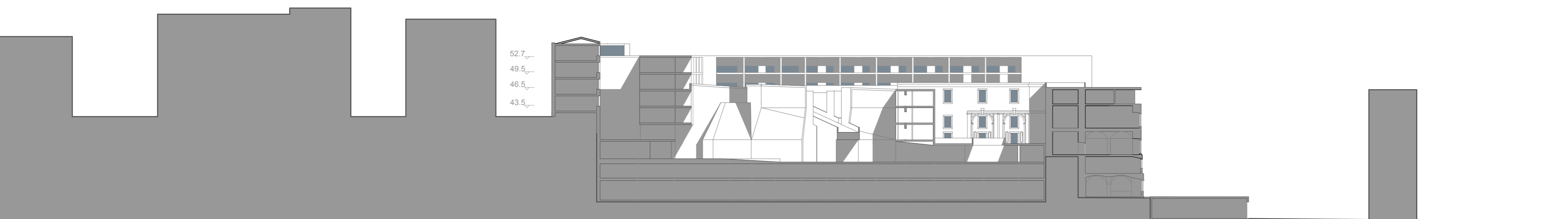
PLANTA COTA 29.50

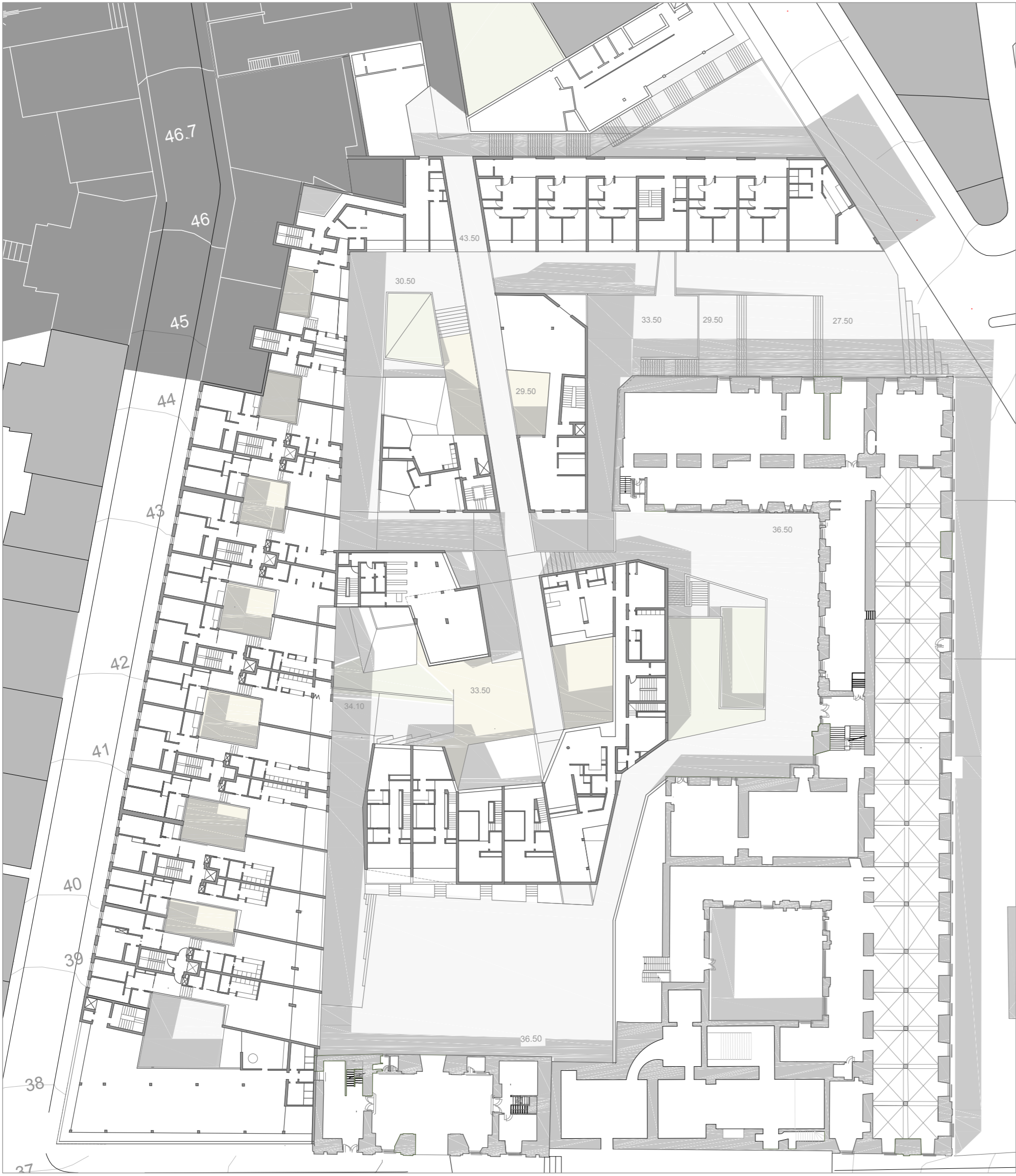


PLANTA COTA 33.50

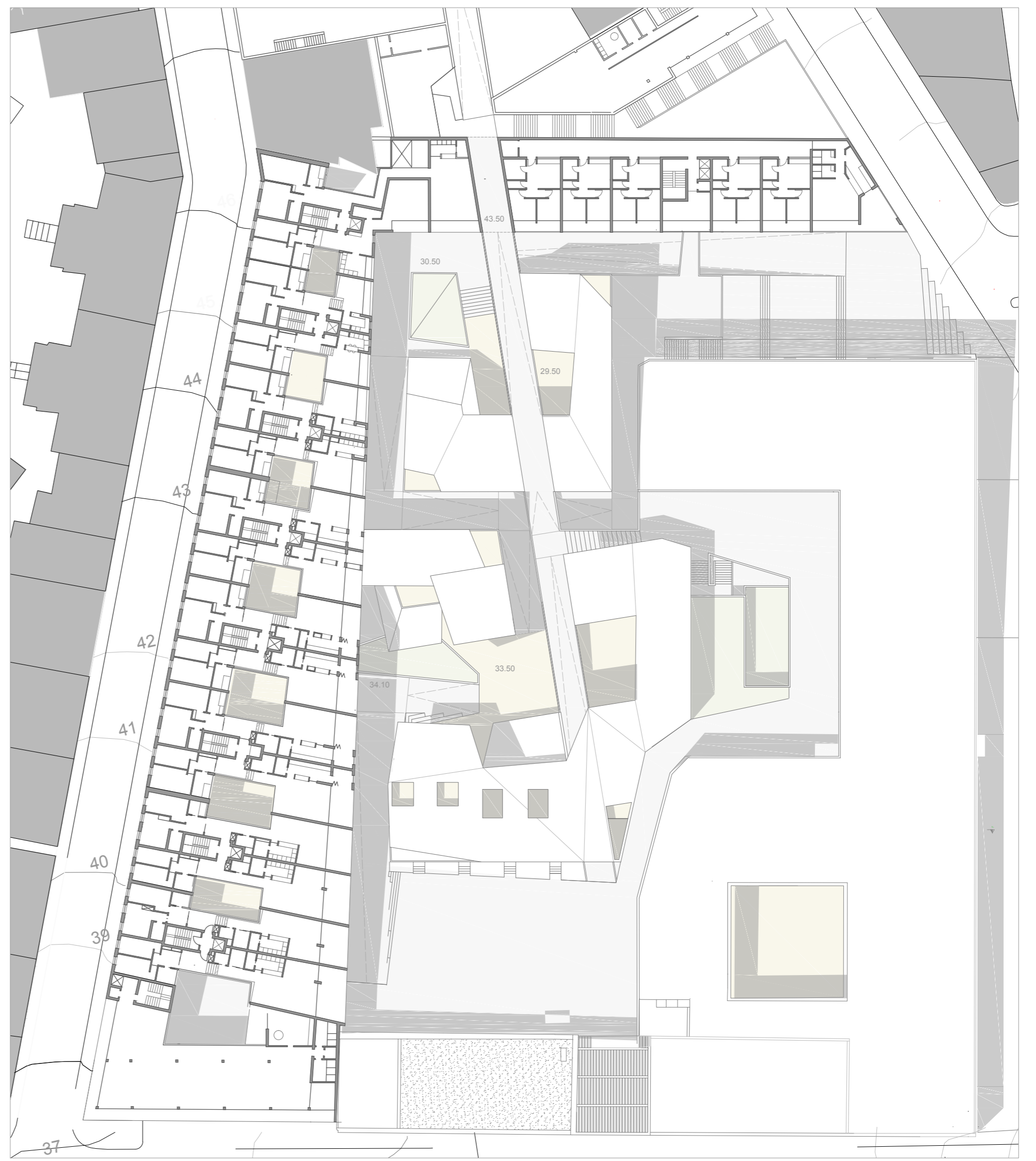


PLANTA COTA 36.50





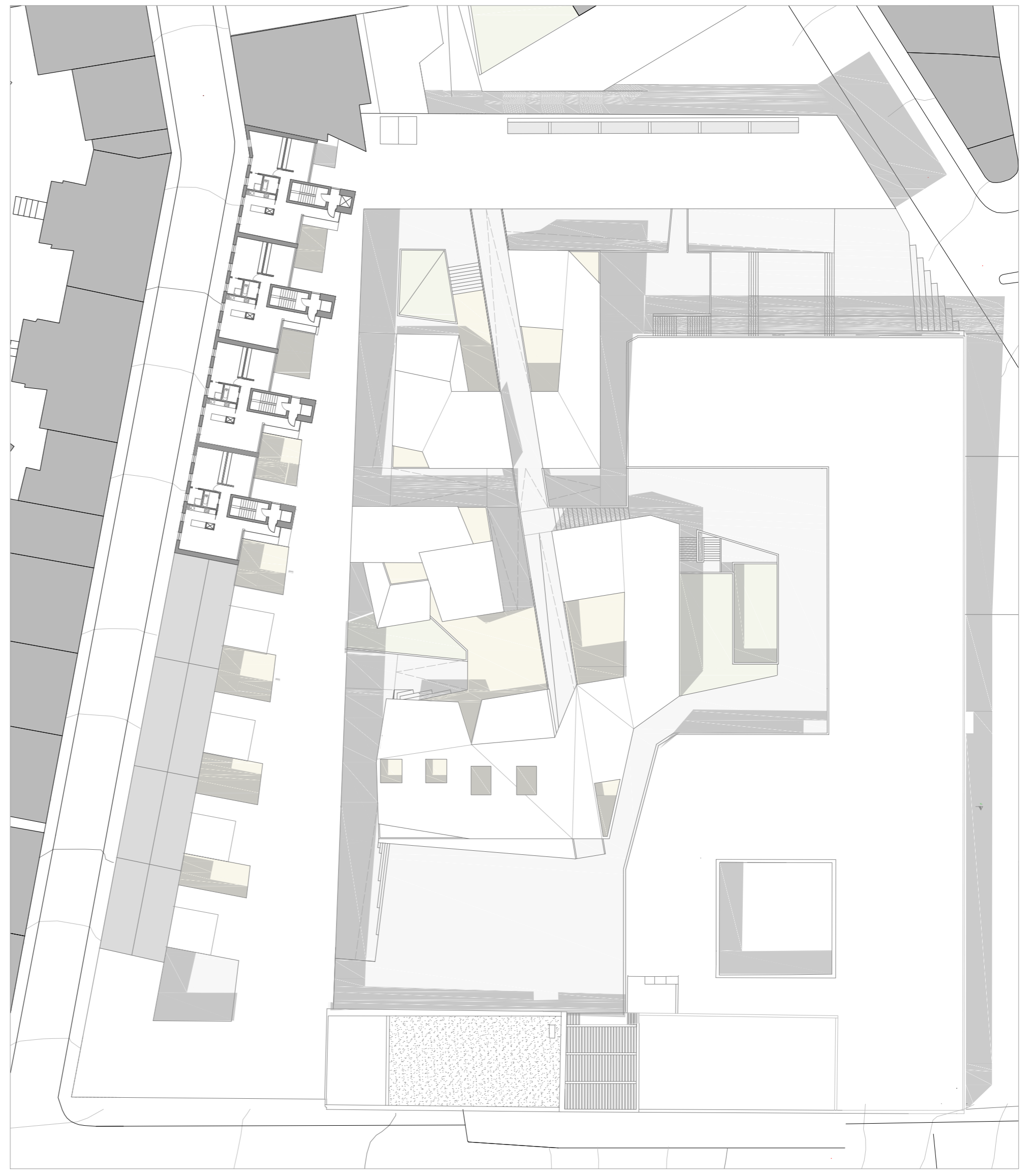
PLANTA COTA 26.50



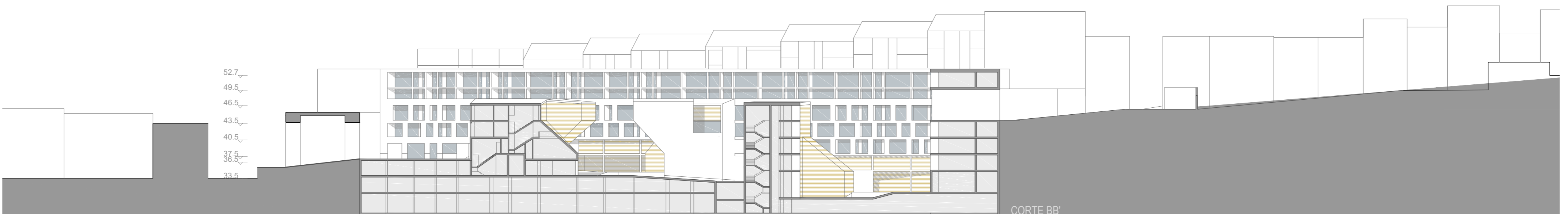
PLANTA COTA 29.50



PLANTA COTA 33.50

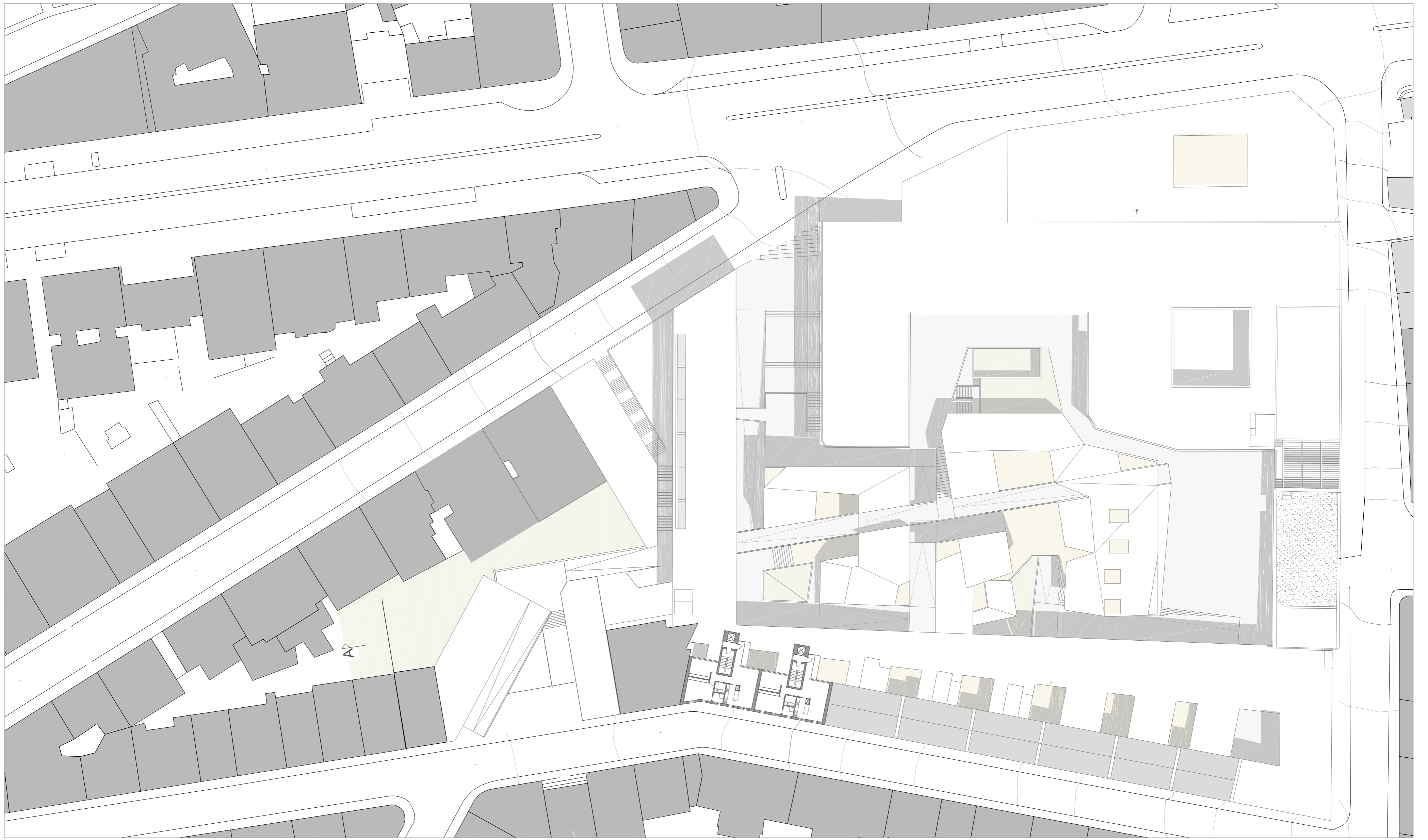


PLANTA COTA 36.50

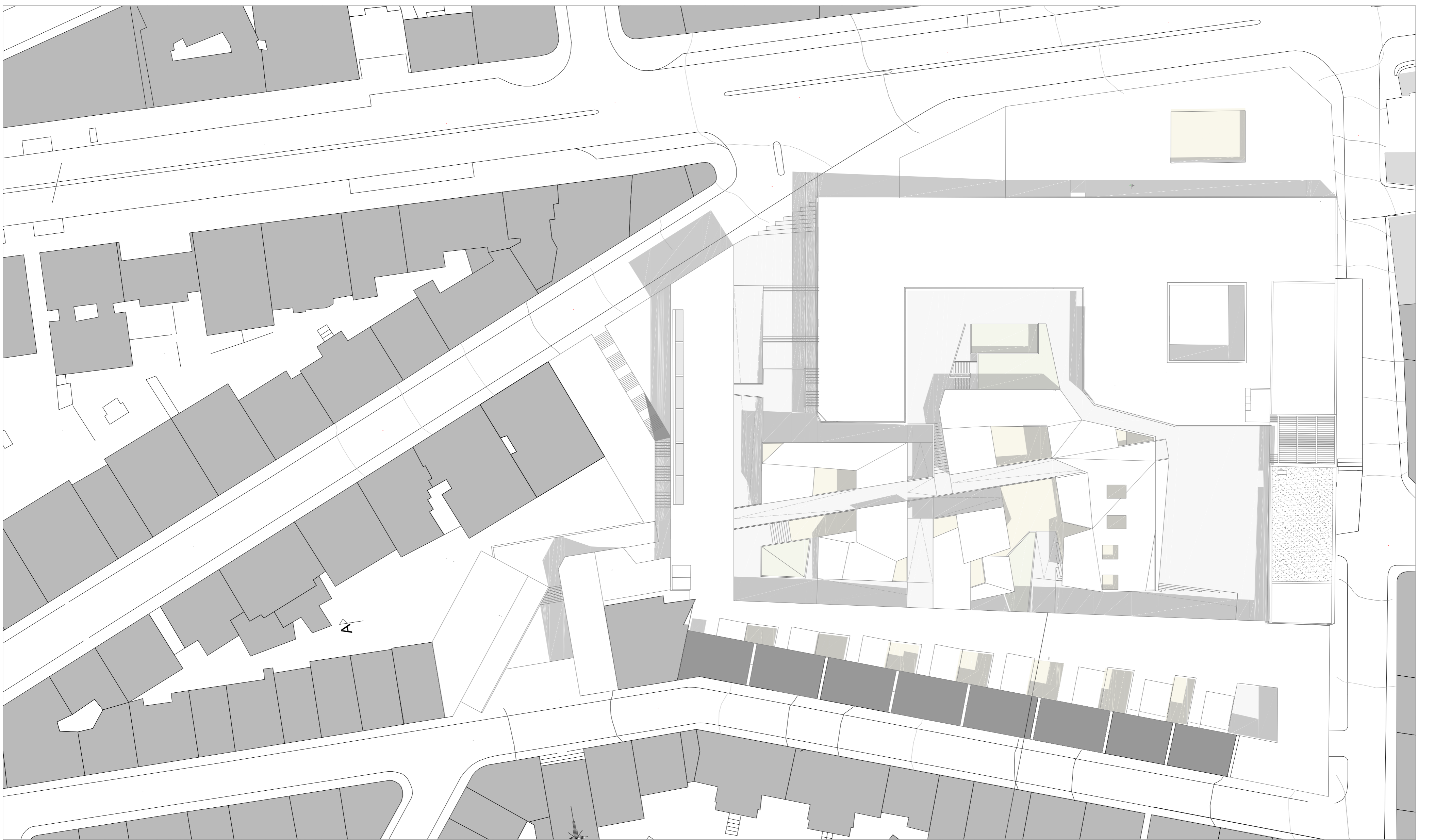


CORTE BB'

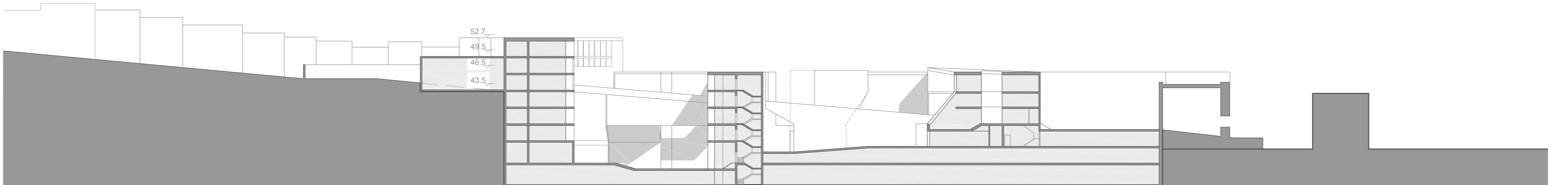




PLANTA COTA 52.50

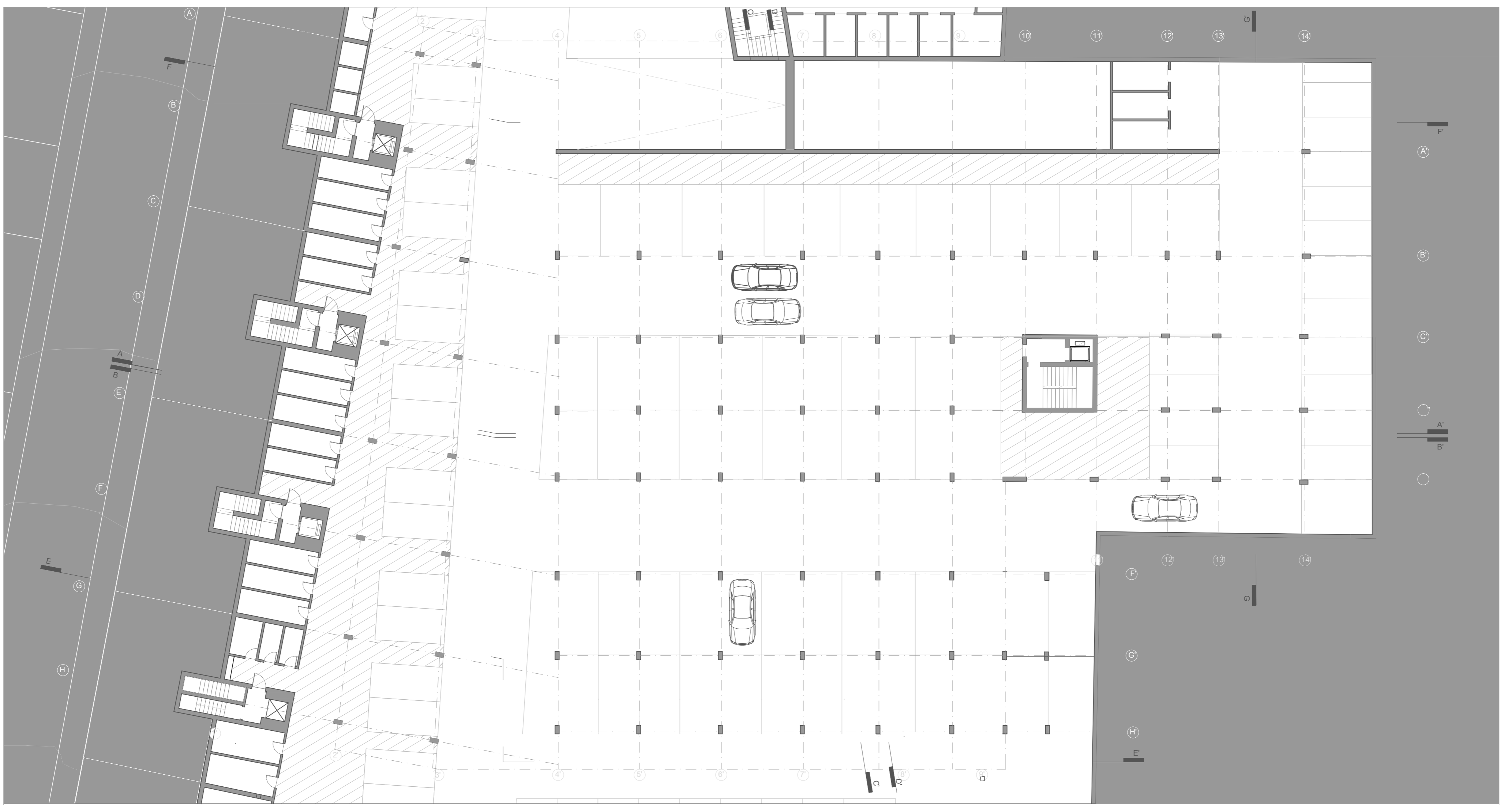


PLANTA COBERTURA

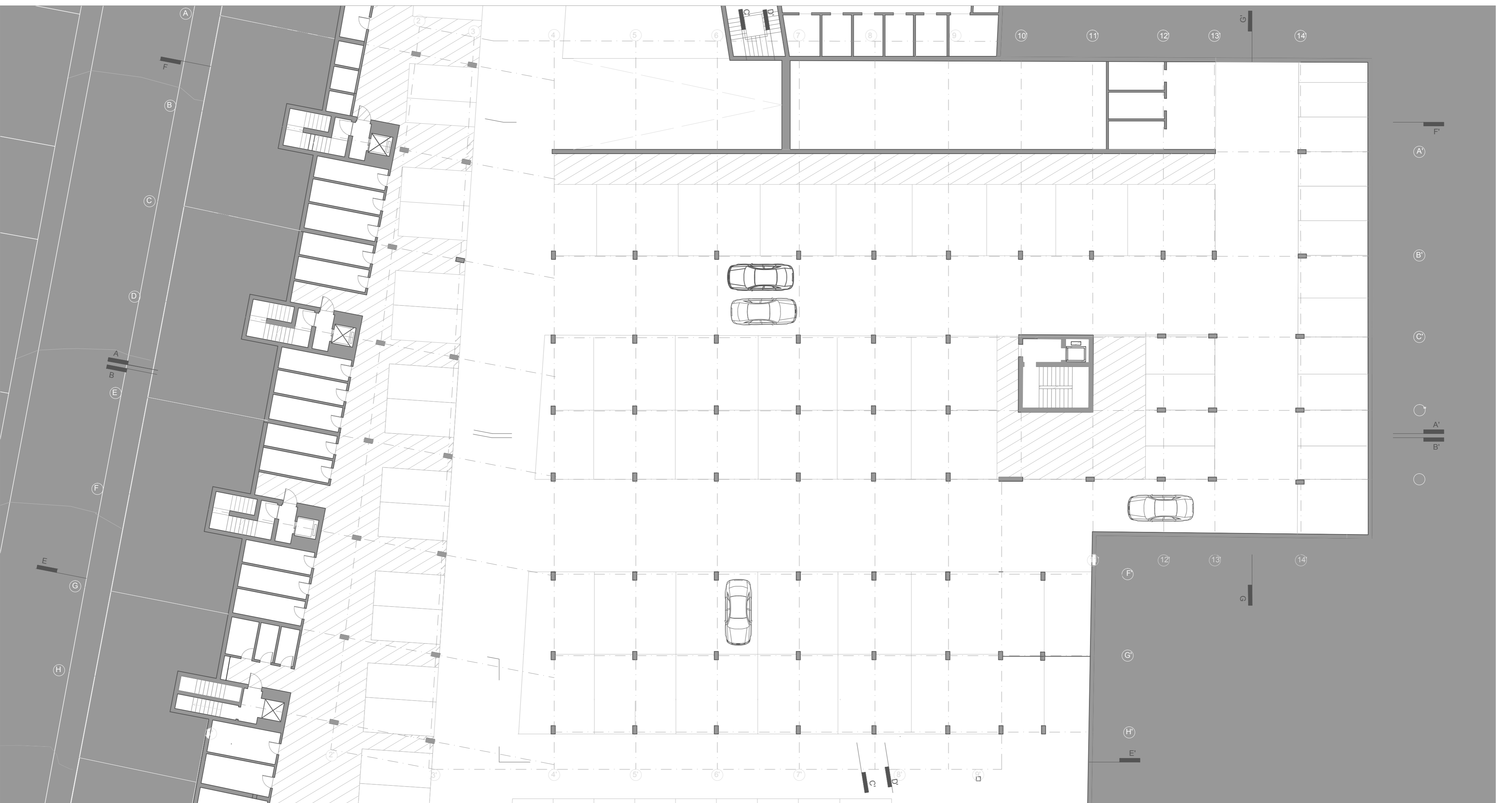


52.7
49.5
46.5
43.5

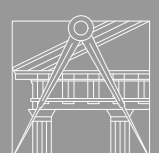


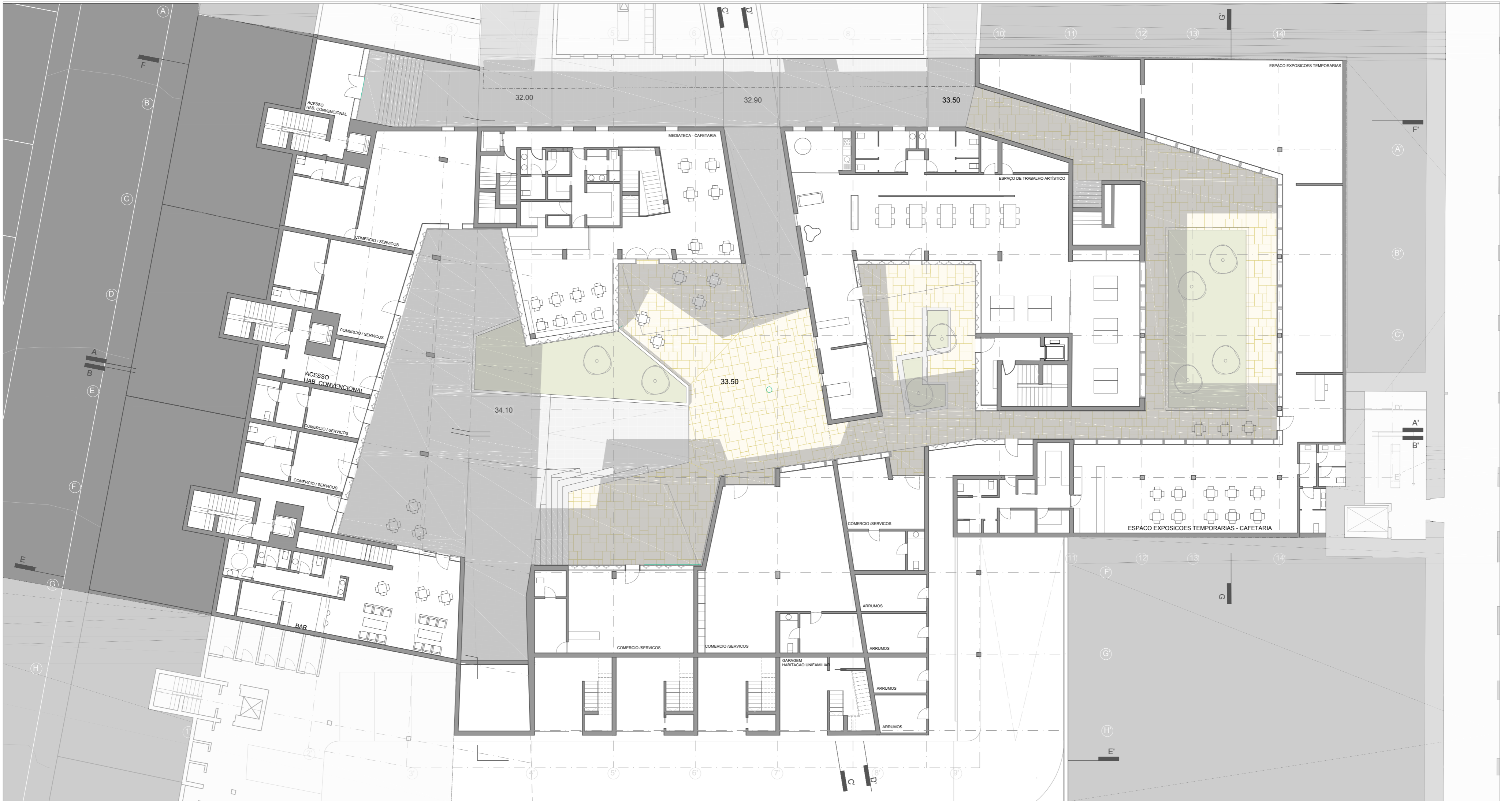


PLANTA COTA 52.50

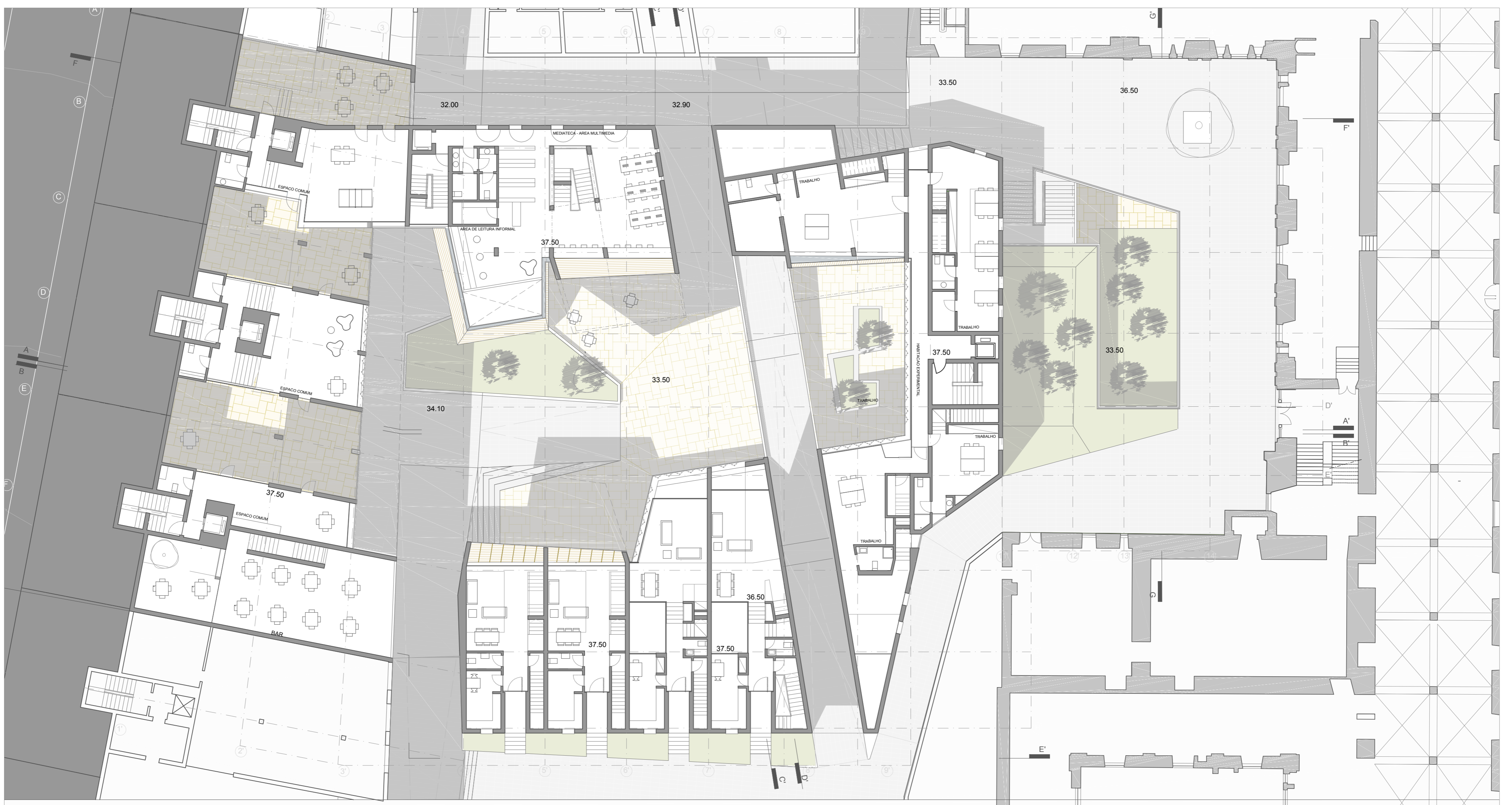


PLANTA COBERTURA





PLANTA COTA 33.50



PLANTA COTA 36.50



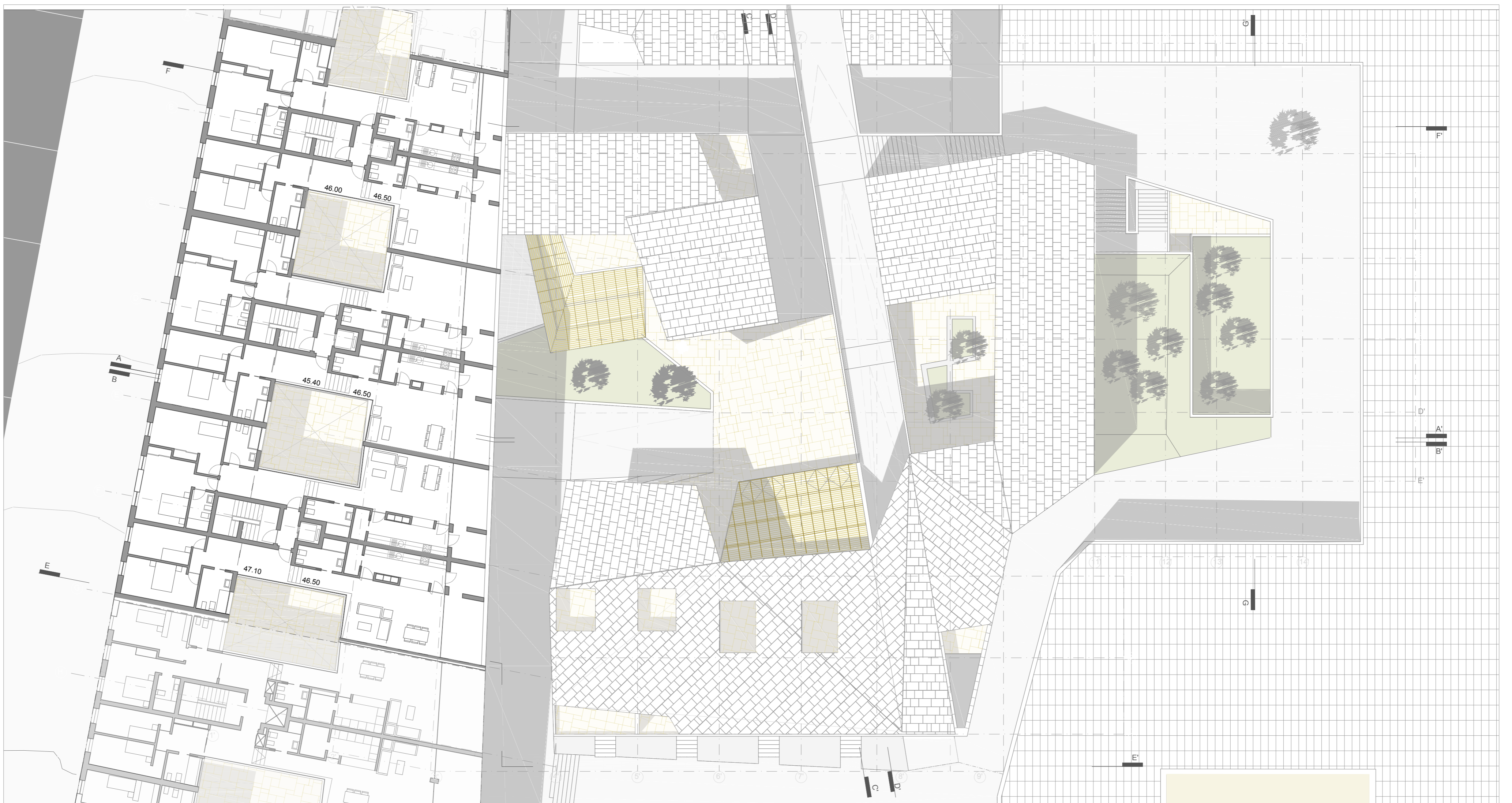


PLANTA COTA 40.50

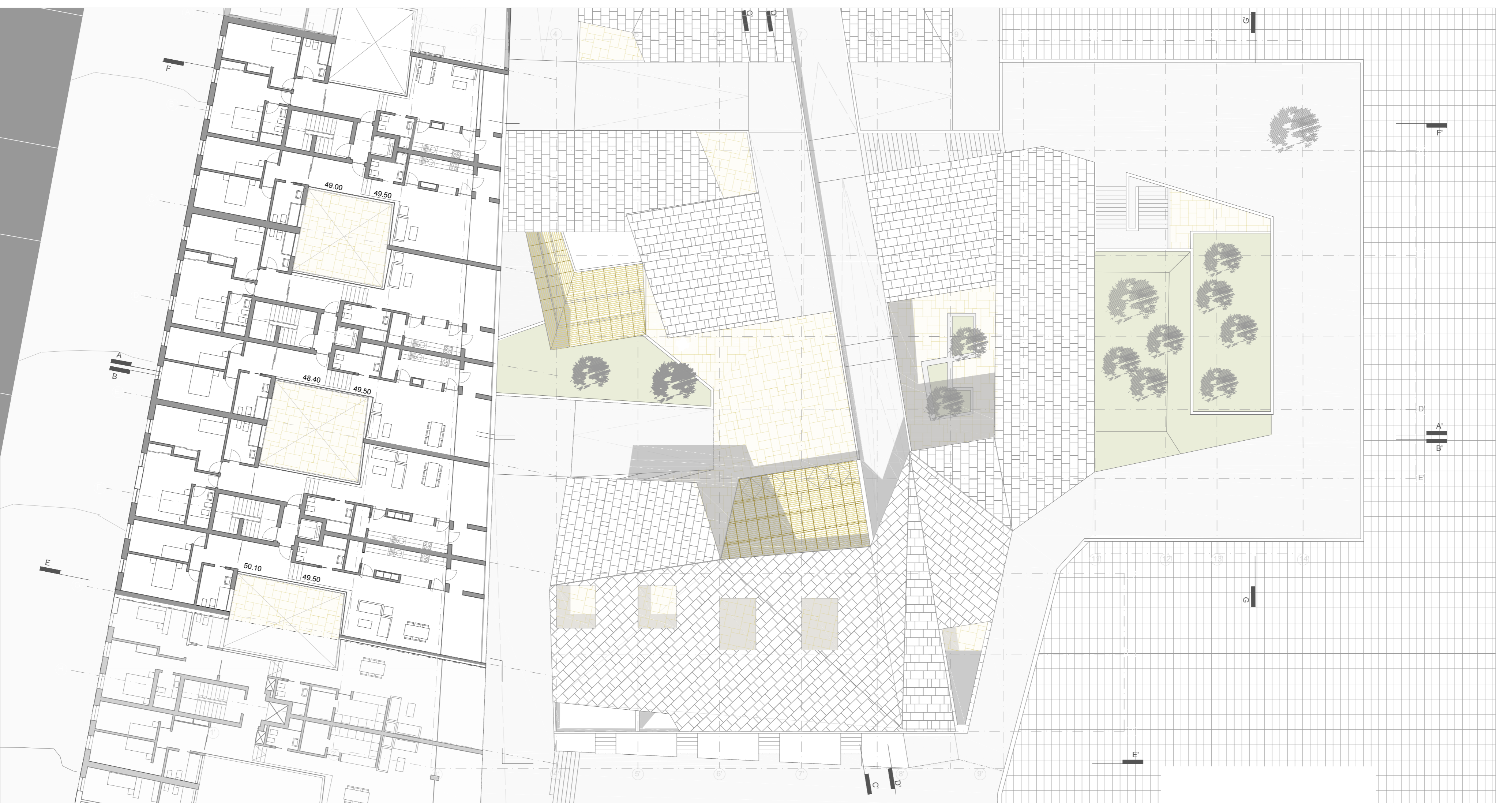


PLANTA COTA 43.50





PLANTA COTA 46.50

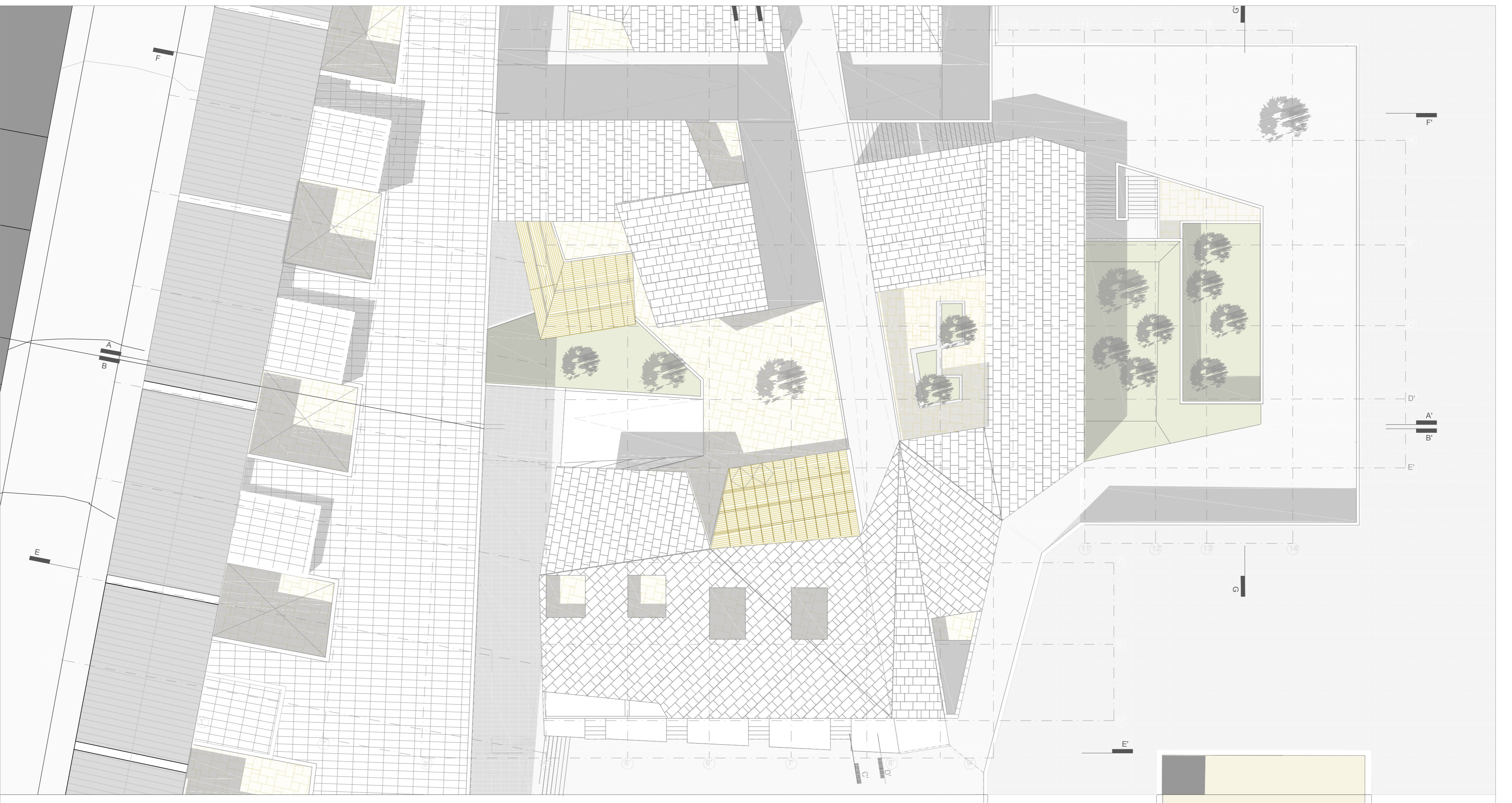


PLANTA COTA 49.50

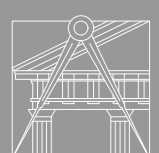


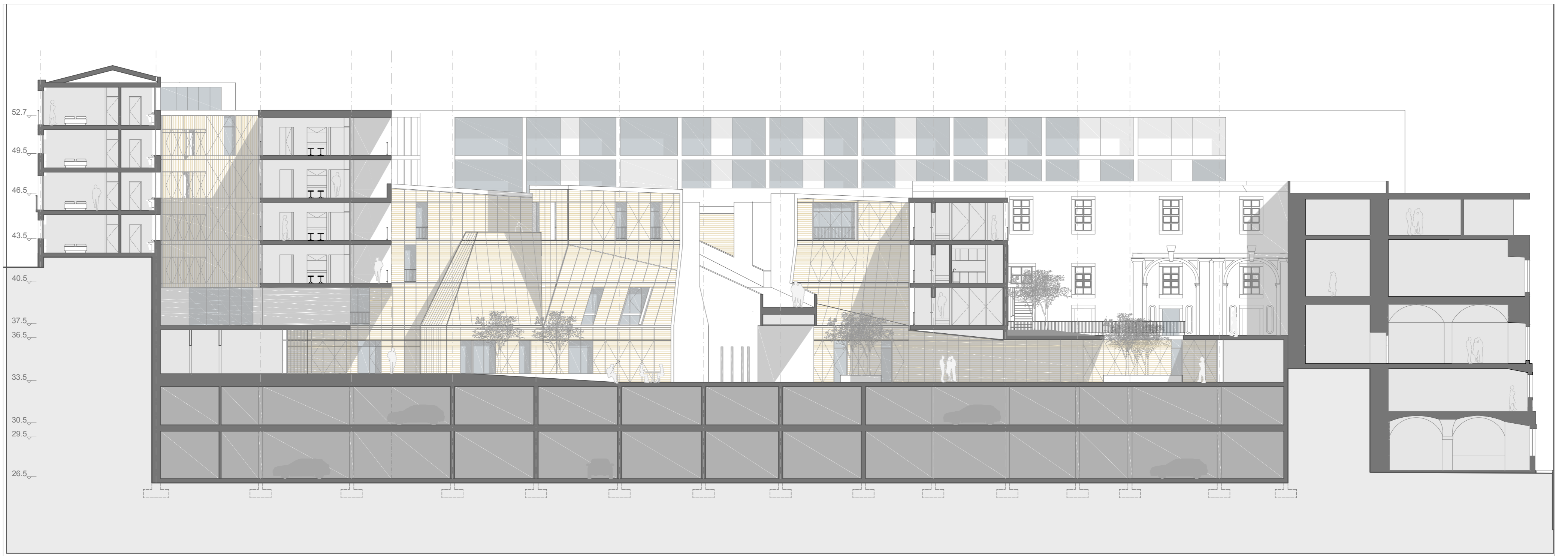


PLANTA COTA 52.50



PLANTA COBERTURA

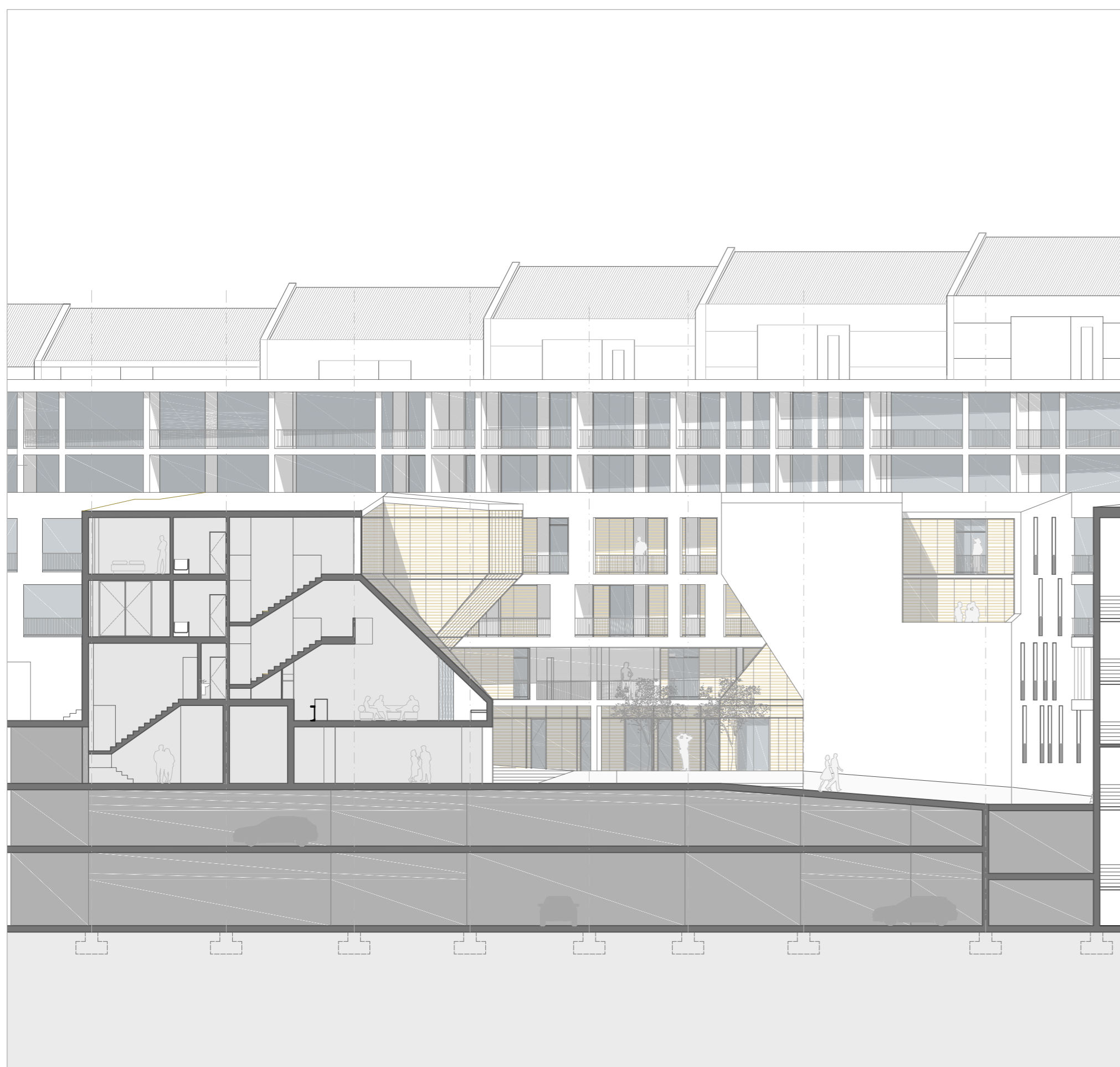




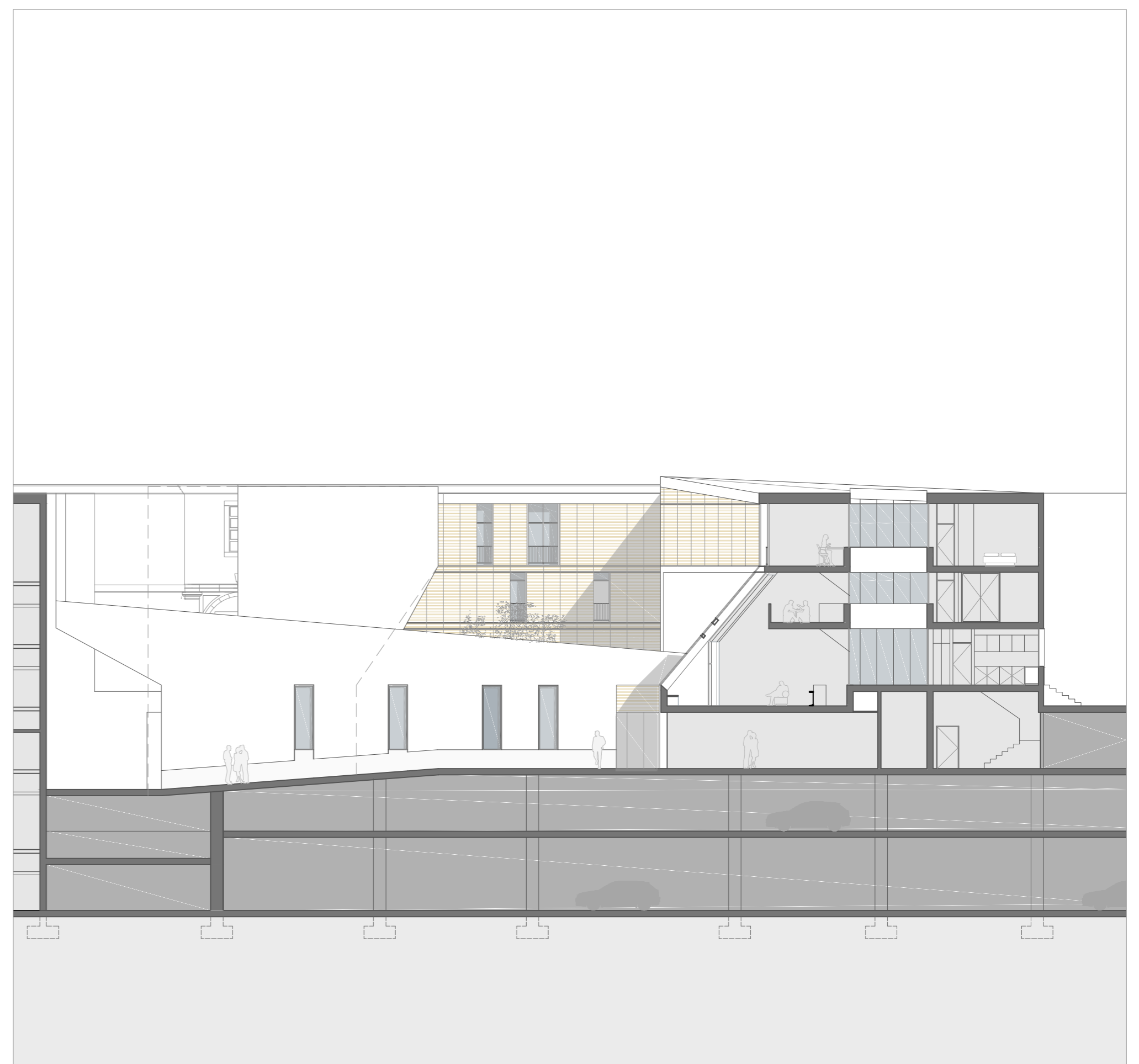
CORTE AA'



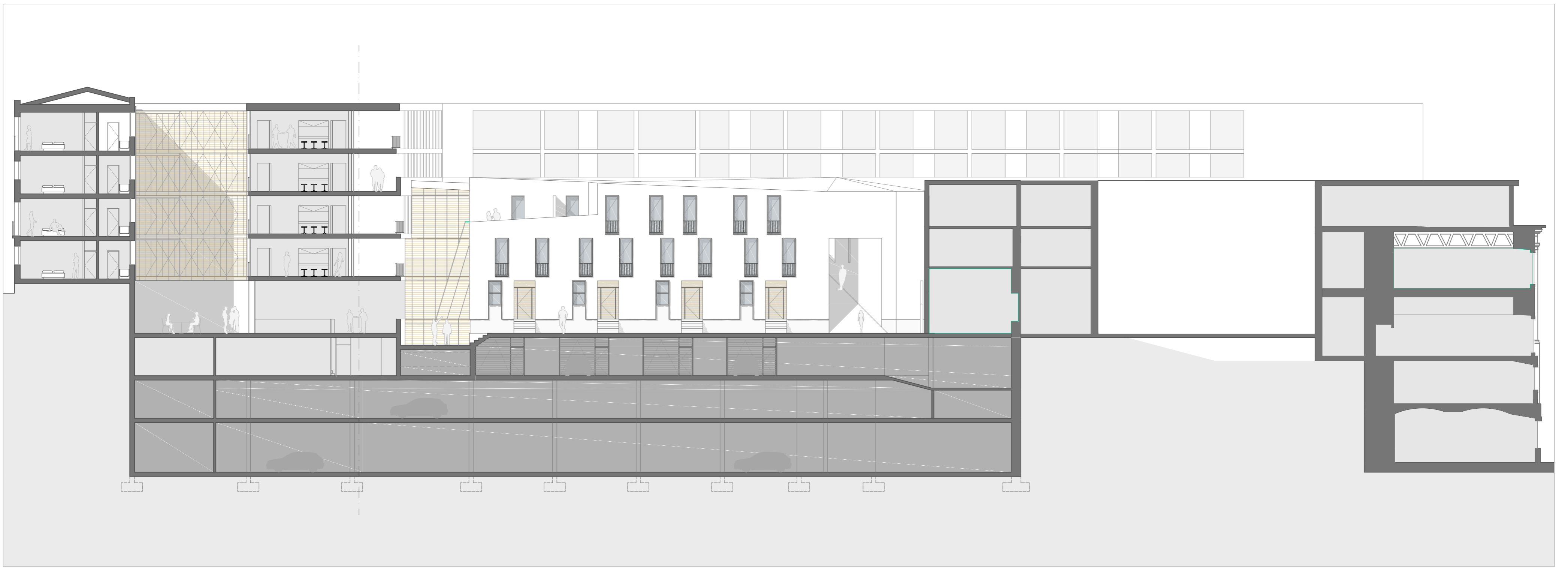
CORTE FF'



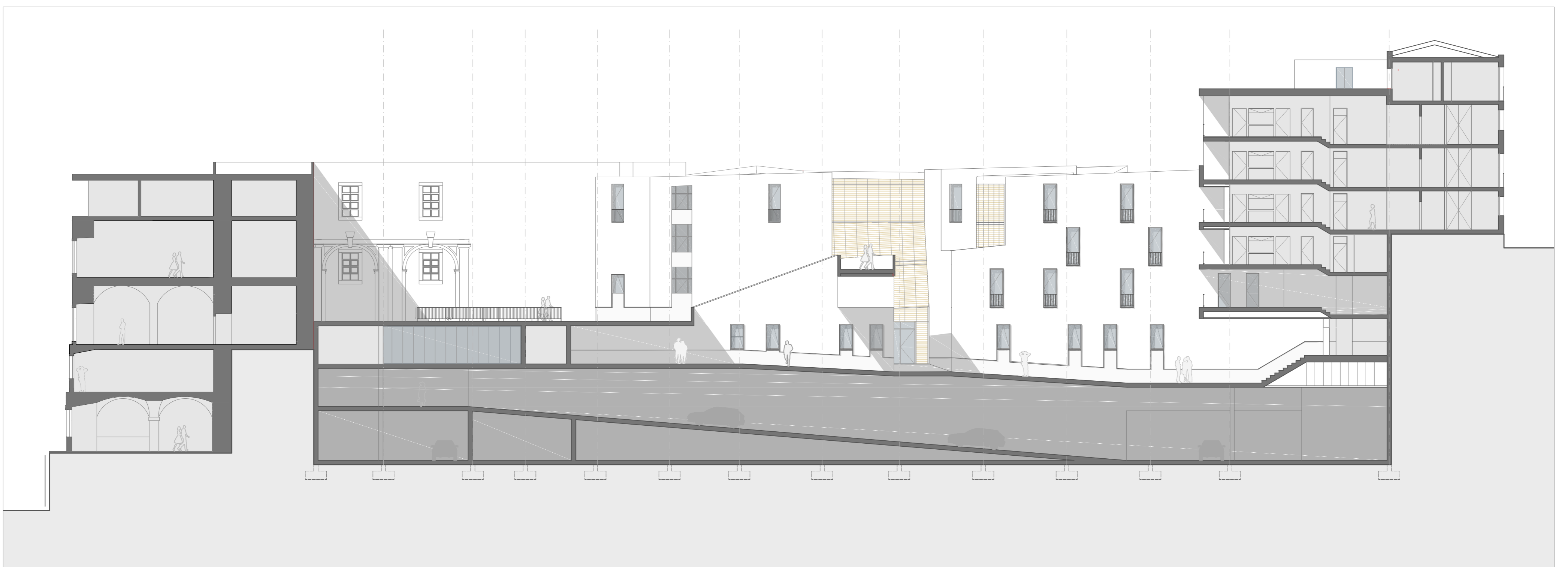
CORTE CC'



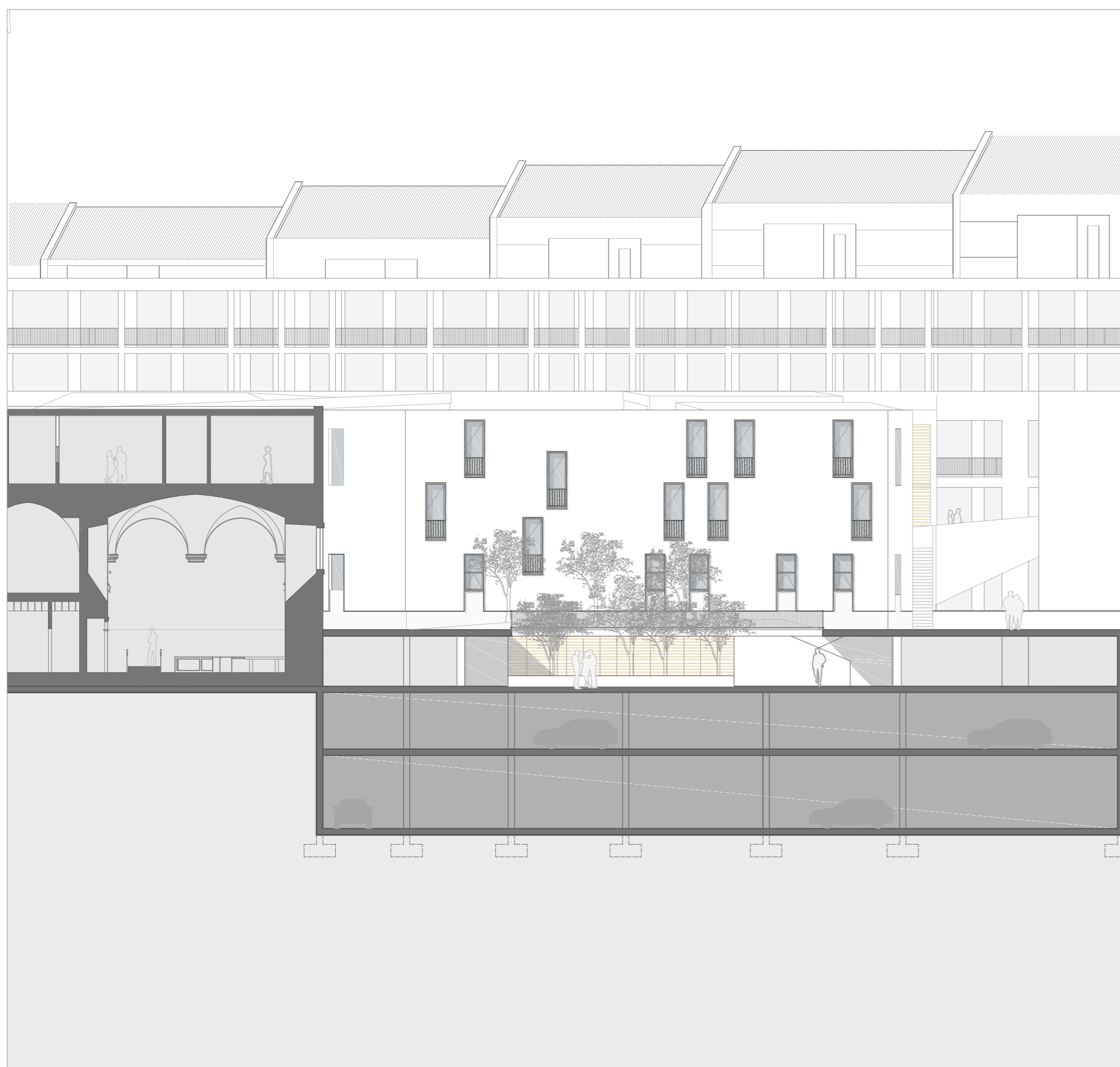
ALÇADO RUA CAPITÃO RENATO BAPTISTA



CORTE EE'



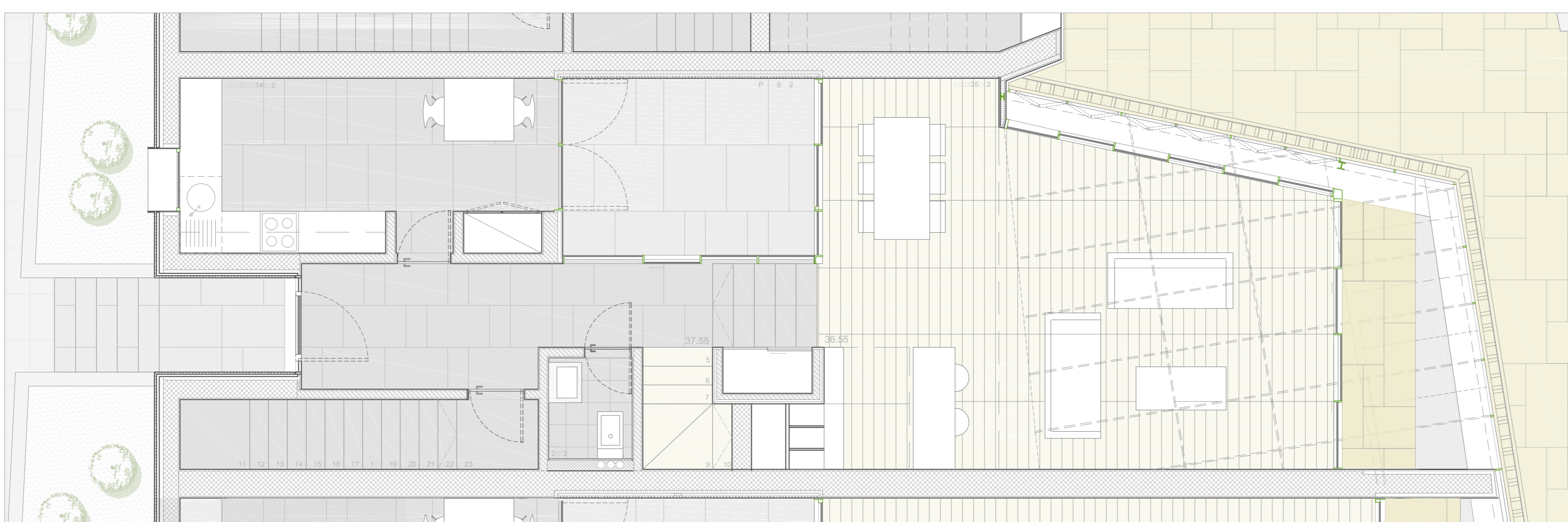
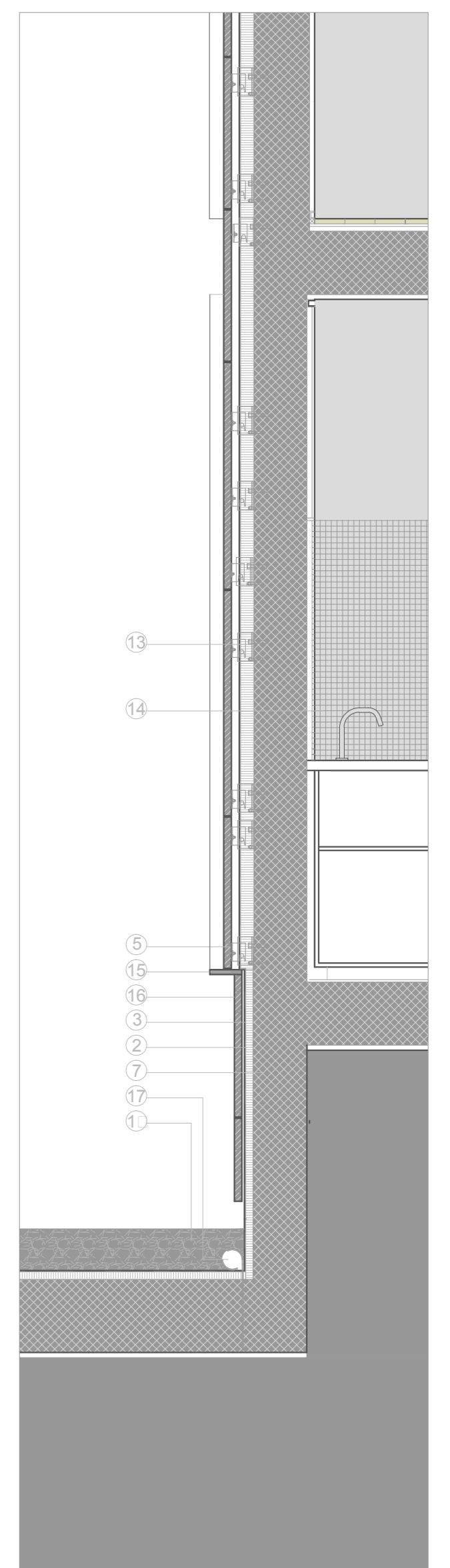
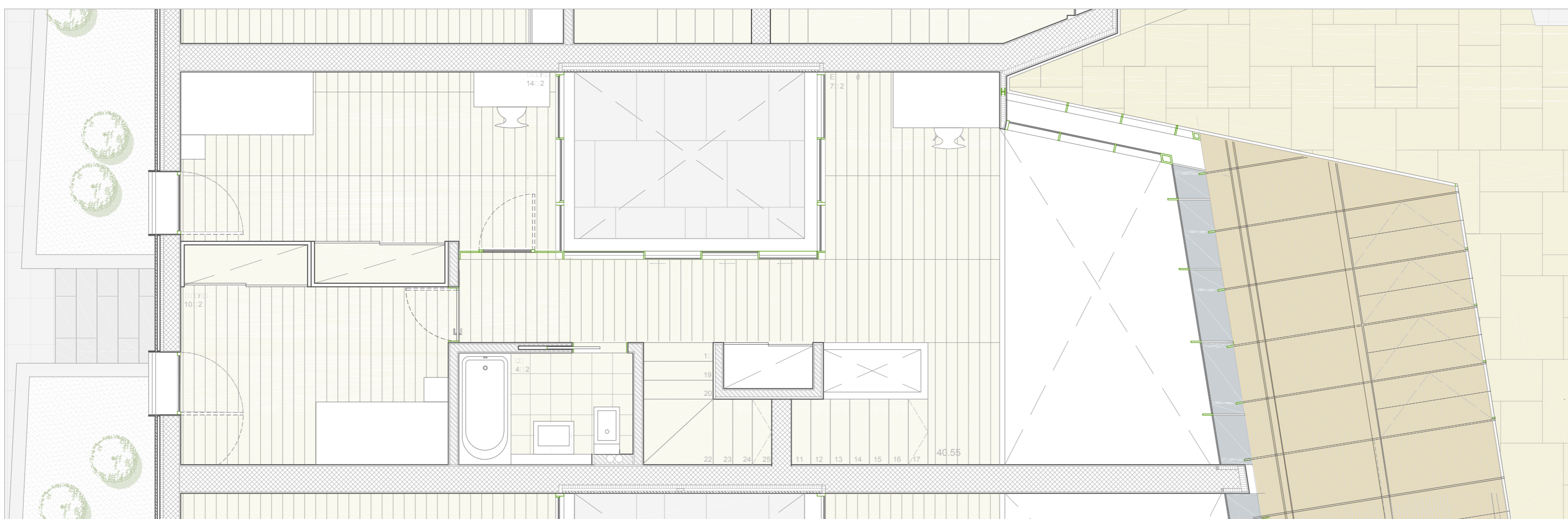
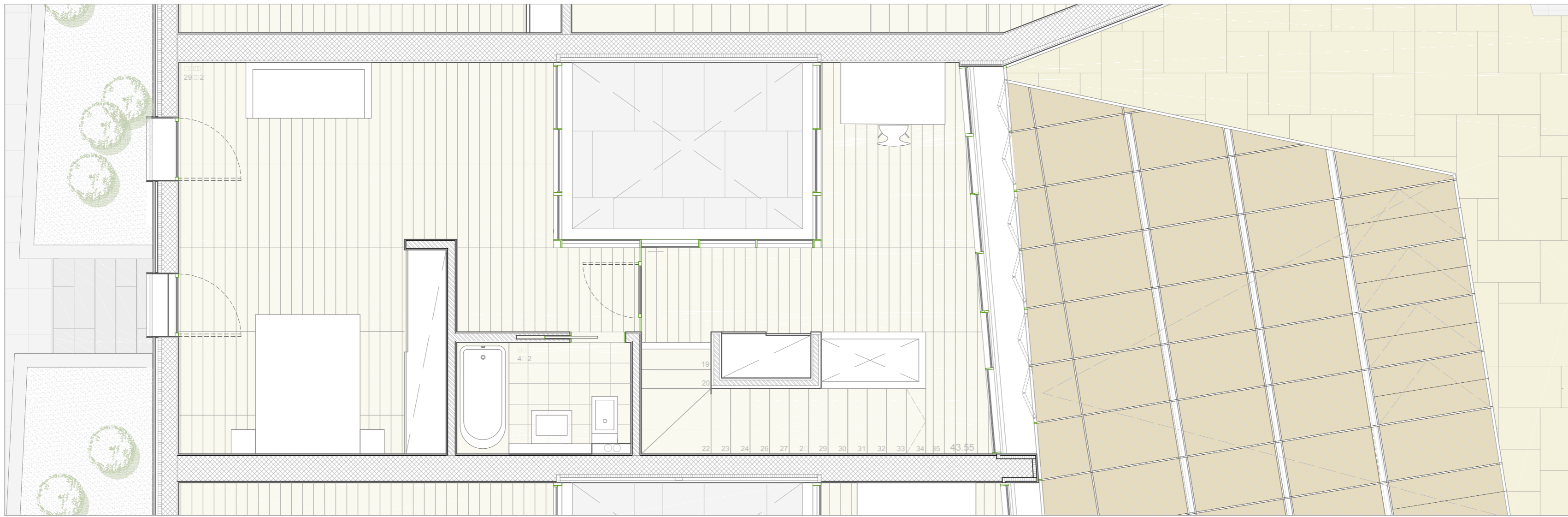
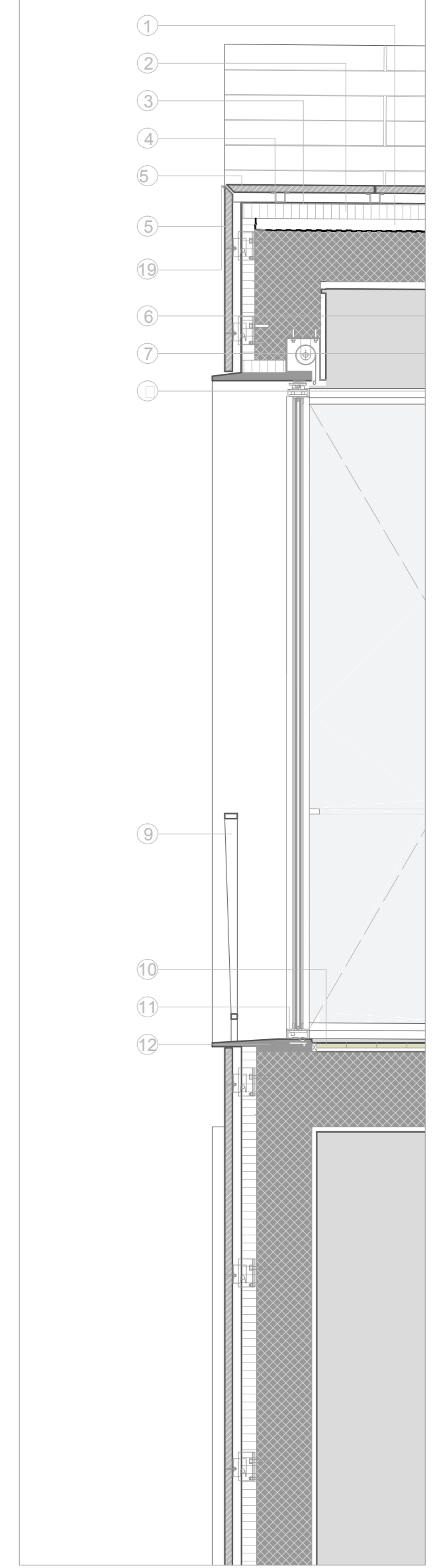
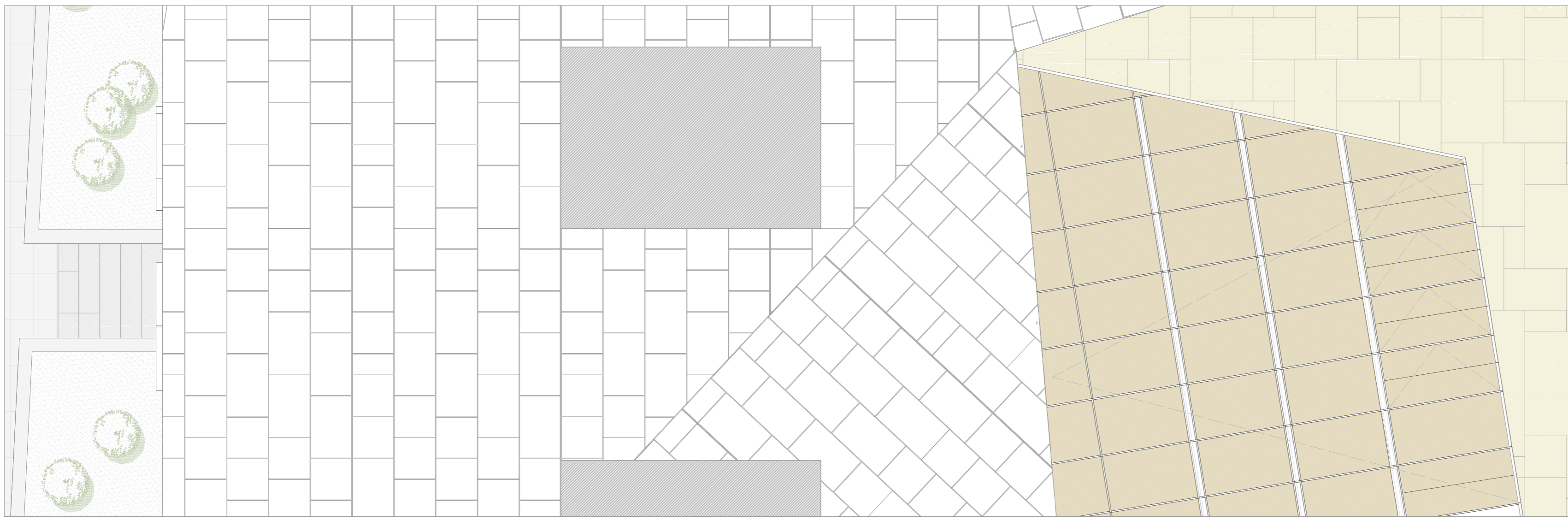
CORTE FF'



CORTE GG'



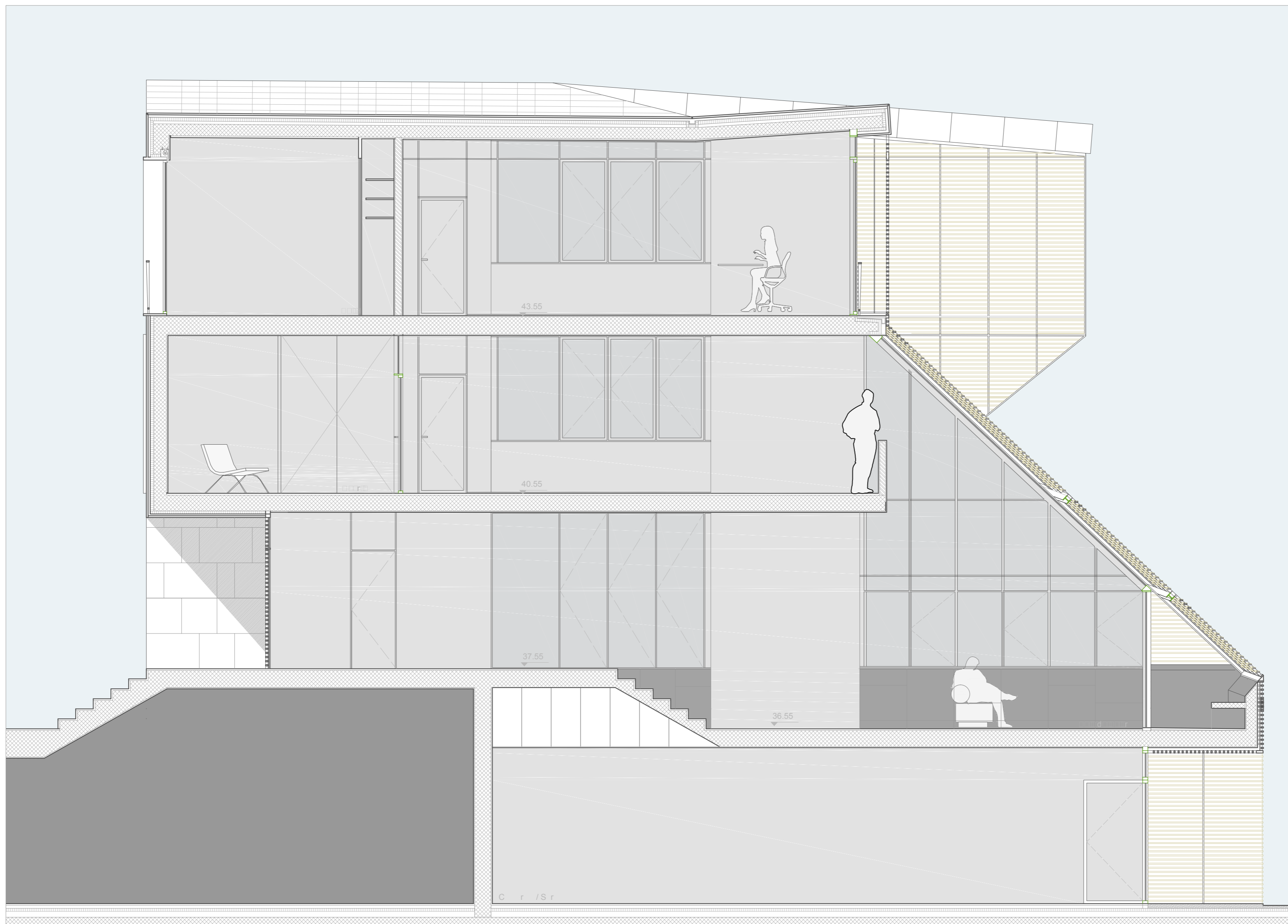
ALÇADO RUA CAPITÃO RENATO BAPTISTA



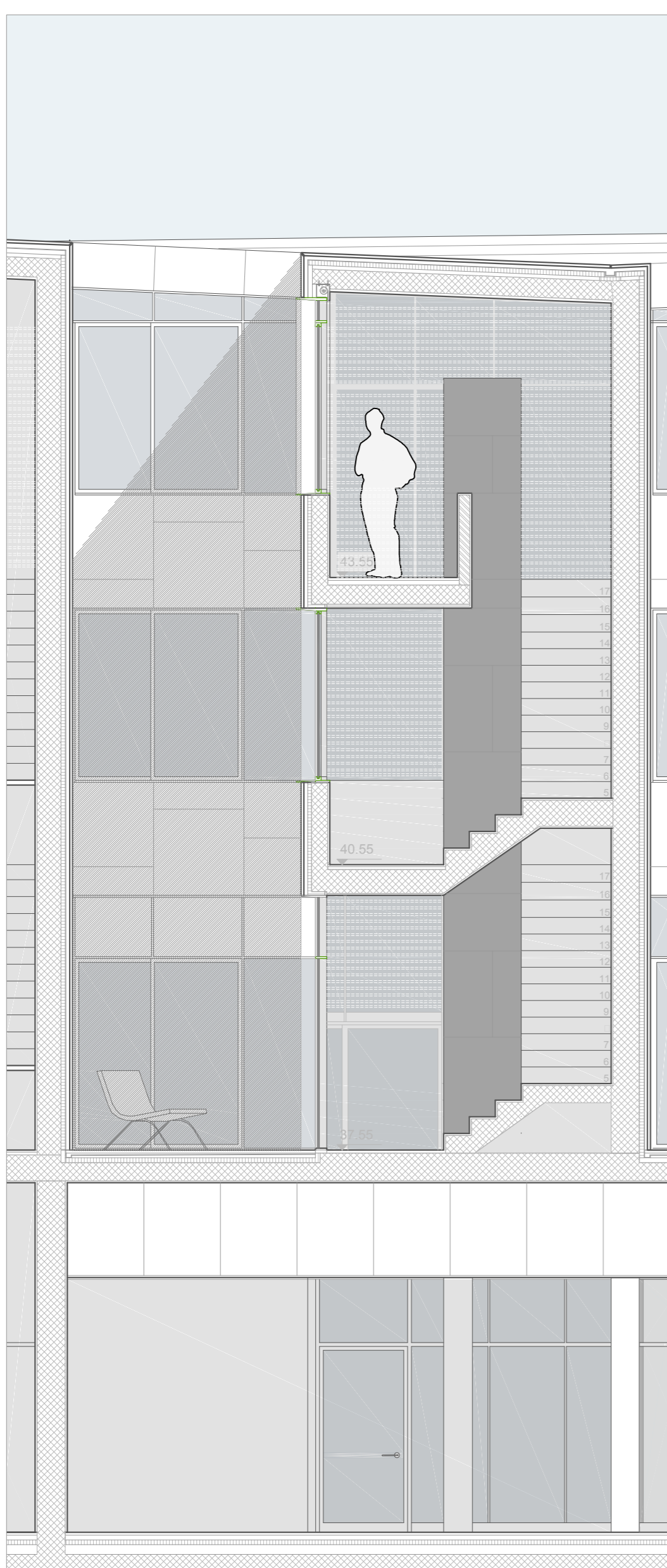
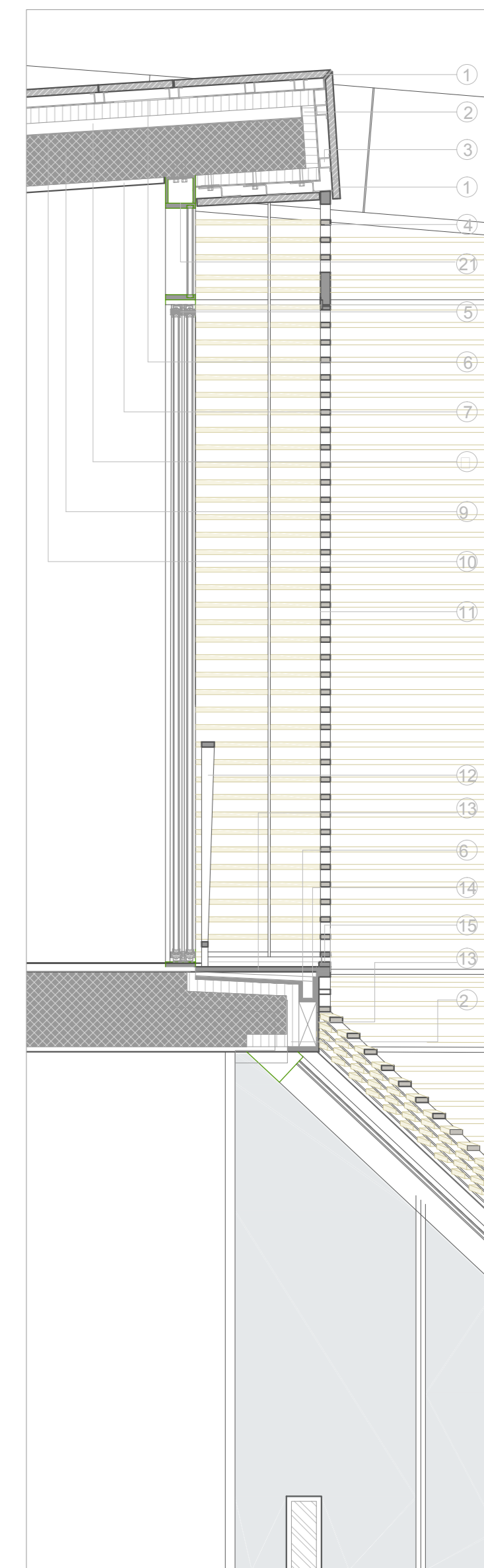
LEGENDA

1. Camada de limpeza 2. Isolamento térmico tipo Roofmate esp. 50mm 3. Tela de Impermeabilização 4. Estrutura metálica de suporte 5. Pedra calcária branca de acabamento amaciado Barreira de vapor 7. Betão 8. Reboco 9. Guarda metálica 10. Pavimento de madeira 11. Caixilharia de metal 12. Moldura metálica 13. Estrutura de suporte fachada ventilada 14. Revestimento pastilha cerâmica 15. Chapa metálica 16. Pedra calcária cinzenta 17. Dreno 18. Seixos





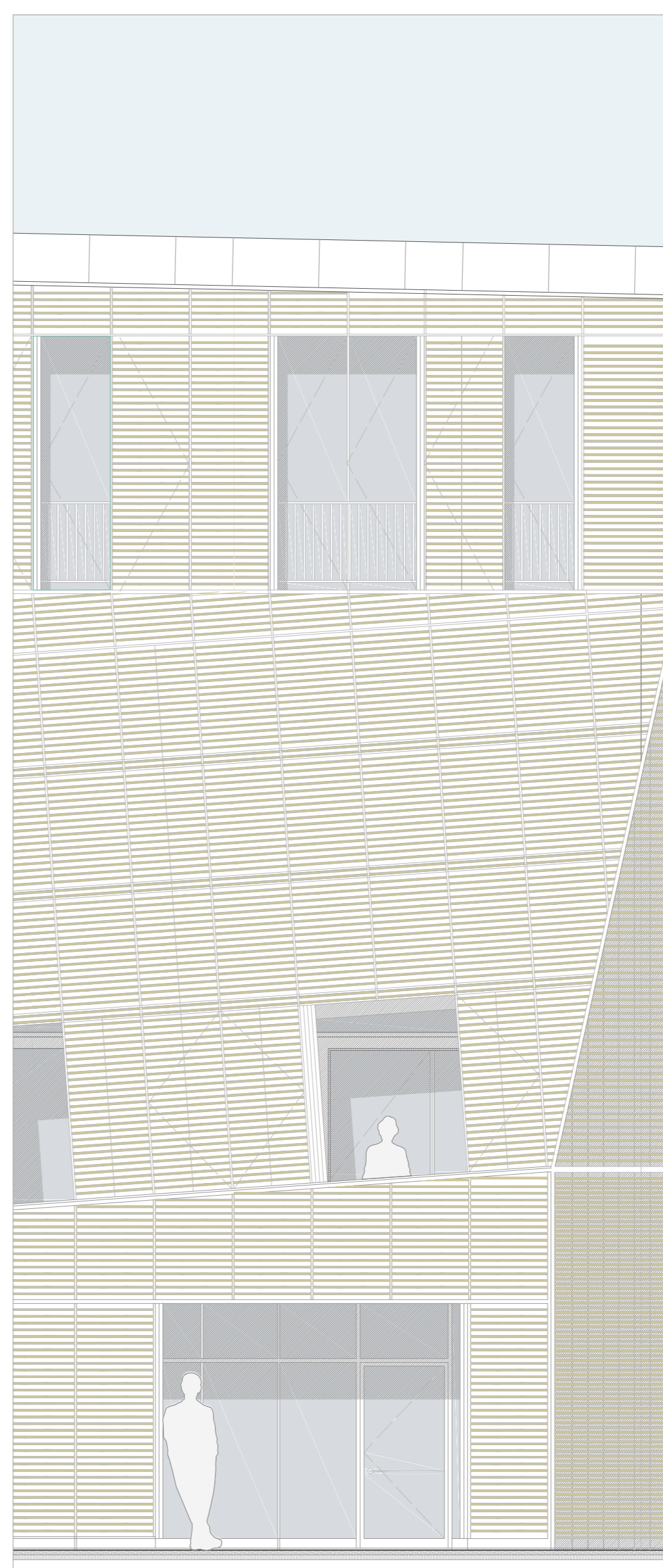
CORTE HH'



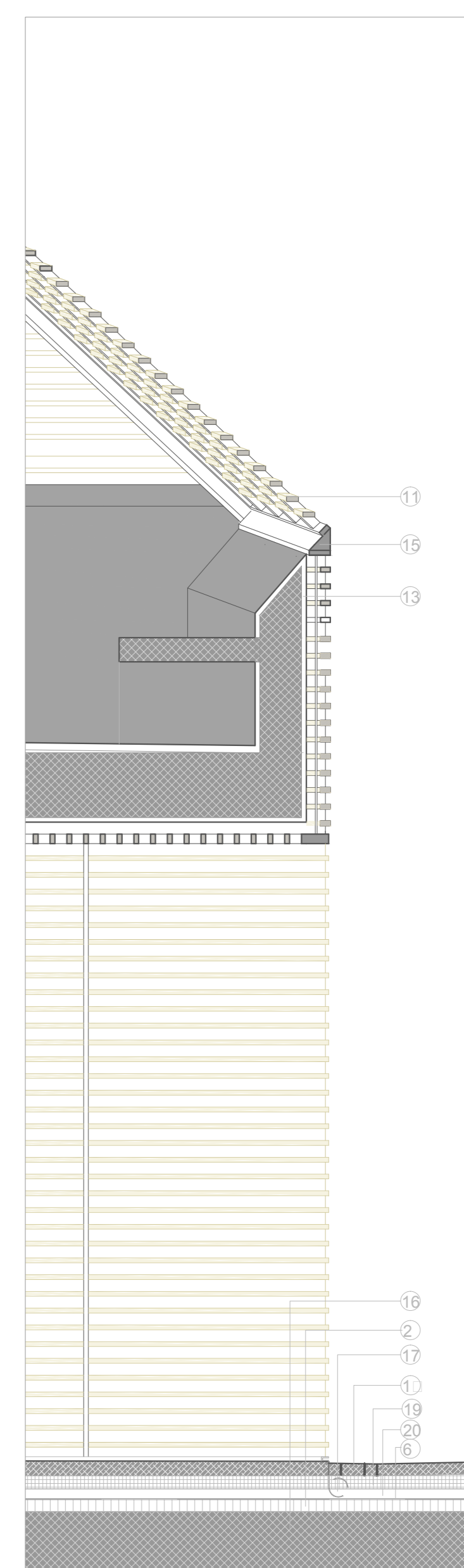
CORTE II'



ALÇADO SUL



ALÇADO NORTE



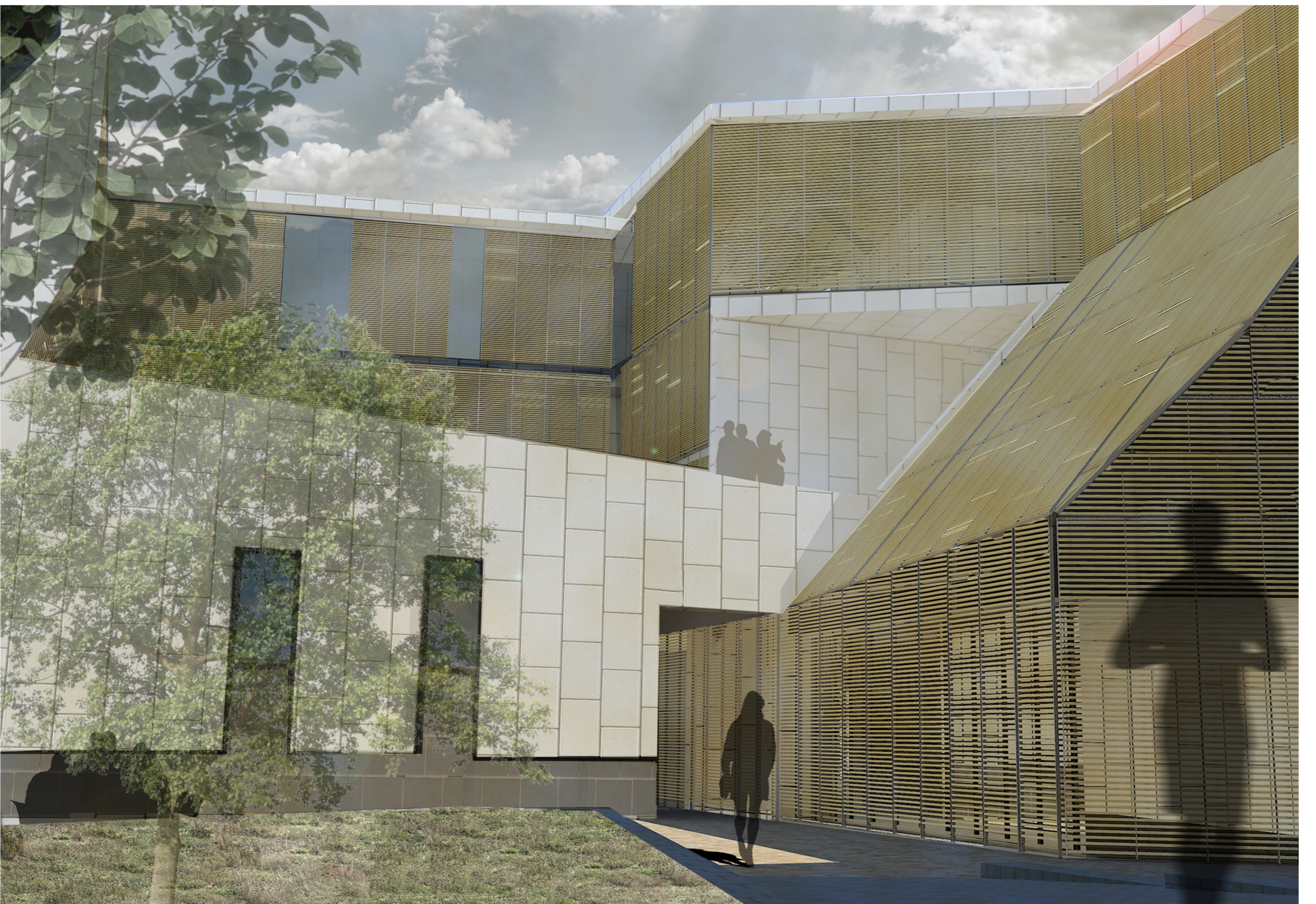
CORTE 1/20
FACHADA NORTE

LEGENDA

1. Pedra calcária branca de acabamento amaciado esp. 3mm
2. Isolamento térmico Roofmate esp. 5mm
3. Perfil metálico de suporte
4. Ripado de madeira 50mm x 20mm
5. Caixilharia em metal
6. Tela de impermeabilização
7. Reboco
8. Camada de limpeza
9. Laje de betão
10. Barreira de vapor
11. Painel de sombreamento em ripado de madeira
12. Guarda de metal
13. Chapa metálica
14. Caleira
15. Estrutura metálica de suporte
16. Laje de Betão
17. Dreno
18. Pavimento em lioz esp. 5cm
19. Camada de regularização
20. Camada de brita
21. Perfil metálico tubular



VISTA EXTERIOR DO CLUSTER



VISTA INTERIOR DO CLUSTER